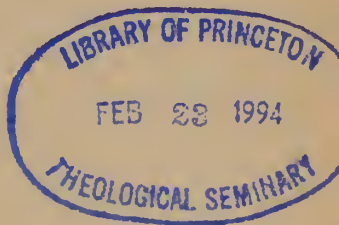
BANDEIRANTES DA FÉ

MARIA DE MELO CHAVES

BANDEIRANTES DA FÉ

BELO HORIZONTE

1947

TODOS ESTES MORRERAM NA FE'......

....

....

CONFESSARAM QUE ERAM ESTRANGEI-
ROS E PEREGRINOS NA TERRA.

HEBREUS 11:13

NOTA PRELIMINAR

A possibilidade de publicação dêste livro tem sido para mim, dêsde alguns anos atrás, como aquele violino encantado do conto de Sienkiewicz, cujos acordes maviosos, de tal maneira acalentavam os sonhos do menino pobre, que uma noite, contemplando da janela o instrumento dependurado à parede, ouviu deslumbrado o gemer dolente das cordas vibrando com as notas de uma terna e suave melodia, só porque a claridade do luar, penetrando no aposento, dera em cheio no violino.

Se não me fosse possível realizar êsse ideal, como agora acontece, ainda teria de ouvir por muito tempo a música imaginária a vibrar nos meus ouvidos, tal a intensidade da inspiração que sentia, de fazer conhecida a narrativa singela e franca que se vai ler, na qual são mencionados os feitos heróicos dos missionários norte-americanos, dos ministros evangélicos brasileiros e dos dedicados crentes que abriram, num esfôrço comum, como denodados bandeirantes, as estradas dos sertões de Minas ao Evangelho de Jesús Cristo.

O livro não contém a biografia de uma ou mais pessoas. Contém retalhos de biografias diversas, como detalhes indispensáveis à concatenação dos fatos narrados.

As referências sôbre meus pais e outros parentes meus, como também aquelas que se relaciam comigo mesma, não visam tanto as pessoas mas sim os fatos que com elas se deram e que constituem, não só episódios interessantes, dignos de figurar na história do Evangelismo brasileiro, como tambem representam verdadeira fonte de estímulo para a vida espiritual, cheios de fé e de experiência cristã.

Procurei ser imparcial e justa no registo dos acontecimentos. Não há, de minha parte, nenhum láivo de subserviência quando faço apreciações lisongeiras a que as merece, nem

tampouco intenção de ofender ninguém quando relato incidentes desagradaveis ocasionados por qualquer conduta reprovável. Apenas procuro contar os fatos, sem julgá-los. O julgamento pertence a Deus.

Ha, no entrelaçamento de todos os capitulos, um «fio de ouro». E' a oração, a poderosa arma do crente em Cristo. Tive, como inúmeros e dedicados servos do Altissimo, provas robustas sôbre o poder da oração feita com fé e confiança. «Todo obstáculo que pareça governar alguém, no final das contas ainda poderá conduzi-lo a outra mágica vereda» afirma Frances Parkinson Keyes no seu «River Road». *Mais se aplicam porém, essas palavras, à vida cristã, ao viver piedoso dos servos de Jesus, que costumam enfrentar os obstáculos com o poder da fé, para vê-los ruindo fragorosamente como ruiram as muralhas de Jericó.*

O objetivo do meu livro, portanto, é mostrar a todos aqueles que trilham comigo o mesmo caminho apontado pelo Salvador dos homens e cujo fim é a porta da Cidade Santa, o mencionado «fio de ouro», de ouro puro e reluzente. Para muitos será, talvez, confôrto. Para outros, estímulo. Para um grande número, apenas confirmação do que também sentiram e experimentaram.

Estou satisfeita. Como Coelho Neto, em «Canteiro de Saudades» posso exclamar: «Lembranças apenas me restaram. Plantei-as num canteiro e floriram. São as economias que fiz na vida, saudades, milhões do meu cofre, fortuna do meu coração».

*
* *

Quero deixar consignado aqui o meu agradecimento ao Rev. Paulo Freire de Araujo, dedicado pastor da Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte e às abnegadas missionárias Miss Mary Helen Clark e Miss Verda Farrar, da Igreja Metodista, pelo apôio moral que me deram nesta iniciativa.

A AUTORA

PREFÁCIO

Os muitos afazeres e as ocupações múltiplas têm nos levado ao descuido de nossa própria história, isto é, do registro dos fatos e ocorrências com que se iniciou e desenvolveu a obra evangélica em nossa Pátria.

Imaginemos se «alguém» não houvesse registrado aquêles «Atos dos Apóstolos» que relatam o progresso da Igreja Primitiva? O Pentencostes, a prisão e livramento de Pedro, a morte de Estevam, a conversão de São Paulo, as viagens missionárias, etc.? Que preciosidade não teríamos perdido?

Pois a Igreja Evangélica do Brasil tem perdido uma literatura inspiradora e comovente. Sim, não temos parado um pouco em nosso correr diário para «contar as muitas bençãos», para escrever, com simplicidade e carinho, os feitos dos «BANDEIRANTES DA FE'» que enfrentaram tôda sorte de penúria e dôres para nos legar uma Igreja Evangélica promissora e ativa.

E por quê?

Ainda há pouco traduziu-se para o português um livro que nos conta algo de uma organização em Londres no seu denodo e coragem para salvar pecadores. Registra fatos eloquentes, é certo, mas, remotos e distantes, quando, aqui mesmo, em nossa Pátria, temos material abundante e que, além de ser «prata de casa», é tão eloquente e inspirador quanto qualquer outro de que temos notícia. E' só reuní-lo. Está à mão.

Porque não se escrevem as histórias de Simonton, Miguel Torres, José Ozias Gonçalves, Zacarias de Miranda, Alvaro dos Reis, W. A. Waddell, S. Gammon, Butler, G. W. Chamberlain, C. E. Bixler, H. C. Anderson, A. Reesse, Hipólito de Campos, Bispo Tarboux, Bispo Granbery, H. C. Tucker, W. H. Moore, J. E. Tavares, J. M.

Lander, J. L. Kennedy, Salomão Ginsburg, F. F. Soren, L. M. Reno, Eurico Nelson, D. F. Crossland, W. B. Bagby, W. Shepard. O. P. Maddox, Joaquim Lessa, A. B. Christie, F. Drumond, Anibal Nora, Matatias Gomes dos Santos, Martinho de Oliveira, tantos e tantos heróis da fé cujos nomes relembram o heroismo esclarecido, o amor às almas, emfim, exemplos de vidas entregues a Deus?

O começo da obra evangélica em nossa Pátria foi penoso e difícil. Não fôra o cumprimento daquela promessa de Jesus Cristo, de proteção e companhia diárias, e a fé que seus servos alimentaram e souberam guardar, a obra teria fracassado. A Igreja Evangélica do Brasil precisa mirar-se no espêlho do passado e contemplar o heroismo, o despreendimento, a fidelidade, a renúncia, a abnegação, os ideais e os princípios, enfim, a obra imortal daqueles que foram os vanguardeiros da Causa Santa em nosso país.

D. Maria de Melo Chaves, com seu precioso livro «BANDEIRANTES DA FE'» deu início a nossa história. Registra ela fatos que se relacionam com uma região, é certo, mas, constituem êles patrimônio espiritual de tödos os crentes e devem ser guardados com zêlo e carinho. A autora conhece, de perto, o assunto, o ambiente e os personagens. Ela mesma se torna parte da história. Daí o calor que sentimos nestas páginas. Foram elas escritas também com o coração e coração que vibrou e sentiu. Por isto fomos surpreendidos, tantas vezes, pelas lágrimas, quando líamos os originais. Há páginas comoventes pela piedade que relata e pelas manifestações do amor de Deus que registra. Há livros cuja leitura pode ficar para amanhã. Êste não será assim. Simples e comovedor êle nos arrebata o espírito. Eleva-nos às alturas celestiais. E de lá vemos o cortejo de heróis desfilando, uns já com a «corôa de glória», outros ainda morejando na terra. Realmente, Alva Hardie, R. Daffin, Manuel de Melo, Cândido Ferreira, Tertuliano Goulart, Cherubino Santos, José Soares, Antônio Martins, Eduardo Lane, Alberto Zanon, e tantos

outros são figuras que inspiram e comovem pelo muito que realizaram no Reino de Deus e pela vida cristã que exemplificaram.

Vamos pôr o nosso ponto final.

O Brasil evangélico está de parabens. Descobriu uma escritora de mérito. E' ela filha de um «bandeirante»... E escreveu um livro que é um confôrto para os velhos e um encorajamento para os moços.

Belo Horizonte, 30 de dezembro de 1947.

Paulo Freire de Araújo

I

REMINISCÊNCIAS

Em alguns recantos do interior de nosso país, não faz muito tempo, a instrução era considerada artigo de luxo, concepção esta de tal maneira arraigada na mente do sertanejo, que sómente as famílias privilegiadas, de grandes cabedais e recursos financeiros, se atreviam a mandar os filhos estudar fora, para «aprenderem a ler e fazer conta».

Em 1917, quando eu e Marta, minha irmã, voltámos de Araguarí, no Triângulo Mineiro, cidade que naquele tempo era como que uma guarda-avançada em matéria de ensino, muitas pessoas se dirigiram à nossa fazenda, em Perdizes, especialmente para saber se era mesmo verdade o que tinham ouvido dizer, isto é, se de fato, nas escolas da cidade, os meninos já começavam a aprender, «estudando em livros».

Estavamos fazendo o curso primário. Diversos mestre-escolas de fazendas dos arredores vieram passar alguns dias conosco para que nós lhes ensinássemos algo do que tinhamos aprendido no colégio.

Jamais me esquecerei do pasmo que se apossou de um afamado professor e preceptor de filhos de fazendeiros, o sr. Pio Luiz de Mendonça, irmão de meu avô materno quando, no meu entusiasmo de creança, afirmei ser capaz de saber quantas horas, êle, o nosso querido tio, já tinha vivido sôbre a terra.

— Oh! menina, será mesmo possível? — inquiriu meio incrédulo.

— Sim, senhor, posso provar imediatamente — retorqui.

— Pois olhe, minha filha, lá na Bagagem (primitivo nome da cidade de Estrêla do Sul), apareceu certa vez um

doutor que sabia fazer dessas contas. Eu, que era mocinho naquele tempo, pelejei para aprender, mas não consegui. Mas agora, nem que seja preciso ficar aqui uma semana, não sáio sem saber...

Fui buscar papel e lapis e perguntei ao velho quantos anos fizera.

— Setenta e cinco — respondeu, os olhos bem abertos e curiosos. Completei no dia dois dêste e está lá em casa o meu batistel para quem quizer ver — concluiu orgulhoso, olhando com superioridade as pessoas presentes.

— Então o senhor está com setenta e cinco anos e vinte dias, pois estamos a vinte e dois de dezembro...

— E' exato. Mas, vejam que menina esperta!

— Quer dizer que meu tio nasceu no ano de 1842.

— Justamente. No ano em que os escravos não queriam trabalhar, um ano custoso, como dizia minha mãe.

Enquanto o bom velho fazia essas observações, revolvidas na sua grande saudade, eu multipliquei setenta e cinco por trezentos e sessenta e cinco, obtendo vinte e sete mil, trezentos e setenta e cinco dias.

— Nesses setenta e cinco anos — exclamei — o senhor teve dezoito anos bissextos; portanto, vou somar mais dezoito dias dêsses anos, bem como os vinte que passaram desde o seu último aniversário. Pronto, tenho o total exato de vinte e sete mil, quatrocentos e treze dias, que é a sua idade. Multiplicando agora esse número por vinte e quatro, teremos seiscentas e cinquenta e sete mil, novecentas e dôze horas...

O velho caíu das núvens. A admiração foi tão grande, que num instante me vi rodeada de uma multidão de agregados, vizinhos e empregados da fazenda, todos querendo saber quantas horas já tinham vivido... Tive que atendê-los a todos, sem omitir o mais humilde dentre êles, o Sebastião da Felícia.

Meu tio sabia a data do nascimento de quáse todos e, de alguns, mais íntimos, lembrava-se até da primeira ca-

misa que haviam vestido. Memória admiravel e inteligência brilhante possuia aquele homem. Outro seria o seu destino se tivesse sido criado em melhor ambiente.

Três dias depois, tio Pio já era um mestre em reduções. Transmiti tambem a êle algumas noções sôbre sistema métrico, fazendo-lhe presente de uma Aritmética de Trajano. O resultado foi que meu pai teve de comprar e pôr à venda, na loja que mantinha na própria casa da fazenda, algumas dezenas do livro, pois todo o mundo queria aprender a fazer conta.

Êsse incidente foi relatado para servir de marco inicial e simbolíco à narrativa verídica que passo a fazer, na qual se encontram referências sôbre a vida do homem que foi meu pai, um grande patriota e, principalmente, um grande cristão.

*

* *

Quarenta e cinco anos antes do incidente narrado acima, portanto em época de muito maior atrazo intelectual, nascia na fazenda da Chapada, municipio de Bagagem, no dia 10 de dezembro de 1872, um menino que recebeu o nome de Manuel Joaquim, sendo seus pais José Joaquim de Melo e Gertrudes Maria de Jesús. Meus avós eram primos e descendiam do bandeirante paulista João Leite da Silva Ortiz, bem como do Barão de São Francisco, Cabral de Melo, cuja família se havia entrelaçado com descendentes do bandeirante.

Cabral de Melo viveu, rico e poderoso, no local denominado São Francisco das Chagas do Campo Grande, hoje cidade de Rio Paranaíba. Um de seus filhos, atraido pela fama dos garimpos de Bagagem, transportou-se com a família para as ubérrimas terras dêsse município, naquela época cobertas de mataria virgem e povoadas de indios.

Ali cresceu a família, tornando-se influente na região.

Entre os bisnetos do Barão contavam-se, anos depois, meus avós.

*
* *

José Joaquim de Melo, meu avô paterno, foi um homem bastante inteligente, mas muito sistemático e teimoso. Minha avó, ao contrário, era o tipo de mulher de inteligência pesada, mas de espírito dócil e compassivo, concordando sempre com as opiniões alheias, especialmente com as do velho. Foi mãe extremosa, esposa dedicada e excelente dona de casa. Criou quatorze filhos, dôze varões e duas moças.

Manuel Joaquim de Melo, meu pai, herdou qualidades e características de ambos. Suas disposições físicas eram as de minha avó. Do pai herdara, porém, destacadas qualidades de caráter, a inteligência e o gôsto pelas letras ou, melhor, pela leitura, muita queda para a medicina, pela agricultura, grande discernimento em questões de comércio, disposição para a vida religiosa e até um pouco da teimosia do velho.

Sistemático ao extremo, meu avô jamais quiz possuir além do necessário à manutenção da família. Humanitário, coração afeito à pratica do bem, viajou várias vezes, léguas e léguas, varejando pelas matas e serranias das redondezas, a pé ou a cavalo, não importava, para levar recursos, isto é, medicamentos e víveres aos que necessitavam. Conhecesse ou não a pessoa em aflição, com doenças ou miséria, lá ia proporcionar socôrro aos sofredores. Possuia uma tendência natural para a medicina, quáse um dom de curar. Como naqueles tempos obscuros não havia médicos formados senão na Côrte e em algumas poucas cidades da provincia, aqueles que, por esfôrço proprio, adquiriam alguns conhecimentos de medicina e que por isso eram chamados «práticos», tinham sôbre si a responsabilidade de

atender aos angustiosos apêlos que lhes vinham muitas vezes de longe, a léguas de distância. Muitos dêsses práticos foram, em repetidas ocasiões, procurar meu avô para que os ajudasse a tratar dos doentes, especialmente quando defrontavam algum caso complicado. Meu avô era um homem prestativo e tinha prazer em servir. Quem o procurasse, jamais saía de sua casa sem ser atendido e beneficiado.

Sua opinião era também respeitada em casos de demandas ou desinteligências entre vizinhos. O vizinho; naqueles tempos longínquos, não significava propriamente um morador nas proximidades de alguém, mas sim aquele cujas terras «faziam divisa» com outras, de outro dono, embora a casa de morada estivesse a quatro, cinco ou dez léguas de distância.

José Joaquim de Melo tornou-se assim, sem querer, um juiz na região. E era um juiz digno. Suas opiniões eram tão equilibradas e revestidas de tal senso de justiça, que os proprios interessados as transformavam em sentenças e as cumpriam à risca, pondo fim à pendência.

Na última visita que lhe fiz, garota de dôze para treze anos, contou-me êle o seguinte incidente, que aliás eu já conhecia, por ouví-lo de meu pai.

De uma feita, quando era ainda moço e os filhos estavam pequeninos, foi chamado para tratar uma mulher atacada de maleita. Para atendê-la, tinha que viajar dôze léguas a cavalo e atravessr os rios Perdizes e Dourados. O primeiro seria cruzado a váu e o segundo em canôa. Minha avó rogou-lhe que não se arriscasse a fazer tão penosa viagem, devido estar adoentado. Êle não atendeu, respondendo que se aquela doente morresse, por faltar-lhe o medicamento, jamais teria paz em seu coração. Ela pediu-lhe então que não fizesse a viagem sómente em companhia do próprio que tinha vindo chamá-lo, mas que levasse mais uma pessoa para a volta. Êle respondeu que não — e o seu não era positivo — montou a cavalo e embrenhou-se na mata.

Fez uma viagem penosíssima mas chegou a tempo para salvar a doente. Preparou o medicamento, deixou as devidas recomendações aos parentes da enfêrma e, dois dias após, virou de volta. Insistiram com êle para dizer o preço do tratamento e dos remedios. Respondeu que não fazia uma viagem como aquela para ganhar pouca cousa mas sim para salvar uma vida. E isso êle o tinha conseguido, com o auxílio de Deus. Portanto, estava bem pago o seu trabalho. Além de não receber nenhuma remuneração, dispensou a companhia do camarada que as pessoas da família queriam mandar acompanhá-lo no regresso.

Ao chegar às margens do rio Dourados, apeou do cavalo e, emquanto esperava o barqueiro para transportá-lo à outra margem, começou a revirar distraidamente, com um pedaço de madeira, o cascalho sôlto à beira do rio. De repente viu saltar, dentre a cascalheira, uma pedra diferente. Experiente como era e conhecedor das lides de garimpo, viu logo que se tratava de um diamante de alto valor. Apanhou a pedra e colocou-a calmamente no bôlso. Em pouco chegava o barqueiro, que o transportou logo à margem fronteira.

Um outro qualquer, de temperamento afôito, talvez tivesse pôsto imediatamente a cavalo a galope. Meu avô, não. Tocou vagarosamente o animal, já bastante preocupado. Com aquele diamante teria na verdade, em mãos, uma grande fortuna. Mas... valeria a pena? As preocupações, o dessassossêgo, as lutas no seio da familia, tudo o acabrunhava, como que antevendo o futuro. Não desfrutaria mais da preciosa paz de pobre com que estava acostumado, sem sonhos de grandeza, sem orgulho, sem os desmandos próprios da gente abastada. Os filhos, criados no trabalho de cada dia, talvez não se sujeitassem mais ao labutar constante e costumeiro e se tornariam malandros e preguiçosos. Não. Não devia levar aquela fortuna para casa. Iria prejudicar, em vez de beneficiar a família. A sua quáse devoção era o trabalho e qualquer cousa que surgisse para empanar o brilho dessa crença, plantada em seu espirito desde a

mais tenra idade, cultuada com carinho, todos os dias, até aquele momento — sim o trabalho bemdito, do nascer ao pôr do sól, desde a sementeira promissora à flor da terra até a derrubada dos vigorosos troncos da mata virgem — qualquer cousa que surgisse para escurecer a beleza dessa crença, para apagar a esteira luminosa do labutar diuturno que ele e seus filhos trilhavam — devia ser posta à margem, relegada a plano inferior, atirada para longe, amaldiçoada...

Parou o cavalo à sombra de uma cabiúna e cismou por alguns momentos. Apeou, cavou com a faca uma cova ao pé da árvore e ali enterrou o diamante. Tranquilamente, pôs-se de novo a caminho. Em casa, narrou o fato à companheira e pediu sua opinião. Devia voltar para desenterrar a preciosa gema e trazer com ela, para dentro do lar, a riqueza, acompanhada de seu enorme cortêjo de preocupações e interesses mesquinhos, ou continuariam a levar a vida de pobres a que estavam acostumados, com a paz e as bençãos de Deus?

Minha avó achou melhor deixar a pedra enterrada ao pé da árvore. Não desejava mudança em sua vida. Não se acostumaria mesmo com uma transformação brusca como a que costuma trazer a riqueza, quando entra de repente numa casa. Que continuassem levando a vida simples de pobre, mas abençoada, com a conciência do dever cumprido e a labuta pelo pão de cada dia! Eis o que me contou naquela última vez que o vi, quáse meio século depois que se deu o incidente acima narrado, quando já estava cégo e paralítico.

Um dia, porém, chamou um dos filhos e contou-lhe o caso do diamante. Explicou minuciosamente, deu os detalhes do local e mandou que fosse procurar a pedra. O rapaz chamou os irmãos, repetiu-lhes a história e todos se tornaram tristes, pois concluiram que o velho, além de cego e paralitico, estava tambem «desequilibrado», sofrendo da

cabeça. Nêsse tempo minha avó já não existia para confirmar o fato.

O filho deixou passar uns dias e voltou à presença do velho para dizer-lhe que não encontrara o diamante. Meu avô censurou-o, recriminando àcremente o seu desinterêsse, pois sabia que a preciosa gema ainda se achava enterrada no mesmo local. E aí ficou encerrado o caso.

Foram plantadas roças à margem do rio, o aspecto do local ficou inteiramente mudado, mas a velha cabiúna desafiava o tempo, os homens e a civilização. Ela cumpria com fidelidade o seu papel de guarda do tesouro.

Anos se passaram. Uma viuva, paupérrima a ponto de viver passando fome em companhia dos filhos pequenos alguns dêles mentecaptos, conseguiu que o fazendeiro proprietário daquelas terras lhe desse consentimento para levantar um ranchinho a poucos passos da cabiúna.

Um dia, faltando alimento em casa, como quáse sempre acontecia, muniu-se de um anzol e dirigiu-se à margem do rio para apanhar algum peixe. Ao atravessar uma estrada que desembocava ali no pôrto, sentou-se à sombra da velha cabiúna, que desafiava a foice e o fogo das queimadas, para meditar, cansada e aflita, sôbre a sua triste situação.

Enquanto pensava, nervosamente ia quebrando o barranco feito pelas enxurradas ao pé da arvore no seu perpassar de tantos anos. De repente seus olhos, dilatados pelo espanto, viram a maravilhosa pedra, saltando da terra. E aquelas mãos, acostumadas a apanhar as migalhas e os restos que lhe atiravam os favorecidos da fortuna, enclavinharam-se afoitamente, segurando com força aquela riqueza que o destino lhe punha diante dos olhos.

Mais uma vez a fortuna fazia cumprir os seus disígnios misteriosos, beneficiando agora uma infeliz que, mais que ninguém, necessitava do seu auxílio.

O moço, que um dia pensou estar o pai acometido de um acesso de loucura, quando soube do sucedido, arrependeu-se amargamente por não ter seguido as instruções do

velho. Consolou-se porém, sabendo que a fortuna tinha, dessa vez, procurado uma pessoa que dela necessitava mais que ninguém. Êsse diamante foi vendido em Uberaba, por um fazendeiro que o adquirira em Abadia dos Dourados, por fabulosa soma.

* *
*

Meu avô, conforme referi antes, era um verdadeiro amigo do trabalho e por isso soube criar os filhos num regime de atividade e honradez. Em sua casa nunca houve lugar para os ociosos. Mas para aqueles que quizessem ganhar honestamente o seu sustento, sua casa foi um verdadeiro asilo, de portas sempre abertas. Muito metódico, êle fazia tudo dentro dos princípios da ordem. Todas as manhãs, chovesse ou fizesse sol, frio ou calor, levantava-se e punha a turma tôda para fora. A não ser por motivo de doença, nenhum dos filhos de José Joaquim de Melo jamais esperou o sol sair, deitado na cama.

Cada filho tinha seu trabalho estipulado e ninguém empurrava tarefa para outro. Era uma colmeia viva, onde cada um cumpria religiosamente o dever, sem discussão e sem queixa.

Todas as noites, após o labutar do dia, o velho reunia os filhos em volta da mesa grande da sala de jantar para ministrar-lhes pequenos conhecimentos, que constavam de um pouco de leitura, as quatro operações e bons conceitos baseados em moral sadia. Não se esquecia tambem dos ensinamentos de medicina doméstica. Se meu avô tivesse sido um homem culto, talvez fosse um grande educador, pois já no seu tempo, intuitivamente, usava os métodos preconizados pela pedagogia moderna, sob a base do «aprender, fazendo».

Assim, ele criou os seus quatorze filhos, num lar pobre e honrado, mas que soube exercer, sobre aqueles rapazes e moças, uma influência poderosa e sadía que os acompanhou a todos, pela vida em fóra.

II

PRIMEIRAS LUZES

Meu pai foi sempre um menino doentio e, por isso, ao contrário dos outros irmãos, teve mais oportunidade de viver em casa, auxiliando a mãe.

Vitimado diversas vezes pela maleita, ficou sofrendo do fígado e não podia, com os outros irmãos, enfrentar os rudes serviços da lavoura. Quando estava melhor, ia para a roça, mas nas ocasiões de crise, obrigado a permanecer em casa, encontrava sempre alguma cousa para fazer, pois seu temperamento irrequieto não se acomodava à ociosidade. Dessa forma, num esfôrço inconciente de aprimoramento do caráter, adquiriu um senso de responsabilidade até exagerado.

Gostava muito de passar dias e até mêses, em casa de David, o irmão mais velho. Êsse era casado e possuia uma pequena fazenda em local salubre e agradável. Meu pai e o tio David foram sempre os irmãos mais unidos da família. Tio David foi o primeiro bandeirante da fé evangélica nos sertões do Triangulo Mineiro e foi quem levou meu pai aos pés do Cristo de Deus.

A família de meu avô era muito religiosa. Ninguém perdia têrços, novenas e procissões, missa do galo, festêjos de São João, Santo Antônio e São Pedro bem como outras festas e tradições católico-romanas. Viajavam quatro léguas a cavalo, durante a noite, para assistir a missa do galo, denominação dada às comemorações do Natal. Todos davam esmolas para os santos, faziam e cumpriam promessas, com todo o zêlo e ardor dos bons católicos.

Mas meu tio David, que era homem dotado de uma

inteligência privilegiada, começou a observar a vida de um padre, seu mentor espiritual. E o que poude observar acabou levando-o a uma certa descrença, pois não podia compreender, apezar do respeito que nutria pelo sacerdote, como conciliar o que o padre pregava com o que praticava. Mesmo um tanto descrente, não deixou transparecer nada para a família, nem mesmo para a espôsa, pois considerava tal atitude como rebeldia e, consequentemente, como pecado mortal.

Procurando ver-se livre dêsses pensamentos pecaminosos, resolveu penitenciar-se e o fez de maneira tão rigorosa, que caíu doente, em conseqüência dos jejuns e penitências corporais.

Quando começava a convalescença, um amigo, por nome José Quirino, foi visitá-lo, levando-lhe de presente, uma cousa preciosa naquele tempo: um livro.

José Quirino era um dêsses raros homens de quem se pode dizer que considerava o mundo feito a seu gôsto. Andava sempre bem humorado, falava por dez mulheres, soltava gargalhadas que eram ouvidas a grande distância, e considerva a vida uma bôa pilhéria.

Chegando à casa do amigo, foi dizendo: — Olhe, David, eu vim fazer uma visita e trazer esta joça para você, que é meio letrado, dizer o que é. E atirou o livro na cama do tio David. Isto — continuou êle — tem andado de mão em mão e já viajou que não foi brinquedo, desde que saíu da Bagagem. Como você não pode trabalhar agora, convém ler para descobrir o que êle conta...

— Mas onde o arranjou? — inquiriu tio David.

— Foi o compadre Juca, meu irmão, que ganhou êle de um viajante esquisito que ia pra Paracatú.

— Vou ler, Quirino, mas tomara que não seja uma das Biblias falsas espalhadas por um tal João Boyle, que morreu ha pouco tempo lá na Bagagem. Você já ouviu falar nisso, Quirino? Já ouviu alguma cousa sobre êsse extrangeiro? Você acredita em tudo isso que andam falando por aí?

— Sei lá, David, — respondeu Quirino. O que sei é que tudo nêsse mundo é engano. Você conhece homem mais falso do que o nosso vigário?

Tio David caíu das nuvens. Êle julgava-se o único sabedor de alguns detalhes da vida do padre e agora via que não era assim. Meio desapontado, sem saber o que responder, disse ao Quirino, que se levantava para sair: — Bem, Quirino, pode deixar o livro que vou ler...

Meu tio estava ansioso por se ver livre do visitante para poder pensar um pouco sôbre aquelas palavras ferinas e ditas entre dentes, mas que revelavam, significativamente, que o sertanejo, ávido por uma luz espiritual mais intensa, começava a acordar...

Logo que o Quirino saíu, êle abriu sôfregamente o livrinho, que ao invés de ser uma Bíblia completa, era apenas o Novo Testamento.

Estava êle muito interessado e mesmo absôrto na leitura do Evangelho, quando um outro visitante entrou repentinamente no quarto. Não desejando que alguem o visse lendo aquele livro, tentou escondê-lo, mas foi infeliz no seu gesto, pois o outro já tinha visto e reconhecido o pequenino exemplar, como uma daquelas sementinhas preciosas espalhadas pelas mãos santas e abençoadas do Rev. João Boyle.

José Dornelas, assim se chamava o recém-chegado, era um homem esquisito, segundo diziam, e com quem todos evitavam convivência, pois êle vivera na chácara de propriedade do rev. João Boyle, situada no Córrego da Onça. Todos o apontavam como compactuado com o ministro pelo fato de residir numa propriedade do mesmo. Com o falecimento do consagrado servo de Deus em Estrêla do Sul, (antiga Bagagem), tendo a familia resolvido vender a chácara, José Dornelas de lá se mudou para outro local. Mas continuou sendo evitado e repudiado pelos vizinhos, que o encaravam com maus olhos, considerado como era, exconmugado da Igreja.

— Seu David — disse êle — vim aqui para comprar do senhor um pouco de mandioca para minha horta. Meu sitio está morrendo no mato, não encontro quem queira trabalhar para mim porque todos acham que sou amaldiçoado...

A conversa se prolongou em tôrno das condições do sítio e das roças do Zé Dornelas, até que recaíu sôbre o livrinho. Foi Dornelas quem perguntou a tio David se era dele e se gostara da leitura.

—Não — respondeu meu tio. Não é meu, um vizinho o trouxe aqui para eu descobrir de que trata. Estou com medo de ser uma das tais Biblias falsas espalhadas pelo protestante de Estrêla do Sul. O senhor conhece essas Bíblias? Diga com franqueza, seu Dornelas...

— Graças a Deus, mil graças a Deus por me haver concedido o privilégio de conhecer um pouco dêsse livro, seu David.

— Não diga — replicou meu tio. Pois não são essas as Bíblias falsificadas?

— Não, seu David. Não são falsificadas. São as Escrituras, a Palavra de Deus que o saudoso Rev. João Boyle espalhou aqui entre o nosso povo. Êle está agora no céu, colhendo os frutos do seu abençoado trabalho.

Tio David sentiu tanto horror ao ouvir estas palavras, que até se benzeu, fazendo o «pelo sinal», ou sinal da cruz.

O Dornelas riu-se a mais não poder e a seguir explicou ao amigo que aquela Bíblia nada tinha de extraordinário e era igualzinha à do Padre Manuel Luiz, em quem êles os católicos, confiavam cégamente.

— Se o senhor quizer — disse ele ao meu tio — pode arranjar a Bíblia do padre emprestada, eu trago a minha e vamos conferir. Eu perco a minha casa, se o senhor achar alguma coisa em desacôrdo.

— Pois está feito. Vou domingo tomar café com você e levo a Bíblia do padre. Vou esta semana à cidade, para arranjar com o vigario...

— Então, estou esperando o senhor e a família para passar o domingo em minha casa.

Assim, tio David assumiu o compromisso mais decisivo de tôda a sua vida.

*
* *

Logo que se sentiu em condições de viajar, rumou para a cidade de Carmo da Bagagem, hoje Monte Carmelo, afim de obter com o Padre Manuel Luiz, a Bíblia que ele tanto desejava, para poder confrontar com a do Dornelas.

Aproveitando a ocasião, levou várias amostras de produtos da fazenda para vender na cidade. Para o seu Vigário levou um bom presente, conforme o costume antigo.

Chegou à casa do Padre justamente na hora do almôço. Durante a refeição conversaram bastante sôbre muitos assuntos, no decorrer dos quais meu tio procurava encaminhar a conversação para o lado religioso, salientando que tinha grande desejo de ler as Sagradas Escrituras. Mas o Vigário era sabido e, geitosamente, tirava o corpo, mudando de assunto. Não houve meio de obter do Padre qualquer esclarecimento sôbre o angustiante problêma espiritual que atormentava a conciência de tio David.

Desanimado, deu uma «volta no comércio» e voltou á casa do Vigário, decidido a arrancar-lhe a Bíblia das mãos, custasse o que custasse.

— Seu Padre — foi dizendo logo de sopetão — eu vim aqui à cidade hoje sòmente para arranjar a sua Bíblia emprestada, pois lá pelos meus lados anda uma porção de Bíblias falsas e eu resolvi comparar a sua, que é verdadeira, com as outras, para a gente ficar sabendo direito como é essa cousa...

Você está ficando doido, David — exclamou o Vigário espantado. Nada disso. A minha Bíblia está em latim e pessoas ignorantes como você não podem compreender

e vão até cometer pecado... Olhe, a Bíblia é um livro muito difícil e só nós, os padres, é que a podemos lêr e tirar dela as lições de que o povo necessita, só nós temos os estudos necessários para isto. Além de tudo, a Santa Madre Igreja achou por bem vedar a leitura da Biblia aos leigos e você não quer quebrar os mandamentos da Igreja para não ser excomungado, não é David?

— Mas escute, Vigário, nós não aprendemos que a Bíblia é uma carta deixada por Deus aos homens?

— E' sim, aprendemos isto e é a verdade...

— Pois, seu Vigário, fique sabendo que se meu pai aqui na terra me deixar uma carta, ninguém, por cousa alguma, poderá me impedir de ler essa carta. Assim também ninguém pode me impedir de lêr a carta de Deus aos homens pecadores e eu, como um deles, preciso saber o que está escrito a meu respeito. Pode me excomungar, senhor Vigário, póde fazer o que entender, pois vou arranjar a Escritura Sagrada seja onde fôr, para poder proclamar bem alto a verdade de Deus e dizer a todo o mundo que os padres querem nos impedir de lêr a carta de nosso Pai Celeste.

O padre assustou-se e, tardiamente, quiz remendar o êrro cometido. Mas foi tempo perdido. Nem conselhos, nem ameaças, nada mais poderia fazer com que um homem como meu tio voltasse atrás a sua palavra. Êle era descendente de bandeirantes e pertencia a uma geração de homens de caráter, dessa mesma estirpe para quem um fio de barba era documento e a palavra empenhada representava uma obrigação que deveria ser cumprida até com risco da propria vida. Diante da firmeza demonstrada por meu tio, a quem conhecia de perto, o Padre viu claramente que perdera uma ovelha do seu infeliz e desamparado rebanho. Sabia que homens da fibra de David de Melo não voltavam atraz...

Ao despedir-se do sacerdote, tio David fez saber claramente que iria procurar o Dornelas para com êle estudar a Sagrada Escritura, já que isto lhe havia sido negado.

O Padre ainda fez uma tentativa para demovê-lo, presenteando-o com uma velha história sagrada.

Regressando à casa, voltou disposto a romper com a Igreja Romana e disto fez ciente sua espôsa, a tia Maria Isabel. Contou à mulher tôda a conversa mantida com o sacerdote católico, bem como o trato feito com o Dornelas.

Esperou ansioso o domingo. De manhãzinha, todos da casa se encaminharam para o sítio do José Dornelas e lá meu tio passou o dia todo lendo a Bíblia. O vizinho deu-lhe aquelas informações que o seu alcance intelectual e espiritual permitiam. Contou-lhe que em Estrêla do Sul poderia adquirir uma Bíblia bem como outros livros evangélicos. Informou mais que, proximo à cidade, numa fazenda chamada Córrego da Onça, havia uma congregação de protestantes que lhe poderiam esclarecer mais sôbre a fé evangélica.

Outra informação preciosa colhida naquele abençoado domingo foi a da próxima visita que o Rev. Carlos Morton iria fazer às congregações do campo, devendo estar em Estrela do Sul daí a uns vinte dias.

O Rev. Carlos Morton, missionário da West Brazil Mission, consagrado servo de Deus, era casado com d. Lucy Hall Morton, cunhada do grande desbravador espiritual dos nossos sertões, dr. Alva Hardie, de quem falaremos mais tarde. Morton residia em Casa Branca, no Estado de São Paulo e o seu campo se prolongava até a longínqua cidade de Paracatú, em Minas.

Tôda a viagem, lá por aqueles distantes anos de 1893 a 95, eram feitas pelo Rev. Morton, a cavalo. Foi o primeiro pastor da velha igreja presbiteriana de Araguarí. Feito arrojado, verdadeira epopéa de lutas representavam essas longas e penosas viagens a lombo de burro pelos sertões a dentro, povoados de malfeitores, de feras e de enfermidades traiçoeiras. Denodados herois êsses missionário que, deixando o confôrto e o bem estar dos centros civilizados, sua terra distante e sua família, embrenhavam-se nas selvas, varavam os campos, em busca de almas

para o Salvador, tendo tudo como perda por amor de Jesus Cristo!

Além dos perigos naturais e dos riscos próprios dessas viagens arriscadas, tinham que enfrentar ainda a hostilidade dos habitantes das localidades visitadas que, insuflados pelos falsos guias espirituais, cujo interesse era manter o povo na ignorância, moviam perseguições e tratavam mal aos prégoeiros do Evangelho. Verdadeiros bandeirantes, porém, tudo enfrentavam com serenidade, certos de que estavam cumprindo um mandado de Deus e uma ordem do Mestre, que havia dito: — Ide a todo o mundo e prégai o Evangelho a toda criatura...

Abençoada seja a memoria de João Boyle, o homem que residiu em Estrela do Sul onde, a principio chamado de «galêgo» e de extrangeiro pela população, ali viveu de tal modo, até a sua morte, dando um exemplo tão vivo e tão estupendo do Evangelho que prégava, que passou a ser uma das criaturas mais estimadas pela população da legendária cidade.

Abençoada seja a memória de Carlos Morton, o prégador ambulante que abnegadamente se arrancava de seu lar, na distante Casa Branca e afrontava o sol causticante e as intempéries do sertão de Minas até as barrancas de mineração do Paracatú, para anunciar o Evangelho de Cristo. Abençoados sejam os nomes de todos esses herois e daqueles que continuaram a sua grande obra até os dias de hoje.

*

* *

Tio David e Dornelas indagaram exatamente sôbre o dia da passagem do Rev. Carlos Morton e combinaram ir juntos encontrar o ministro.

Emquanto esperava, meu tio continuou lendo as Sagradas Escrituras. Levou a Bíblia do amigo para casa e tanto era o seu afã em conhecer as verdades eternas, que

se levantava de madrugada e, à claridade dúbia do dia que repontava apagando as últimas estrêlas, debaixo do céu sertanejo, ouvindo o côro divino dos pássaros na mata, com o coração saltando de contentamento, abria as páginas do Evangelho. «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» lhe dizia o Salvador... Que alegria! Que benção! Que palavras ditosas estas, que êle repetia em voz alta, descansando o livro ao peito e fitando ao longe a fímbria dos morros que se destacavam ao nascer do sol. Parecia que um novo sol nascia também dentro de seu peito, com uma luz muito mais forte, mais irradiante, mais abrasadora...

«Ninguém vem ao Pai senão por mim». Nada de missas, nada de novenas, de fogueiras, de repique de sinos, de velas, de agua benta. Nada de confissões, nada... nada... nada de intermediários entre Deus e o homem. Sómente Cristo, o Filho do Deus Vivo, o «Filho Unigenito do Pai, que o deu a conhecer...»

Nem papa, nem padre, nem sacristia, nada daquilo que conhecia desde os primeiros dias de sua vida. E ali na Palavra de Deus, que êle lia com sofreguidão, nenhuma referência a essas doutrinas que agora reconhecia como exóticas, intrusas, ofuscando a visão espiritual do homem...

Que felicidade! Como agradecer a Deus tanta bondade? Tinha vontade de saltar, correr, de sair gritando aos quatro ventos, fazendo sentir a todos que encontrasse, quão feliz se sentia!...

Ao meio do dia, à hora do descanso, emquanto os companheiros de trabalho se estiravam preguiçosamente à sombra das arvores que se erguiam à margem dos roçados, David procurava também uma sombra bemfazeja e abria o Livro de Deus. Emquanto descansava o corpo, elevava o espirito ao Alto, pedindo a benção dos Céus para a leitura que ia começar, sim

> Ao meio-dia, quando os sons da terra
> Abafam mais de Deus a voz de amôr

êle sentia seu coração vibrar ao som de uma música

divina para louvar mais alto o bemdito nome do Salvador.

Tanto leu e com tanto interesse em se apossar das verdades do Evangelho, que vencido o prazo de vinte dias, já se sentia disposto a abraçar definitivamente a nova fé.

No dia aprazado êle se aprontou e foi, em companhia do Dornelas, para conhecer o pastor. Antes de sair prometeu solenemente à tia Maria Isabel nada fazer precipitadamente e não ir entrando assim tão cêdo na religião, embora estivesse convencido de que fora da Igreja Evangélica não encontraria nunca mais a paz que o seu coração necessitava.

Ao chegarem à moradia do velho José Esteves, um modêlo de homem de oração e uma espécie de patriarca da Congregação do Córrego da Onça, já ali se encontrava o Rev. Carlos Morton.

Todo mundo ficou admirado da presença do tio David e, mais ainda, quando êle disse aos presentes que viera encontrar o ministro para receber dele explicações. Três dias permaneceu em casa daqueles crentes, ouvindo e aprendendo do bom servo de Deus. Instando com o Rev. Morton, conseguiu que êsse concordasse em ir até a sua casa para falar à esposa e às filhas.

Na fazenda de tio David, passaram-se mais três dias de grande regosijo espiritual para a familia e de grande atividade para o consagrado servo do Senhor. Todos estavam interessados em saber mais e cumulavam de perguntas o pastor, com avidez e disposição de espirito. As perguntas eram todas respondidas com o Evangelho e seguidas de orações tocantes que mais e mais aproximavam do Pai Celestial aqueles corações puros, porém mergulhados na mais compacta escuridão espiritual.

Mas as dificuldades, como sóe acontecer a todos os que se aproximam reverentes dos pés de Deus, com o desejo sincero de conhecer a Verdade que liberta, foram vencidas e, antes de prosseguir viagem, o Rev. Morton recebeu por profissão de fé, meu tio David de Melo, sua mu-

lher Maria Isabel e as filhas Mariinha, Gertrudes e Isabel.

Ao receber aquela família, grande em sua humildade porque sincera e desejosa de uma vida de maior comunhão com Deus, o Rev. Morton longe estava de imaginar quais seriam os frutos que mais tarde teriam de surgir dêsse abençoado trabalho. Muito menos, poderia supôr que dali surgiriam várias igrejas e congregações de crentes sinceros e devotados, simples e consagrados.

As duas famílias, do tio David e do Dornelas, passaram então a fazer suas reuniões em conjunto, ora numa casa ora em outra, todos os domingos, não os impedindo nem o sol nem a chuva...

III

«NO MUNDO TEREIS AFLIÇÕES...»

JOÃO 16:33

As duras provações que quáse sempre acompanham bem de perto o crente em Jesus Cristo, especialmente logo após a sua decisão em viver ao lado do Salvador, no caso de meu tio não se fizeram esperar.

Não tardou que as perseguições viessem atribular, porém fortalecer o coração dos novos conversos. O primeiro a levantar a mão foi meu avô. Católico aferrado e teimoso, quando formava uma opinião, certa ou errada, não a modificava. A opinião que formou sobre o Protestantismo foi a de que era uma doutrina do Diabo e... estava tudo decidido. Não havia argumentos que o demovessem ou que o induzissem pelo menos a reexaminar a questão. Nada se poderia fazer para provar o contrário.

A princípio, êle ficou furioso mas resolveu usar de meios suasórios para desviar o filho daquela crença perigosa, obra do Diabo, prégada manhosamente com capa de religião, pelos seus agentes e ministros. Depois, vendo que nada conseguia, passou a usar de processos violentos. A primeira medida foi proibir terminantemente que os outros irmãos e demais pessoas da família, puzessem os pés em casa de meu tio porque, concluia êle, o David estava com espirito máu...

*

* *

Por êsse tempo, florescia em Araguarí uma congregação de crentes, filiada à Igreja Presbiteriana, que estava fadada a ser, no futuro, um dos muitos abençoados faróis

MANUEL DE MELO

de irradiação do Evangelho nos sertões de Minas.

Tertuliano Goulart, o Tula, como era chamado na intimidade, foi um dos valentes pioneiros dêsse punhado de bravos que, afrontando um ambiente hostil, prenhe de preconceitos sociais, religiosos e políticos, plantaram na fronteira de Minas com Goiaz uma das mais ricas sementeiras da Palavra de Deus.

A igreja evangélica tem uma dívida de gratidão para com a memória do velho Tula. Isto porque sua atuação dentro dos arraiais evangélicos foi uma verdadeira jornada de heroismo e de consagração.

Homem culto, jornalista e cidadão probo, honrado chefe de familia, sua vida foi para a nascente igreja protestante uma poderosa fôrça de estímulo. Tertuliano Goulart, pai do Rev. Jorge Goulart ministro da Igreja Presbiteriana e professor da Faculdade de Teologia de Campinas, um dos belos ornamentos do nosso ministério e sogro do Rev. Galdino Moreira, uma das mais pujantes inteligências que militam no setor evangélico brasileiro, sim, por muitos motivos, Tertuliano Goulart merece um lugar de destaque e mesmo de honra na historia do Evangelismo brasileiro quando êste for escrito. Merece ainda mais o respeito à sua memória por parte de todas as igrejas do Triângulo Mineiro, onde sua vida foi um modêlo de consagração, de desprendimento, de trabalho, de verdadeiro amor à Causa do Mestre.

Muitas vezes, deixando de lado as preocupações de sua árdua profissão, como diretor do «Araguarí» o mais antigo jornal do Triângulo, Tula montava a cavalo, ao lado dos prégadores do Evangelho e saía pelas zonas rurais, auxiliando os ministros em suas prédicas ainda meio confusas pela falta do conhecimento da língua, mas profundas em sua espiritualidade...

Outras vezes, sózinho, saía Tertuliano Goulart da cidade de Araguarí e expontâneamente se dirigia às congregações e núcleos de crentes das redondezas, levando-lhes

o confôrto da Palavra Divina pelo instrumento de sua palavra culta e inteligente.

Tula soube, em Araguarí, que meu tio David de Melo havia se convertido ao Evangelho. Não trepidou. Montou a cavalo e desceu as matas de Estrêla do Sul para visitar o néo-converso.

Quando meu avô soube que Tula tinha vindo de Araguarí especialmente para visitar David, na sinceridade de sua ignorância, o velho teve um verdadeiro acesso de furor. Penetrou em casa como um furacão, dependurou duas armas à cintura e, dizendo impropérios, abalou para a casa do filho, falando a todos que encontrava pelo caminho que ia expulsar de uma vez o demônio daquelas bandas...

Esta narrativa não encerra nenhum vislumbre de desrespeito à memoria de meu avô paterno, cuja retidão de caráter todos reconheciam e nem apresenta contradição alguma com as qualidades morais descritas em páginas anteriores. Pelo contrario, não procurando esconder ou disfarçar qualquer detalhe no ementário dos fatos, que deve primar pelo espirito de verdade e de sinceridade, não procuraremos nem acusar nem defender o velho José Joaquim de Melo. Teremos, entretanto, de reconhecer que êle não foi mais culpado do que Paulo, antes da estrada de Damasco. Era sincero consigo mesmo. Estava convencido de que o filho trilhava o máu caminho e, cansado de admoestá-lo, de aconselhá-lo por bôas maneiras às vezes, com ameaças outras, como era de temperamento violento, um dia não suportou mais. Para êle, a visita de Tertuliano Goulart, que devia ser olhada como uma honra recebida por tio David, êle a recebeu como uma afronta!

Pobre homem! Vítima do meio em que viveu, vítima da ignorância do ambiente em que foi criado, vítima de uma entidade religiosa indiferente para com a sorte de seus adeptos, outro poderia ter sido o exemplo legado à família, portador como era, de tão sólidos princípios de moral e de dignidade!

Felizmente, ao chegar à casa do tio David, lá não encontrou senão a nora e as netas. David e Tula tinham saido para os lados do Córrego da Onça onde iam visitar os crentes daquela congregação.

Meu avô, vítima também do fanatismo religioso, que pode transformar um homem bom numa verdadeira féra, não trepidava naquela hora em sacrificar o proprio filho, certo como estava de que, matando um protestante, estaria prestando um grande serviço a Deus. E seria uma tragedia se encontrasse David e Tula, porque não falava em vão, para não cumprir. Mas Deus estava por cima...

Não encontrando quem procurava, o embirrado velho fincou o pé na porta de entrada da casa e desandou num xingatório tremendo frente à tia Maria e às meninas, que o escutavam apavoradas. Falou, sem nenhum exagêro, desde a manhã até a tarde, sem consentir que a nora e as netas se retirassem. Foram tão terríveis, foram tão tremendas as ameaças que fez, as pragas que rogou ao filho e tôda a sua descendência, que minha tia, que se achava um tanto enfraquecida, com aquela submissão de espírito natural nas familias do sertão para com o pai de seu marido, sem proferir uma palavra ou réplica, não suportando mais, tombou no chão, desmaiada.

Meu avô caiu em sí, ao ver a desgraçada rolar na soleira da porta, lembrando-se então de que o seu último neto, nascido naquela mesma casa, tinha apenas quinze dias...

Tomado de aflição, socorreu como poude a nora e, deixando-a aos cuidados das filhas mocinhas, correu de volta para casa, mandando minha avó com urgência para a casa de meu tio, cuidar da enfêrma.

Meu avô teve de pagar bem caro pela leviandade. Sofreu um remorso terrivel durante o resto de sua vida, pois tia Maria Isabel jamais recuperou a saude e ficou sofrendo das faculdades mentais. Tão perturbada ficou, que rejeitou o filho nascido havia poucos dias. Daí por diante a

vida de meu tio David se transformou num suplício indescritivel.

As filhas maiores estavam ainda pequenas e nada podiam fazer pela mãe e pelos irmãozinhos. Empregadas, êle não conseguia porque ninguem queria trabalhar para os protestantes.

E a vida de David de Melo, que poderia ter sido, com a sua conversão e da mulher ao Evangelho, uma apoteose de alegria e um hino constante de louvor foi, ao contrario, uma verdadeira peregrinação pelo Vale da Sombra da Morte.

Mas no sofrimento êle ainda encontrava motivos para agradecer a Deus. Certo de que «tôdas as cousas concorrem para o bem da alma daqueles que amam a Deus», conforme o sublíme ensinamento do apóstolo, jamais deixou que o desespêro se apossasse de seu coração. Sofreu estòicamente, sem queixas, sem amarguras, firme no caminho da «soberana vocação para que tinha sido chamado.»

Maria Isabel passava às vezes um longo período de tempo sem qualquer perturbação, parecendo curada definitivamente. Mas, um dia, repentinamente, lá vinha a loucura e as sombras da tristeza invadiam novamente aquele lar dantes tão feliz. Nos momentos de lucidez era uma crente fervorosa e dedicada, cumpridora dos deveres. Mesmo nas horas de depressão e de crise, quando se entregava ao chôro e à melancolia, se chegasse algum crente e começasse a lhe falar do Evangelho e das riquezas incomensuráveis de Cristo, aos poucos sua fisionomia ia se abrindo numa expressão de visível contentamento e ela terminava cantando hinos ou fazendo orações com o visitante. Em muitas dessas ocasiões, após um momento de transbordamento espiritual como o que acabámos de referir, ela ficava perfeitamente sã por muito tempo. Era o bálsamo do céu que caía, refrigerando e confortando aquela pobre alma atribulada.

Meu avô se arrependeu de maneira a enternecer o mais duro coração. Chamou meu tio e pediu-lhe perdão pelo que fizera. Infelizmente, o arrependimento pode obter um perdão mas não tem poder para apagar as marcas do crime e desfazer as suas consequências...

E assim durante quinze longos anos, tia Maria sofreu e fez sofrer o marido, de maneira atroz. Mas não se esquecia, no paroxismo das crises mais agudas, de que era crente em Jesus e balbuciava orações, pedindo o seu restabelecimento, para felicidade do espôso e dos filhos...

Mas... os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. A enfermidade de minha tia foi usada pelo Altíssimo como instrumento poderoso na sua obra.

Eis o que se deu. Meu avô, desejoso de reparar, pelo menos em parte, o mal que tinha praticado, consentiu que seu filho Manuel fosse passar uns tempos com David para auxiliá-lo em suas tribulações. Impôs naturalmente uma condição: os dois irmãos não deviam conversar sôbre religião. Meu pai transferiu-se então para a casa de David, disposto a tudo fazer para aliviar o sofrimento do irmão, mas disposto tambem a cumprir religiosamente as determinações do velho.

Vovô, com o coração mais abrandado, consentiu tambem que voltasse a antiga convivência da família para com o filho mais velho que tanto sofria por sua culpa. Nessa convivência, deveria ser respeitada também a mesma condição: nada de assuntos religiosos.

Com relação a meu pai, essas recomendações íam ao ponto de êle ser obrigado até a se retirar para bem longe quando houvesse algum culto ou prática religiosa em casa de David.

Minha avó, que possuía um coração boníssimo, ía sempre visitar tio David e lá passava horas e dias, zelando e cuidando da nora e dos netos. Mas essa convivência tinha alguma cousa de lúgubre, de forçado, devido às imposições do velho que, mesmo absurdas, eram respeitadas

escrupulosamente. De ambos os lados, um longo, um enervante silêncio... .

Assim se estabeleceu uma certa harmonia, forçada pelas circunstâncias.

Depois que meu pai esteve por algum tempo em casa do irmão, o padre da localidade mais próxima, que exercia forte influência sôbre o velho José Joaquim de Melo, começou a aconselhá-lo para retirar meu pai da companhia do irmão, pois acabaria na certa sendo protestante tambem. Que tivesse cuidado, que o protestantismo era pior que a lépra, para grassar numa família.

No dia em que meu pai deixou a casa do tio David, disse-lhe estas palavras:— Olhe, David, eu sinto muito o que aconteceu. Quero dizer-lhe, que mesmo você sendo protestante, eu não farei como os outros da família. Estou pronto a serví-lo em qualquer ocasião em que precisar, porque, afinal de contas, você tem o direito de pensar como quizer e ninguém pode obrigá-lo a adotar essa ou aquela religião.

E meu pai se despediu. Foi o primeiro passo.

IV

PRINCÍPIO DE VIDA E ROMANCE

Deixando a casa do irmão, meu pai permaneceu pouco tempo em companhia dos velhos. Isto porque, segundo o costume da família e da região, o moço, quando sente aproximar-se aquela importante fase da vida que culmina com o casamento, deve ir-se preparando com o devido senso de responsabilidade, para os dias futuros, tratando de pôr em ordem o que possui e iniciar a vida por conta própria.

Sentia tambem falta do irmão, pois a convivência criada entre os dois os tornara mais íntimos. Em casa de meu avô, Manuel já não se sentia tão à vontade, pois desaparecera a antiga harmonia existente na família. O velho havia proibido qualquer conversa sôbre religião e quando, por motivo de doença, as famílias se reuniam, havia sempre, pairando no ar, de maneira inquietadora, um angustiante silêncio... Era o receio natural de provocar melindres, que gerava inevitàvelmente um certo constrangimento e roubava a alegria dessas horas de intimidade.

Essa situação contribuiu muito para que meu pai se decidisse depressa a tomar o seu rumo.

O costume muito em voga naqueles tempos, era o rapaz cuidar, antes de escolher a companheira de seus dias, da sua moradia, geralmente uma pequena porção de terra, com um ranchinho plantado à bôca da mata.

Consoante o costume da época, um dia meu pai se aproximou do velho para comunicar que ia tratar de seu sitiozinho.

Com alguma economia, aliás muito pouca, êle conseguiu comprar uma parte na fazenda das Perdizes, que ficava situada no município de Carmo da Bagagem, hoje

Monte Carmelo e ficava distante umas quatro léguas da moradia do velho José Joaquim de Melo.

Foi bem interessante êsse período de sua vida. Adquiriu o direito de posse do terreno, à margem do rio Perdizes, pela quantia de oitenta mil réis. Tudo era sertão à roda, sómente existia no local um rancho de caçadores. O vizinho mais próximo distava uns quatro quilômetros. Agora iam surgir as maiores dificuldades. Aquele dinheiro, que representava tôda a sua economia do tempo de solteiro, êle o empregára na compra do terreno. Para beneficiar o sítio teria que contar ùnicamente com o seu trabalho.

Minha avó tratou de providenciar um «princípio» para o filho: dois colchões de pano de algodão tecidos por ela mesma, cheios com palha de milho rasgada, quatro lençóis também tecidos em casa, dois travesseiros, duas toalhas e duas colchas de lã, que ainda existem até hoje.

A cada filho que saía de casa, minha avó fazia questão de presentear com êsse enxoval, acrescentando mais o seguinte: uma panela, um copo de folha, uns dois ou três talheres, algumas tigelinhas, uma cafeteira e um coador. Levava tambem o mantimento necessário para gastar até que a roça do novo sítio produzisse.

Meu pai ainda teve o privilégio de levar emprestado o carro de bois do velho, com duas juntas. Mesmo sendo o pior carro do Brasil, segundo expressão do vovô, pois tanto êle como os filhos tinham verdadeira aversão por êsse meio de transporte, meu pai ficou contente, certo de poder contar com o trambolho para ajudar na lida do sítio.

Feitos todos os preparativos, meu avô chamou solenemente o filho e fez-lhe o sermão de praxe, um mixto de exortação, de repreensão, de recordação da tutela paternal. E como os velhos patriarcas do passado, despediu mais aquele filho que se ausentava.

Para tomar conta do carro de bois, meu pai contratou o velho preto Anselmo, que tinha um filho, o José An-

selmo, negrinho bilontra e conhecido de sobra pela vizinhança, por sua falta de vergonha e cinismo.

O sítio era um êrmo e inteiramente isolado. As terras, porém, eram de boa qualidade e a coragem vivia com o moço. A casa era um pequeno rancho coberto de fôlhas de babassú, tão pequeno, que os moradores eram obrigados a colocar os colchões no chão para poderem dormir, guardando-os novamente quando raiava o dia. Guardar é apenas fôrça de expressão, eram colocados os colchões à sombra das laranjeiras, do lado de fora, quando não chovia.

Meu pai mesmo preparava as refeições. Os vizinhos mais próximos eram: meu tio Francisco numa das margens do rio Perdizes e tio João, na outra margem.

Êste último lhe emprestára as ferramentas para iniciar o trabalho no sítio. Tio João, que já desfrutava de prosperidade e ótima situação econômica, teve muito boa vontade para com o irmão. Não sómente lhe arranjou o material que precisava, como veiu pessoalmente, em companhia de alguns camaradas, para auxiliar no roçado. No fim do dia, meu pai teve o prazer de vêr o mato derrubado para a primeira roça, pois o homem da lavoura, quando pega no trabalho, é de sol a sol e trabalha mesmo sem brincar, só o deixando quando a tarefa está terminada.

Com auxílio do Anselmo e do negrinho, papai fez uma roçada em tôrno do rancho e mais tarde, com a ajuda dos dois irmãos e mais dois camaradas, aumentou o roçado. Uma enorme caixa de maribondos, existente no mato, foi destruida e os bichinhos acharam de construir outra moradia na beirada do rancho. A conselho do preto Anselmo, meu pai resolveu queimar a caixa de maribondos e meteu mãos à obra, mas com tal infelicidade, que o fogo pegou nas fôlhas de babassú, alastrou-se pela coberta tôda e em pouco tudo estava consumido. Apesar dos esforços empregados, pouca cousa se conseguiu salvar do incêndio.

Espírito forte e de vontade férrea, meu pai não desanimou. Ficou bastante aborrecido, é claro, mas alojou-se debaixo de uma grande árvore existente no terreiro, fa-

zendo consigo mesmo um protesto de nunca mais consentir na construção de ranchos de fôlha em sua propriedade. E êsse propósito êle o conservou tôda a sua vida. Se alguém desejasse vê-lo extremamente zangado era só falar, na sua presença, mesmo sem qualquer alusão, em levantar um rancho dentro de suas terras.

À noite, discutindo com o Anselmo, êsse lhe disse: — Quá, «seu» Néca, se eu fosse vancê, tocava prá trais, e largava essa terra braba que nunca viu pé de gente batizada.

— Não, Anselmo, respondeu — Sou um homem que custa a tomar uma decisão, mas uma vez tomada, não volto atrás. Amanhã vou vender a bezerra que meu padrinho me deu e é a única cousa que possúo de valor e de que posso dispôr, compro telhas e nós vamos fazer uma casinha de verdade...

No dia seguinte pôs em execução o seu pensamento. Vendeu a bezerra por quinze mil réis. Foi um negocião, dizia êle mais tarde, pois o gado estava em grande alta. Comprou um milheiro de telhas por dez e guardou os restantes cinco mil réis, que foi a sua economia pelo espaço de um ano. Para tocar a roça, êle barganhava dia com os irmãos e outros vizinhos.

Êle e o preto fizeram então uma casa, tão pequena que a cozinha continuou a ser debaixo da árvore no pátio. A terra era boa, as plantas estavam viçosas e o humilde lavrador esperava ansioso pela colheita.

Se Deus o ajudasse como tinha feito até ali, em breve poderia procurar uma companheira para auxiliá-lo a suportar a solidão. O trabalho era estafante e as dificuldades surgiam dia a dia, mas a esperança da colheita enchía-o de ânimo e entusiasmo. Como era bastante difícil encontrar camaradas para trabalhar, foi de grande valía o auxílio do velho Anselmo, especialmente quando conseguiu ficar conhecendo alguns escravos que tinham sido alforriados recentemente, pela família Mendonça.

Os Mendonça eram gente muito bondosa, de manei-

ra que os escravos, mesmo libertos, não quizeram abandonar os antigos senhores e continuaram servindo e trabalhando nas suas fazendas.

Dentre a turma de pretos alforriados, estava o Salvador, um negro muito prosa e gabola, mas muito bom de serviço. A convite do Anselmo resolveu trabalhar com meu pai.

No segundo dia de trabalho, o Salvador arriscou uma prosa com o patrão, que também pegára no eito com êles.

— Seu moço, quero dá um conseio prá vancê. Vancê deve de casá prá sussegá a cabeça e cum pôco tempo vancê acaba sendo o home mais arremediado dessas redondeza.

— Você acha, Salvador? perguntou meu pai, distraido.

— Ora se acho... E encostando o cabo da enxada ao peito largo, o negro continuou: — Porque vancê não dá um passeio lá pela casa dos Mendonça? As fias dele são uns peixão, seu Néca. Entonce, se vancê agradá da Maria Lina é que vai sê uma beleza, pois é um pé de boi prá trabaiá... Só vou avisando que vancê tem que conversá é com a sá Chiquinha, pois o véio Mendonça anda no cabresto... Vancê querendo, nois aparece por lá domingo. A sá Chiquinha fala pros diabo e é muito braba mas tirante isso é uma pessoa sem defeito...

Ficou assim tratado o passeio à fazenda do velho Mendonça, que distava apenas três leguas. O Salvador espalhou a notícia entre a negrada e mandou prevenir os velhos.

Quando d. Chiquinha recebeu o recado, avisando da visita, reuniu a turma tôda, inclusive o marido, pois ai! dele se não fosse, na presença do moço, o ouvinte mais atento. Com tôda a importância e solenidade deu a notícia para as filhas, com rasgados elogios ao rapaz, que ela «conhecia tôda a história da vida dele e também os seus troncos, até a quarta geração prá trás...».

— O pai dele, dizia entusiasmada, o Zé Vicente — meu avô era conhecido por essa alcunha — gentes, ela o conhecia «não era de hoje» conhecia como se fossem irmãos... Lá na Bagagem êles brincavam juntos, a família dela morava de um lado do rio e a dele do outro lado! Era gente de palavra, gente boa como não havia naquelas vizinhanças... E concluia entusiasmada, ante a mudez acanhada das filhas e a passividade melancólica do marido: — e depois, o rapaz está muito bem principiado...

Ninguém disse uma palavra. Também não adiantava argumentar. Era obedecer à risca, senão o caldo entornava.

— E agora, se êle agradar de alguma de vocês, já sabem. Ai! de quem fizer luxo... Toca prá cozinha, já. A Maria das Dores faz o doce de laranja, a Hermínia o doce de leite, a Maria Eulina lava e alveja as toalhas e faz o almôço de domingo. A Lina vai tratar das linguiças e do lombo cheio. Cada uma tem seu serviço, portanto, bico calado. Não quero que ninguem resmungue. E você, velho, mande fechar as vacas.

E a ditadora encerrou a reunião, voltando afôita para a cozinha.

No domingo, logo às primeiras horas da manhã, meu pai e o preto Salvador rumaram para a fazenda dos futuros sogros. No caminho, o negro foi contando tudo o que sabia sôbre a família, numa fluência de linguagem e com um entusiasmo nunca vistos.

Pouco antes da hora do almôço estavam apeando diante da porteira dos currais do sr. Manoel Luiz de Mendonça. Um dos rapazes da família e alguns ex-escravos que se achavam por fora, tomaram conta dos animais. O Salvador até fungou de importância e deu-se ares de grandeza para chamar a atenção dos outros negros... Êle estava se desincumbindo de uma alta missão. Era o introdutor diplomático do moço no seio daquela família. Sentia-se orgulhoso e queria só ver a cara da dona Chiquinha quando ela viesse novamente mimoseá-lo com aqueles costumeiros xingatórios e com aqueles formosos epítetos de

— Negro sem vergonha — Peste — Moleque do Diabo — Tição, e outros que o classificavam como o pior negro da fazenda...

D. Chiquinha, ao chegar o pretendente, não se fez de rogada e como falava por dez, ia dispondo tudo com desembaraço, de modo que o moço se sentisse plenamente à vontade. De início foi cortando a falta de assunto muito comum em situações semelhantes e que costumam trazer um embaraço angustiante aos presentes, entrando logo a falar de mil cousas ao mesmo tempo.

Minha avó materna e meu avô paterno eram tão semelhantes quanto o eram minha avó paterna e meu avô materno. Para os primeiros, não existia assunto nenhum que lhes fosse extranho, falavam encachoeiradamente, quáse sem tomar fôlego, conheciam tudo, eram autênticos boletins de informação. Quanto aos outros, eram o reverso. Falavam pouco, eram muito meigos e carinhosos, de aparência humilde e tardos de inteligência. Tanto meu pai como minha mãe vieram de lares onde os seus pais viviam em polos contrários...

Logo à chegada de meu pai, minha avó mandou chamar a turma de moças. Eram seis, tôdas robustas, de boa aparência, um bocado acanhadas.

— Olhe, seu Néca (ela jamais se dirigia uma pessôa, sem antes inventar um apelido) esta é a Tereza, a mais velha, esta é a Hermínia, aquela é a Maria das Dôres, esta outra é a Maria Eulina, que fez o almoço de hoje, aquela outra acolá é a Lina, que ainda gosta de brincar de boneca e esta aqui é a Mariinha, a caçula. Se o senhor agradar de alguma, pode dizer sem cerimônia. Gentes, e por falar nisso, está na hora do almôço...

O almôço decorreu num ambiente de alegria e entusiasmo moço. Tão bem correram as cousas entre Manuel

de Melo e Maria Eulina, que meu pai só resolveu regressar na madrugada seguinte. Era fácil arranjar noiva naqueles bons tempos. Tudo era mais simples, mais poético, mais firme, sem as complicações de nossos dias em que o convívio exagerado muitas vezes prejudica e destrói as melhores uniões, mesmo antes de se tornarem efetivas.

Como Cupido se transforma com a marcha do tempo.

V

LUTA ESPIRITUAL

Assim meus pais ficaram noivos, com um dia apenas de convivência e nem por isso deixaram de ser mui felizes em sua vida conjugal.

O dia do casamento ficou para ser marcado na próxima visita do noivo, mas devia ser o mais breve possível, pois os antigos aceitavam e acreditavam piamente que casamento demorado é casamento desmanchado.

Portanto, o rapaz prometeu voltar quinze dias depois. Enquanto isso, devia consultar os pais e obter a bênção deles.

Aquela foi uma semana de grande apêrto de serviço. Mesmo assim, meu pai e os auxiliares deram conta de quebrar o milho e guardar o arroz que ainda estava fora das tulhas.

No sábado, os empregados sairam mais cedo e papai, que também já se encontrava pronto para a viagem, rumou para a casa do tio David, onde devia pernoitar, antes de atingir a morada dos velhos. Foi recebido alí com mais viva alegria. Contou que o motivo principal de sua presença era para comunicar o seu breve casório e convidar David para seu padrinho. Tio David respondeu que só poderia aceitar, no ato civil, pois na Igreja Romana, êle jamais serviria de testemunha de qualquer ato, sabendo como sabia, que tudo ali era falso...

Papai ficou bastante escandalizado com a franqueza do irmão, pois não julgava que êle, levado pelos seus princípios religiosos, chegasse a faltar com o dever — no interior de Minas, quando alguém é convidado para padrinho de casamento ou batizado, torna-se falta gravíssima a recusa. Em vista da atitude do tio David, meu pai, um pouco ofendido, replicou:—Não quero lhe «agravar», mas

afinal de contas acho muito equisito um homem ser criado numa religião até ficar grande e depois passar para outra. Você já examinou bem essa religião? Está bem certo de que não é a religião do Anti-Cristo, como afirma nosso pai?

— Ora, Nézinho, não diga isso. A nossa religião é a religião da Bíblia, da Palavra de Deus. Êsse barulhão que estão fazendo comigo é apenas porque eu vejo os êrros, pelo exame da Escritura, que os padres estão cometendo e não querem que o povo enxergue.

— Mas, David — ponderou meu pai — a sua religião pode ser a da Bíblia, mas é a da Bíblia falsa dos protestantes...

— Nada disto. Êsse negócio de Bíblias falsas é arranjo dos padres. Se nosso pai não fosse tão teimoso, êle já teria conferido a sua Bíblia com a nossa e seria hoje tão protestante como eu. Você sabe muito bem que em nossa casa nunca se passou uma noite sem que a família fizesse e ouvisse a leitura de um trecho das Escrituras e se fizessem a oração do Pai Nosso e do Credo. A moral da nossa família é a moral cristã. Nosso pai é contra o culto das imagens e êle mesmo já falou sôbre êste assunto, não se lembra? Um dia êle leu o segundo mandamento e comentou que não sabia por que razão a Santa Madre Igreja adotava êsse culto quando o mesmo era proibido por Deus. Êle não tem imagens em casa. Você já viu algum bentinho, alguma oração em patuá ou qualquer cousa dessas em nossa casa? Nézinho o nosso pai é protestante sem saber, é protestante pela doutrina que professa. Apenas não pode tolerar êsse nome porque é inimigo ferrenho de tudo quanto cheira a novidade. Outro dia êle quáse me agrediu porque eu disse que a pronúncia da palavra Bélgica era Bélgica e não Belgíca, como êle usa pronunciar, à francesa... Êle está com a cabeça cheia de que o evangelismo é religião do diabo e ninguém poderá convencê-lo do contrário. O Padre Manoel Luiz, que é um grande sabido, tem explorado a teimosia de nosso velho

pai para incutir na sua cabeça dura, mais preconceitos contra o protestantismo.

— David, replicou meu pai, depois de ouvir calado por muito tempo — sinto você se referir desta forma a um servo de Deus. Êle pode ter seus defeitos, mas foi consagrado, portanto temos obrigação de respeitá-lo.

— Então, Nézinho, quando você conhecer mais de perto êsse homem que se intitula nosso guia espiritual, e é cousa que vai acontecer muito breve, então você há de ver que tenho razões de sobra para dizer o que digo...

— Bem, se essa Bíblia de vocês protestantes é mesmo a verdadeira, eu desejo lê-la, pois já fiz tudo para apanhar a do nosso velho, mas desde que você abraçou o protestantismo, êle a trancou no armário e anda com a chave na cintura. Se você conseguisse arranjar uma Bíblia para mim, eu a leria de bom grado, mas vou avisando que por enquanto não quero que ninguém saiba que estou lendo livro protestante.

— Hoje mesmo eu arranjo um Novo Testamento, disse alegremente tio David. Quando passar por aqui um ministro, encomendarei uma Bíblia.

— Que é isso? Então existe também essa chamada Novo Testamento?

— Não, o Novo Testamento é apenas uma das duas grandes partes em que está dividida a Bíblia e conta a história dos cristãos a começar pelo nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Você vai levar desta vez o Novo Testamento e quando eu fôr assistir o seu casamento, levarei a Bíblia completa.

Tio David presenteou meu pai com o Novo Testamento, tendo antes o cuidado de marcar diversas passagens, entre essas João 3:16.

***

Naquela noite, conforme costume em casa de meu tio, tiveram o culto doméstico, que foi o primeiro serviço reli-

gioso evangélico, assistido por meu pai. Nesse culto foi cantado o hino 468 que começa pela estrófe:

> Pátria minha, por ti suspiro
> Quando, no teu bom descanso, eu entrarei?

Foi êste o hino predileto de meu pai durante tôda a sua vida de crente e, na hora de sua morte ainda pediu que o cantassem.

Levando n'alma um princípio de contentamento, de prazer espiritual que êle bem não percebia ainda qual a orígem, partiu no dia seguinte para a vivenda de meus avós para comunicar a respeito do casamento. Todos ficaram contentíssimos, pois conheciam bem a família de mamãe, que guardadas as devidas proporções, era como que uma família de sangue azul. Em tôda as regiões haverá sempre êsse preconceito de classes que os tempos modernos têm procurado extinguir, sem resultado.

Entre os fazendeiros do nosso interior existe a preocupação de cruzamento de famílias da mesma condição social e dos mesmos recursos financeiros. O mais não importa, desde que essas duas condições essenciais sejam satisfeitas. Eis porque foi bem recebida por meus avós a notícia levada por meu pai, pois aquele casamento iría reunir duas famílias conceituadas na região, do mesmo nível social e de posses equilibradas.

Depois de passar um dia com os velhos pais, Manuel de Melo tomou o rumo da cidade, para tratar dos papeis para o casamento e da confecção da roupa de noivo.

Vovô mandou por êle uma carta a um negociante amigo pedindo para êste abrir uma conta para o filho. Naquela casa, papai comprou o seu enxoval, que foi o mais modesto possível. Êle sempre nos contava, quando as contas dos meus vestidos e de minhas irmãs lhe chegavam às mãos, que havia comprado o seu enxoval e um vestido para a noiva, tudo por quarenta mil rés...

Feitas as compras e marcado com o padre o dia do

casamento, voltou para o sítio. Precisava fazer trabalho dobrado para tirar o atrazo, pois na semana seguinte seria o casamento.

Uma cousa impressionava muito a meu pai. Tio David tinha dito que o casamento na igreja, para êle não tinha valor, pois não era reconhecido por lei.

Papai lia muito mal, frequentara a escola apenas por vinte dias e assim mesmo contrariando o velho, pois vovô não permitia que os filhos fossem para a escola, êle mesmo ensinava em casa o que sabia e achava que era bastante. Meu pai, que sentia necessidade de saber mais, arranjou um professor para estudar durante vinte dias, mas aconteceu que o professor era quáse tão analfabeto como êle...

Mesmo soletrando, êle se esforçava por achar no Novo Testamento uma passagem que justificasse e permitisse «o casamento no padre» conforme expressão usada na região.

Não encontrando nada que pudesse satisfazê-lo, já que a sua conciência começava a acordar, orou a Deus pedindo perdão se fosse cometer uma ação ilegal, mas era o único recurso na ocasião, pois não estava em condições de fazer as despesas com o casamento civîl e não queria deprender da família num caso dêsses.

Com essa leitura do Evangélho, feita sob pressão da conciência, ficou conhecendo algumas passagens que o esclareceram bastante sôbre alguns determinados êrros da Igreja Romana. Mas continuava nutrindo profundo respeito pelos padres católicos.

Tio David tinha combinado com meu pai chegar ao seu sítio no dia anterior ao do casamento, mas algum contratempo o impediu, e êle só chegou no dia das bodas. Levava, como presente de casamento, uma Bíblia. Para não levar o livro ao local da cerimônia, não encontrando meu pai no sítio, deixou a Bíblia escondida no quintal da casa.

Quando papai foi se confessar, para o casamento, o

Padre Manuel Luiz fez algumas perguntas banais sôbre religião e logo passou a conversar com o confessado, sôbre política, pois era, naquele tempo, além de padre, um chefe político entusiasta. Falou muito contra os seus adversários e acabou perguntando a meu pai em quem ia votar, acrescentando: Se você votar no meu partido, eu o absolvo de todos os seus pecados, mas eu quero uma promessa nesse sentido.

Papai ficou furioso com o vigário e respondeu: — Agora eu sei a razão porque os senhores são acusados de fazer comércio com a religião...

Foi isto no dia 20 de máio de 1897, dia em que meus pais se casaram e nesta mesma data, Manuel Joaquim de Melo abandonou a Igreja Católica Apostólica Romana.

VI

TRIBULAÇÕES

Após a celebração do casamento, Tio David aproximou-se de meu pai e comunicou-lhe, em voz baixa que, conforme prometera, tinha trazido a Bíblia como presente, deixando-a escondida num arbusto, no quintal da casa. Dali voltaria para sua fazenda mas logo que fosse possível, faria uma visita aos recém-casados e, nessa ocasião, conversariam a respeito do Evangélho.

Ao chegar ao sítio, o primeiro cuidado de meu pai foi procurar o precioso livro escondido, tendo-o encontrado de acôrdo com as informações. Não desejando assustar a espôsa, deu-lhe ciência do ocorrido, mas não quis dizer que espécie de livro era aquele. Começou a lêr, com muita dificuldade, para minha mãe ouvir. Chamava o livro de Palavra de Deus e não de Bíblia.

Assim foram se passando os dias do novo casal, entre as preocupações mais que razoáveis, de ordem material, assentando os fundamentos de um lar que deveria resistir para sempre aos golpes da adversidade e das lutas pela subsistência. Um lar que fosse um amparo seguro tanto sob o ponto de vista moral como material, para os filhos, no futuro. Mas, de par com essas preocupações, caminhavam aquelas que diziam respeito à vida espiritual. Meu pai, na sua ignorância das cousas de Deus, ainda escuras para êle, vislumbrava entretanto uma fresta de luz que lhe mostrava quão desastrado seria o pai de família que não alicerçasse na vontade de Deus as bases de uma vida feliz para si e para os seus. E essa vontade de Deus, êle a procurava descobrir, afôitamente, com verdadeira fome espiritual, à maneira dos antigos crentes, «indagando, diáriamente, nas Escrituras, se estas cousas eram assim».

Não queria, porém, dar um passo precipitado. Enquanto não estivesse plenamente convencido de que a Verdade estava com a Igreja Evangélica, não tomaria qualquer atitude. Suas idéias religiosas, certas ou erradas, eram suas, únicamente suas. E só êle, com a paz de uma conciência esclarecida, tinda o direito de mudá-las. Não aceitava tutela espiritual de quem quer que fosse.

Um dia, estando meu pai ausente, foi visitá-los uma madrinha de mamãe. Ao chegar, foi logo perguntando, segundo o costume sertanejo: — Maria Lina, você tem estado sumida... porque não aparece lá por casa? O que vocês fazem aos domingos? Domingo é dia de passeio, de visitar os parentes, de folgar...

Minha mãe, ingenuamente, respondeu que não saíam aos domingos porque o Nôzinho (assim tratava meu pai) estava lendo um livro muito bonito, que ensinava umas cousas tão importantes para a nossa vida, que êles passavam o dia todo entretidos...

A velha maliciou logo. Naquela época, naquele meio, qualquer pessôa que dissesse estar lendo um livro, era olhada com desconfiança: estava virando protestante. Só os protestantes liam e tinham livros. Ninguém mais se preocupava com isso. Era só o trabalho durante a semana, as novenas e a missa aos domingos e depois os pagodes, as célebres noitadas sertanejas ao som das violas e das sanfonas. A não ser as festas da igreja romana, de cujo paganismo o nosso homem da roça até hoje vive imbuído, nada mais o preocupava. Lêr, estudar, instruir... Qual! Para que? Estudo não dá feijão...

— Olhe, menina, cuidado com êsse livro, foi dizendo a madrinha de minha mãe. Escute aqui. Foi o David que trouxe? Se foi, pode saber que é livro excomungado, dos protestantes.

Contou que quando morava na Bagagem, foi vizinha do ministro protestante João Boyle, que era um homem muito caridoso e prestativo, mas que a gente precisava estar precavida contra êle e com os olhos bem abertos, senão êle

vinha com aquela história de Palavra de Deus e era uma tentação.

— Os protestantes, minha filha, são servos do Diabo mesmo. Olhe, lá na Bagagem, esteve uma professora protestante, uma «galêga». Ela começou uma escolinha e ensinava muito bem, só senti não poder aprender com ela porque a gente perder a alma por qualquer cousa, é muito triste. Poucas foram as moças do meu tempo que resistiram à tentação. As que foram para a escola nos ensinavam em casa os trabalhos que aprendiam com ela. Deus me perdôe, mas eu mesma aprendi muitos dêsses trabalhos que ela ensinou para as outras. Mas o caso não é êste. Todos os dias, antes de começar a aula, a «galêga», que se chamava Inês e tinha um sobrenome esquisito que minha lingua não dá para falar, fazia orações com olhos fechados. A principio ninguem sabia porque ela fechava os olhos mas afinal as meninas descobriram que era para não ver o Satanás, que aparecia lá na hora. Era uma mulher esquisita, calçava uns sapatos de bico largo, como dos homens. Dizem que era para poder esconder os dedos dos pés, que tinham a forma dos dedos do «coisa ruim» que é assim mais ou menos como de pato.

Tomou um fôlego e, aproveitando a passividade de minha mãe, que a ouvia sem tugir nem mugir, continuou:
— Além disso, usava um penteado extravagante e as roupas, que ela trouxe da sua terra, era muito diferentes das nossas. Era muito bôa pessoa, nao se pode negar, mas é assim mesmo, Satanás aparece como anjo de luz para enganar o mundo. E a tal professora se ajuntava com a mulher do ministro que é o padre deles: cruz crédo, e é casado, o tal — e enganaram muito gente lá na Bagagem. Êsses livros que viraram a cabeça do seu cunhado ainda são restos deles. Olhe, menina, não fique aí parada, não. Quando seu Nézinho chegar, ponha tudo em pratos limpos. Eu não me demoro a aparecer por cá para saber o resultado. Não deixe de aceitar os meus conselhos e não seja tolinha.

Eu já sei o que é o mundo e você está começando a viver agora...

E lá se foi a velha, esparrodando com a sáia larga, tudo o que encontrava pelo caminho, certa de que estava cumprindo uma alta missão, para o serviço de Deus e para o bem daquelas almas.

Quando meu pai chegou, minha mãe que não é dessas que guardam para amanhã o que devem fazer hoje, foi logo contando a respeito da visita que lhe fizera a madrinha Lina e da conversa que tiveram.

Meu pai ouviu atentamente e disse: — Escute. Você não está gostando do livro? Não acha que é mesmo a Palavra de Deus? Pois se assim é, tanto faz tenha vindo das mãos de protestantes como de católicos. Nós não estamos tratando de nos virar protestantes. Estamos é lendo a Biblia para conhecer a vontade de Deus a nosso respeito. E sua madrinha acha que isto não está certo?

Mamãe achou que êle tinha razão e continuaram a leitura da Biblia que era feita à noite, após o dia de trabalho intenso, à luz empalidecida de uma candeia de azeite.

Alguns dias se passaram e apareceu novamente a madrinha Lina para saber o resultado do seu trabalho. Ficou muito desapontada quando a afilhada lhe disse com toda a franqueza, que estava incondicionalmente ao lado do marido. Se êle estivesse errado, ela também estaria, mas tinha convicção que não era assim. Ambos estavam trilhando um caminho novo, é verdade, mas traçado por Deus.

— O livro, lhe disse minha mãe, veiu mesmo de Estrêla do Sul, da parte do David, portanto era de fato a tal Biblia dos protestantes.

A velha ficou irritada. Disse então à minha mãe que, conforme ela devia saber, era sua intenção fazê-la sua herdeira mas se ela continuasse a compactuar com o marido na leitura do livro amaldiçoado, ia doar todos os seus bens para a igreja, para a Santa Cruz.

Ameaçou, depois implorou, tornou a ameaçar e afinal voltou para sua casa disposta a tentar todos os meios

para impedir a afilhada de seguir na direção do Evangelho. Não podia de forma alguma admitir a entrada de Satanás no seio de sua familia. Andou pelas casas de todos os parentes convidando-os para tomarem parte num têrço de sacrificio que ia mandar rezar para que meus pais voltassem ao bom caminho.

Foi ter com o irmão, meu avô materno Manuel Luiz de Mendonça, contando-lhe escandalizada o que estava acontecendo e pedindo o seu apôio. Meu avô desta vez foi mais homem. Acostumado a obedecer à esposa em tudo numa atitude subalterna que causava pena, antes que a mulher abrisse a bôca para emitir sua opinião êle gritou:

— Nada de implicâncias. O Nezinho é um rapaz inteligente e ajuizado e sabe o que está fazendo. Não quero a religião dele para mim, mas se êle acha que é bôa para êle, que a siga e seja feliz. Aqui em casa ninguem dirá uma palavra que possa ofender a êle ou à Maria Eulina...

Minha avó, que não perdia vaza para dar com a língua nos dentes, nada quis dizer. Ressabiada, abalou para o quintal guardando o mais respeitoso silêncio. Com o tempo acabou concordando que a melhor política seria viver em paz com a filha e com o genro.

Mas a madrinha Lina não se deu por vencida. Organizou o têrço, formando uma procissão que saiu de sua casa e se dirigiu a um cruzeiro plantado bem perto da casa de meus pais. Êsse cruzeiro ainda existe lá até hoje, na fazenda de mamãe. A procissão era formada de vizinhos, crioulas do tempo da escravidão, negrinhos retintos, alguns cabras e cabrochas muito ignorantes que viviam de favor nas fazendas da região. A' frente foram colocadas as creanças, carregando pedras. As mulheres no meio e os homens iam à retaguarda, levando enormes latas com agua para regar o pé do cruzeiro. As pedras foram colocadas na base da cruz e ainda lá estão até o dia de hoje. Rezaram e pediram em altas vozes o castigo dos céus para os «anticristos» que estavam lançando a perdição no mundo. Madrinha Lina, que era uma velha de porte avantajado, tra-

java um enorme vestido preto cuja barra se arrastava pelo chão. Com os braços levantados, em imprecação, contou mais tarde minha mãe, que de casa observava tudo, parecia um profeta indignado com os pecados do povo a pedir a maldição do Senhor. Quando ouço minha mãe contar esses episodio, lembro-me, não sei porque, embora não tenha nenhuma relação, de Elias e os profetas de Baal.

Passaram o dia todo rezando ao pé do cruzeiro e observando rigoroso jejum. Só à tarde abandonaram o pôsto, retirando-se em ordem, continuando no silêncio do crepúsculo que caía, ainda por muito tempo, o som lúgubre das rezas e dos cânticos religiosos...

Agora só restava à velha tia Lina esperar pelo castigo dos herejes. Para ter ciência do que se passava, ela contratou os serviços de uma preta velha sua antiga escrava, que vinha tôdas as manhãs, bem cêdo, à casa de meus pais para ver se tinha acontecido alguma cousa aos excomungados. Fazia uma caminhada de três quilometros e vinha amanhecer na porta da casa. Perguntava à minha mãe como tinham passado e voltava, levando sempre a mesma noticia: iam muito bem. Fez isto sistematicamente por muito tempo, durante mêses, sempre com a mesma noticia.

Madrinha Lina começou a desconfiar que a sua penitência não fôra suficiente. Então resolveu dar uma parte de suas joias para os santos, afim de que êles auxiliassem no castigo dos protestantes. Jejuou e fez a oferta, mas... qual. De nada valeu. Todos os dias a preta Belmira levava a mesma noticia: — iam muito bem, e mais ainda, um ministro vinha visitar o casal, breve.

Tia Lina ficou alucinada. Conforme sua intenção já demonstrada apegou-se com a Santa Cruz e doou-lhe parte de seus bens. Mas a Santa Cruz foi velhaca: ficou com as terras da fazenda e não mandou o castigo aos protestantes.

Nem assim mudou de atitude para com meus pais. Muitas vezes, quando cruzava com papai, fazia o sinal da

cruz e rezava em voz alta até êle desaparecer na curva da estrada.

Certa vez, após cruzar com ela, meu pai escondeu-se atrás de um arbusto para observá-la e viu que ela se benzia e implorava o socôrro dos santos.

Verificando que suas promessas e negociatas com os santos não davam o resultado que almejava, resolveu afastar-se da convivência de meus pais, arrastando muitos outros parentes. Papai e mamãe se viram completamente isolados, mas no íntimo estavam alegres porque em tudo isto estavam vendo uma confirmação plena dos próprios ensinamentos da Escritura que lhes dizia:— «Bemaventurados sois vós quando vos injuriarem e perseguirem, por amor do meu nome... Todo aquele que não deixa pai, mãe, irmão ou irmã por amor de mim, não é digno de mim».

Sofriam o abandono da família e o repúdio dos vizinhos. Eram apontados como cúmplices de Satanás e como filhos amaldiçoados de Deus, mas sabiam «que em todas essas coisas eram mais que vencedores por Aquele que nos amou».

VII

PROFISSÃO DE FÉ

Enquanto a madrinha, os demais parentes e os vizinhos se afastavam, meus pais continuavam firmes na leitura da Palavra de Deus, com o maior empenho, pois, segundo a opinião de meu pai, emquanto não lesse a Biblia tôda, do Gênesis ao Apocalipse, não estava capacitado para formar uma opinião segura e perfeita sobre a nova fé. Era um homem sistemático ao extremo e bastante teimoso. Não modificava seus pontos de vista, sôbre qualquer assunto, sem que a isso fosse impelido pela sua propria conciência. Não aceitava nenhuma influência extranha nem opiniões de outrem. Por esse motivo sofreu muitas contrariedades na vida, que poderia ter evitado.

Quando recebeu das mãos de tio David o Novo Testamento, aquele havia chamado sua atenção para o versiculo 16 do 3º capitulo do Evangélho de São João. Pois bem, meu pai nenhuma atenção deu e esperou pacientemente que a sua leitura, que havia começado no 1º capitulo do Gênesis, o levasse, em ordem, sem saltar uma página, ao Novo Testamento. Lia isoladamente uma ou outra passagem, indiferentemente, na Velha ou Nova Aliança, mas não se demorava nem se dava ao incômodo de meditar sôbre o ensino espiritual e a significação do texto encontrado.

Assim foi passando o tempo, até que sua leitura o levou, um dia, ao mencionado versiculo de João 3:16: «De tal maneira amou Deus ao mundo, que lhe deu seu Filho Unigenito, para que todo aquele que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna».

Então tôdas as suas dúvidas se dissiparam. Tôdas as sombras se desfizeram e êle, comunicando à minha mãe o seu pensamento, a sua alegria, fez com que ela se conven-

cesse que estavam dali por diante trilhando o caminho da Verdade!

Desapareceram a indecisão e a dubiedade de atitudes que ainda, de quando em vez, turvavam a irradiação de sua espiritualidade e empanavam o completo desafôgo de seus corações, que ansiavam por descansar na perfeita paz de Cristo.

Resolvendo então tomar uma resolução definitiva, meu pai encaminhou-se à casa de tio David para saber quando devia passar por ali o ministro de Deus. Arranjou um menino para ficar fazendo companhia à esposa e partiu, avisando-a de que se tivesse noticia do pastor em qualquer lugar naquela zona, iria encontrá-lo onde estivesse.

Minha mãe fê-lo prometer não professar sua fé na Igreja Evangélica, sem que ela o acompanhasse nesse passo. Êle disse que faria o possivel por esperá-la mas não prometia, tal era a sua ansiedade.

Como era bem longe a fazenda de meu tio David, passando ambos largo período de tempo sem ter notícias um do outro, papai teve a decepção de não encontrá-lo em casa. Êle havia seguido para o Córrego da Onça, pois o Rev. Carlos Morton, que ali se encontrava, tinha lhe mandado uma carta, por um «próprio», comunicando que devido ter havido algumas modificações no trabalho dos missionários e tambem por se achar adoentado, não poderia ir até a sua casa, mas pedia a sua presença onde êle se achava, para combinarem sobre a próxima visita.

Papai apenas aceitou uma refeição feita às pressas em casa do irmão, tocando em seguida o cavalo para a fazenda onde se reuniam os evangélicos. Quando lá chegou, já era noite, quando estavam celebrando um culto. Tio David, ao ver o irmão, levou um grande susto pois não sabendo ainda nada a respeito de sua nova decisão, pensou que a sua presença ali, àquela hora, era indício de alguma desgraça que tivesse acontecido. Mais que depressa, aflito mesmo, aproximou-se de meu pai e teve o prazer de ouvir dele que a sua chegada se explicava pelo fato de de-

sejar saber noticias do ministro e que para êsse fim o tinha procurado em sua casa. Em vista da carta, que a familia do tio David lhe havia mostrado, resolvera vir até onde se encontrava o pastor.

Foi imensa a alegria que se apossou do coração de David de Melo naquele momento abençoado. Comunicou imediatamente ao Rev. Morton o que estava acontecendo, a vinda do irmão e as circunstâncias em que foi feita a viagem, e o Rev. Morton, que já havia terminado o sermão da noite, iniciou imediatamente, com o prazer estampado na sua santa fisionomia e com alegria por parte de todos os presentes, uma outra prégação especialmente dirigida a meu pai.

Que santidade, que pureza de intenções, que bençãos o Evangélho proporcionava naqueles tempos distantes aos corações bem formados e cheios de bôa vontade! O amôr a Deus e o interesse pelo conhecimento de Cristo eram tão grandes que o pastor podia prégar dois ou três sermões continuadamente, sem que o cansaço ou qualquer sinal de aborrecimento, de sono ou de enfado, aparecesse na face daquelas almas puras e singelas. Numa salinha estreita e mal iluminada, uns sentados nas janelas, outros acocorados no chão, alguns poucos melhor instalados em bancos de tábuas duras, sem encôsto, todos ouviam com atenção, com os corações suspensos e os espiritos elevados a Deus. Sursum Corda! Como os tempos mudam. Ai do pastor que hoje se atrever a prégar dois sermões ou prolongar por quinze minutos a sua prégação, nos templos das capitais e das grandes cidades. Correrá o risco de ficar sòzinho com as suas poltronas confortáveis...

Depois do culto, o bom Rev. Carlos Morton veiu conversar com o novo visitante e tal era a bôa vontade e desejo de levar almas ao aprisco do Senhor, que não dava conta de sua canseira. Conversou com meu pai até as duas horas da madrugada. Este apresentava suas dúvidas e pontos ainda obscuros que levara anotados e o bondoso pastor ia lhe explicando e aplanando as dificuldades.

Satisfeito, meu pai disse: — Basta, Rev. Vamos consultar o travesseiro e amanhã decidiremos sôbre a minha profissão de fé.

Meu pai podia estar plenamente convicto de que devia fazer tal ou qual cousa. Mas, observou êste principio durante tôda a sua vida, não tomava uma decisão definitivamente, sem «primeiro consultar o travesseiro», expressão muito usada.

— Sim senhor, disse o Rev. Morton. Não terei nenhuma dúvida em recebê-lo, pois o senhor crê e já realizou o casamento civil. Portanto está preparado para ser recebido na Igreja por pública profissão de fé.

Fazia já um ano e tanto do casamento de meus pais. Embora, como ficou atrás esclarecido, tivessem feito o casamento só no religioso, o que era permitido e aceito por tôdas as famílias conceituadas do interior, sem nenhuma ressalva ou desabono, meu pai não ficou tranquilo emquanto não realizou também o áto civil, o que se fez com grande satisfação para êle e minha mãe, enfrentando tôda a sorte de dificuldades, inclusive financeiras. Foi um passo acertado, pois não encontrou dificuldade quando resolveu ingressar na Igreja Evangélica, a qual não recebia ninguem que não estivesse com a sua situação conjugal ratificada pela lei civil.

Na manhã seguinte uma caravana de crentes resolveu visitar alguns irmãos que residiam nas imediações da fazenda do velho e consagrado servo de Deus, Zéca Esteves, situada nas proximidades de Bagagem, já citada várias vezes no decorrer desta narrativa sob a denominação de Fazenda do Córrego da Onça. Essa fazenda, escolhida por Deus para ser um centro de irradiação do Evangelho naqueles longínquos sertões, passou depois a ser de propriedade de José Esteves Filho, também crente zeloso e leal e atualmente pertence ao sr. Josué Esteves, casado com uma das filhas de meu tio David, de nome Avelina.

As profissões de fé estavam marcadas para a noite. Passaram o dia fazendo visitas e, em cada casa, o pastor

tinha que prégar, batisar creanças, aceitar café na entrada e na saida, algumas vezes acompanhado de biscoitos, isto quando era muito feliz, pois não raro era obrigado a aceitar o convite do dono da casa para almoçar, fosse ou não hora da refeição. E se o pastor rejeitava o convite, isto era considerado uma grande ofensa. Consagrados servos de Deus!

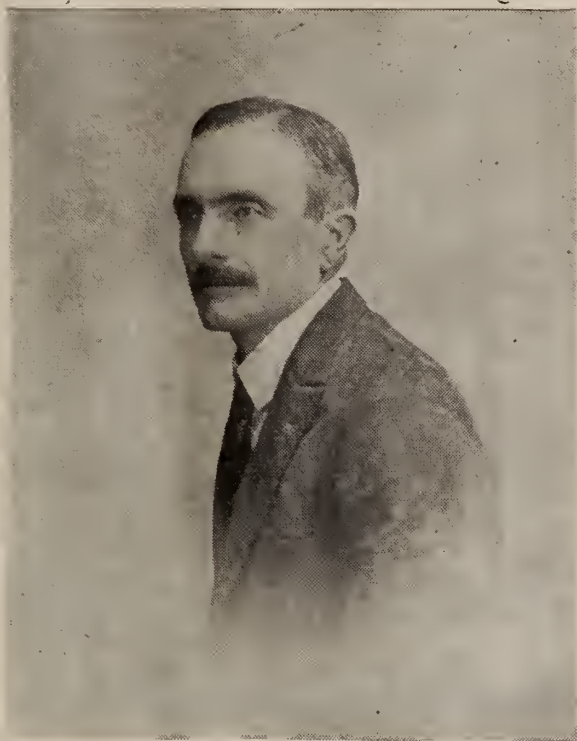
O privilegio de hospedar o pastor, então, era cousa disputadissima pelos crentes da região, naquele tempo. Era uma honra sem igual e adquiria sempre o caráter de festa.

Quando chegaram ao sitio do Zéca Esteves, a casa regorgitava de visitantes. Além dos crentes e interessados, lá se achavam três candidatos a profissão, não contando meu pai. Entre êsses candidatos, estavam duas senhoras de Estrêla do Sul, as irmãs d. Maria apelidada Cota e d. Julia Caixeta. Esta ultima foi mais tarde a segunda esposa de meu tio David. Não consegui saber, apezar dos esforços feitos, o nome do outro candidato, que hoje deve estar na gloria do Senhor!

O Rev. Carlos Morton prégou um sermão eloquentissimo sobre o cégo Bartimeu, tomando como texto as palavras de Marcos 10:50: — «E êle, lançando de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus». Tão impressionado meu pai ficou com o sermão, que durante toda a sua vida, o ouvi repetir trechos do mesmo, especialmente os que se referiram, em paralelo feliz, às dificuldades do pecador, comparadas com a capa de Bartimeu.

Cantaram o hino 111 dos Salmos e Hinos:

Luz do mundo, Jesus Cristo,
Vem, dissipa as ilusões,
Ilumina nossos olhos
E dá paz aos corações.

e outros que os ouvintes não puderam gravar por serem cantados pela primeira vez. Tão emocionado ficou meu pai

DR. ROBERTO DAFFIN

que verificou ser mesmo impossivel atender ao pedido de minha mãe para que fizessem juntos a profissão de fé. Nessa mesma noite do dia 15 de julho de 1898, foi recebido à comunhão da Igreja Presbiteriana, o consagrado crente e pioneiro, novo bandeirante da fé que foi Manuel de Melo. E o Evangelho de Jesus Cristo, prégado pelos ardorosos missionários americanos, dava mais um passo pelo sertão a dentro.

Carlos Morton, ao escrever no rol da Igreja o nome dêsse homem simples e de aspecto doentio, longe estava de pensar quão grandes cousas iria êle fazer pelo Reino de Deus naquelas paragens! Ao despedir-se do pastor, ficou assentado que êste viria seis mêses mais tarde até o sitio de meu pai, para receber em profissão de fé a sua companheira. Nessa ocasião o missionário já podia fazer duas viagens por ano, pois se achava residindo em Araguarí.

De tal modo minha mãe se impressionou, que quando papai chegou à casa, antes mesmo de dizer qualquer palavra, ela exclamou: — Olhe, Nôzinho, você não quiz me esperar, eu vi tudo, você professou-se ontem à boca da noite. Ao seu lado estavam um homem e duas mulheres mas eu só conheci a você...

Meu pai ficou estarrecido diante destas palavras. Não sei que explicação poderá ter o fato. Sei apenas que até hoje minha mãe afirma, com absoluta convicção, que viu quando meu pai era recebido pelo ministro. Afirma que se achava em casa com o menino Joaquim Vilela, que lhe fazia companhia, lendo ao seu lado, à luz fraca de uma lamparina, quando, como que transportada ao local, viu perfeitamente o que estava acontecendo em casa do Zéca Esteves.

Embora desapontada pelo fato de não estar ao lado do marido quando êle dava um passo tão importante na vida, ela ficou contente e poude esperar pacientemente pela vinda do pastor daí a seis mêses.

Com maior entusiasmo ainda, meus pais continuaram

a ler as Santas Escrituras, o que se tornára um grande prazer para o novo crente, sendo que assim poude aperfeiçoar-se muito na arte da leitura, valendo-se da própria Palavra de Deus. Lia constantemente para a companheira querida, com a qual formou o habito santo de sempre consultar a Deus, juntos, nas horas de dificuldade e nos momentos de decisões a respeito de problemas, às vezes complexos, que lhes surgiram na vida.

VIII

UM PÉ NA TERRA OUTRO NO CÉU

Um largo período de tempo meus pais se viram completamente isolados. Os vizinhos os evitavam e os parentes desapareceram. Em compensação, havia a convivência alegre e bôa dos crentes.

Repentinamente, quando tudo parecia ir caminhando para o nível natural das cousas, meu pai adoeceu gravemente, atacado de maleita.

Não havendo médico nas imediações, aceitou um remedio que um «pratico» receitou e acabou ficando muito pior, pois o medicamento envenenou-o, quáse que matando-o.

A negra Belmira, que continuava espionando, embora de maneira mais branda, correu ao encontro da tia Lina Mendonça para contar-lhe o sucedido. A velha esfregou as mãos de contentamento e murmurou entre dentes: — O castigo tá chegando...

E mandou rezar outro têrço para exterminar de vez os protestantes.

Mamãe arcava sozinha com os serviços da casa e teve de enfrentar também a lavoura. Com o auxilio de dois antigos escravos, dirigia o serviço, pegando ela mesma na enxada. Emquanto isto, meu pai, na cama, piorava, pois só ela podia cuidar dele.

Os dois pretos um dia não voltaram ao trabalho. Tinham encontrado quem lhes pagasse melhor, nas fazendas vizinhas. Só ficou em casa o Joaquim, opilado e fraco, que apenas servia como companhia. Mas minha mãe é uma mulher de rija têmpera. Nunca desanimou com cousa alguma.

Em pé, à porta da cabana, contemplando a roça que

vicejava abençoada, o mantimento pronto para ser colhido, ela pedia a Deus que mandasse o auxilio do Alto, pois sabia que da terra pouco tinha a esperar.

Papai melhorava lentamente da febre mas sòmente podia se mover dentro de casa, com dificuldade, pois um terrivel reumatismo lhe paralisava os movimentos.

Nessa ocasião, tio Tonico, um dos irmãos de meu pai também se interessou pela nova religião e por um princípio mais de afinidade espiritual do que de sangue, resolveu vir auxiliar o irmão.

A colheita foi feita, mas com dificuldades incriveis. O mantimento devia ser vendido logo para que, com o produto da venda, papai pudesse fazer tratamento da saúde.

Meu tio e minha mãe estavam justamente providenciando o comprador para o produto da colheita, quando uma outra desagradavel noticia estourou.

O direito de posse do sitio, que meu pai comprara, nele empregando a sua única economia de muitos anos, era falso. O agrimensor que estava fazendo uma nova divisão da fazenda veiu à sua humilde choupana para lhe dar essa terrivel nova, acrescentando que êle teria que ficar apenas com um pedacinho de chão que era o local onde estava edificada a casa.

Meu pai chegou a chorar ao receber a noticia. Era demais. Abateu-se até o chão e, como Job, lamentou sua desgraça.

Mamãe, porém, não se abalou. Não, não era ainda o fim. Não deixaria que o desespêro os vencesse. Convidou meu pai para levar o caso aos pés de Deus e oraram. Oraram muito, com muita fé.

No dia seguinte, cêdo, após êsse triste acontecimento, tio Tonico chegou, trazendo um recado do outro irmão crente, o tio David.

Este mandara dizer a meu pai que uma vizinha sua, bastante doente, tinha tambem uma posse na fazenda das Perdizes e desejava vendê-la por qualquer preço. Não restava dúvida de que Deus os atendera. Devia procurar ime-

diatamente essa pessoa e fazer o negocio. Era a única solução..

Mas, só possuiam um cavalo velho, e papai não podia viajar sósinho. Como ir ao encontro da dona das terras, se ela tambem estava doente e não podia se aproximar deles?

— Nada de desânimo, disse mamãe. Você vai a cavalo, eu vou a pé.

Assim êles viajaram até a fazenda do tio David e dali até a casa da senhora que desejava vender a posse. Tio David vendeu o mantimento que tinha em casa e apurou imediatamente cento e setenta e cinco mil réis, que foi o quanto a mulher pediu pelo terreno. O negócio foi realizado, assim, com o auxilio do irmão.

Antes de regressar, resolveram passar em casa de vovô, onde tiveram de ouvir uma forte repreensão do velho, que lhes disse serem motivados pela mudança de crença, todos aqueles trabalhos e sofrimentos por que estavam passando. Prometeu ajudá-los, se eles deixassem aquelas idéias, mas eles responderam que não podiam atendê-lo.

Dias depois foi julgada a divisão e aquele direito de posse que tinham comprado da enferma deu-lhes uma fazenda de mais de 185 alqueires. Um alqueire, na minha terra, mede o dôbro da medida usada por essa designação, em outros municipios. Eram muitos hectares de terra, grande parte ainda coberta de mata virgem, terra de primeira qualidade para cultura.

Quando a noticia se espalhou, muita gente, sem outra razão para explicar uma bênção de tão grande valía, começou a dizer que aquilo era auxilio do Diabo.

Entretanto, a situação ainda não era muito tranquilizadora. De um dia para o outro, meu pai se viu dono de uma fazenda enorme, mas continuava doente, sem poder trabalhar, sem dinheiro para contratar empregados e, de repente, o seu cavalo, o unico que possuia, morreu picado de cobra.

Nessa ocasião receberam um recado do Rev. Carlos Morton, comunicando que passaria por ali para visitá-los.

Surgiu um outro problema. Como haviam de hospedar o pastor, se a sua casinha mal dava para a cama e o fogão?

Como era tempo da sêca, resolveram, marido e mulher, fazer um quartinho cercado de cana de milho para nele acomodar o servo de Deus.

Disseram-me mais tarde, que de tudo quando o Rev. Morton contou depois nos Estados Unidos para despertar interêsse pelo trabalho no Brasil, revelou que o que mais profundamente o impressionou e chamou a sua atenção, foi êsse quartinho pobre e original.

O pastor apareceu e foi recebido com o maior carinho, com alegria e entusiasmo. Mamãe fez sua profissão de fé e tio Tonico também.

*

* *

Aproveitando a presença do ministro em sua casa, papai propôs que fossem juntos até o arraial de Boqueirão, hoje Doradoquara. O pastor aceitou o convite e, quando a noticia se espalhou, deu-se um grande ajuntamento de pessoas ao redor dos dois, ao chegarem a cavalo, à praça da povoação. Todo mundo queria ver se era verdade que o ministro dos protestantes tinha pé de pato.

Alguns disseram a meu pai:— Ah! seu Néca, agora é que o senhor vai passar trabaio de verdade.. Êsse homem deixa rabuja nas casas onde entra...

Madrinha Lina, ao saber da visita do ministro, ficou mais furiosa e ofereceu o resto de sua propriedade para a Santa Cruz, para que o castigo viesse completo.

Papai e mamãe continuavam, porém, firmes na fé. Liam diàriamente as Escrituras e oravam com fervor. Foram crentes de oração.

As cousas não iam muito bem. Papai continuava mal de saúde e de finanças, também em situação deprimente. Mamãe era obrigada a fiar lã para poderem comprar o sal, pois os víveres para não passar fome, tinham em casa.

Um dia mamãe falou a meu pai que estava disposta a plantar um mandiocal. Êle aprovou a idéia mas disse não saber como iria conseguir realizar êsse intento. Minha mãe chamou novamente os pretos ex-escravos, mandou-os preparar o terreno e ela mesmo plantou a rama da mandioca. Um ano e pouco depois, a mandioca estava em ponto de ser arrancada e podia ser transformada em farinha e polvilho.

Papai, porém, continuava piorando. Tão gráve ficou o seu estado, que êle chegou a orar a Deus, pedindo que o levasse dêste mundo, ou que lhe concedesse a melhora, pois não suportava mais o sofrimento.

Foi muito forte a provação dessa vez. Mamãe, sòzinha, não podia cuidar da lavoura e as cousas chegaram a um tal ponto, que começou a faltar até o alimento.

Como não tinham carne nem podiam comprá-la, mamãe resolveu fazer um foge no fundo do quintal, à beira do rio. Foge é um buraco de dois a três metros de profundidade, coberto de ramos para pegar capivaras. Tal era a fartura de caça dêsse animal, que poude apanhar diversas. Mamãe sabia preparar muito bem a carne de capivara e foi assim que puderam se alimentar durante muito tempo... Alguem então se lembrou de dizer a meu pai que o óleo da capivara era um medicamento poderoso para o seu mal e êle aceitou o conselho e começou a usar o remédio.

Em pouco tempo tornou-se forte e começou a gosar de relativa saude, bastante mesmo a ponto de poder trabalhar.

Assim foram correndo os dias entre o alternar de saude e doenças, miseria e fartura, perseguições e sofrimento moral, mas acima de tudo pairava uma cousa que nunca lhes faltou: a confiança em Deus.

IX

RETALHOS DE CÉU AZUL

O ano de 1903 deixou na alma de meus pais uma grande dôr e uma grande saudade. Carlos Morton, o denodado batalhador, após um brilhante carreira neste mundo de misérias, onde consagrou sua preciosa vida em favor dos desherdados espirituais e dos famintos das verdades eternas, partira para o Grande Descanso a que fazia jús e que merecidamente fôra desfrutar.

Para substituí-lo, foi enviado o Rev. Roberto See, um homem de grande personalidade, dotado de forte dóse de simpatia e atração pessoal. Por êsse motivo, muitas pessoas, que ouviram falar a seu respeito, resolveram assistir a sua prégação, porque «queriam ver o homem bonito falar».

O novo missionário demorou-se alguns dias em casa de meus pais e visitou várias familias que, embora não pudessem ser consideradas simpatizantes do Evangelho, não podiam também ser olhadas como inimigas. Essas visitas produziram bom resultado.

Em Doradoquara, antigo arraial do Boqueirão, no município de Monte Carmelo e séde de distrito, meu pai e o Rev. See foram visitar o chefe politico local, o sr. José Cazeca. Êste, que era, embora atrazado, um espírito liberal e fazia questão cerrada de agradar a todos para firmar o seu prestígio, recebeu o pastor muito bem, cumulando-o de atenções, com todas as honras. Em homenagem ao distinto visitante, mandou soltar foguetes, conforme o costume da região. Ao referir êsse incidente, lembro-me do espanto de meu marido quando, logo depois do nosso casamento, fomos visitar o meu tio João em sua fazenda, que também nos recebeu com o espoucar dos foguetes.

O Cazeca ficou de tal maneira satisfeito com a ida do

ministro à sua casa, que cometeu um êrro que os protestantes pagaram caro, por muitos anos. No meio da unica praça da localidade, ou do «largo», que é a denominação dada no interior a êsses logradouros, estava edificada a capela católica. Junto a esta havia uma varanda coberta de capim, que era usada, nas ocasiões de festa, para ali se levarem a efeito os leilões de prendas. Enquanto meu pai e o rev. See palestravam com o Cazeca, começou a chover. Não tendo em sua casa um abrigo para os cavalos dos visitantes, o velho chamou um empregadinho e gritou: — Oia cá, João. Leva os cavalos do seu Néca e do seu ministro lá prá varanda da Igreja.

— Ih! seu Cazeca, lá tá cheio de cabritos.

— Não faz mal. Toca os cabritos e bota os cavalos.

Nenhum outro gesto de falta de respeito pelas coisas santas poderia ter sido praticado pelo líder politico do arraial. A população interpretou a ordem como um desrespeito à sua religião e o descontentamento começou a lavrar, insidioso e traiçoeiro, como o fogo ateado pelas faúlhas das queimadas. Por muitos anos o Evangelho lutou com dificuldade para conquistar algumas almas para Jesus naquele lugar, devido à repercussão dêsse incidente.

Mas o bondoso velho nunca teve a intenção de ofender o seu povo. Queria apenas ser amavel para com os visitantes.

A visita do Rev. Roberto See foi muito util a meus pais, pois tiveram oportunidade de obter mais esclarecimentos com êle a respeito da fé. Um dos pontos mais discutidos com o pastor foi o da contribuição. Papai achava que devia contribuir para auxiliar a Igreja, mas como não dispunha de dinheiro em espécie, perguntou ao pastor se devia contribuir com víveres, etc. Pela primeira vez meu pai ouviu falar sobre a forma do dízimo como contribuição.

As coisas iam melhorando agora rápidamente. Mamãe desmanchou o mandiocal, fez polvilho e farinha de mandioca, que meu pai vendeu na cidade de Monte Car-

melo, apurando a quantia de duzentos mil réis. É preciso notar que essa importância, naquela época, representava uma quantia respeitavel e era considerada muito dinheiro. Quando êle chegou à casa trazendo o «money», minha mãe ficou abismada! Nunca pensou que pudessem apurar aquela dinheirama tôda com uma simples venda de polvilho e de farinha.

Dessa importância ela retirou e guardou em local separado, uma oferta para um orfanato.

Passaram-se três anos sem que recebessem nova visita pastoral. Como era grande, como era firme a crença daqueles homens e mulheres que, quanto mais distantes viviam dos centros civilizados, mais perto estavam de Jesus Cristo! Faltava-lhes o pastor amado, o guia de suas almas para prégar e aconselhar, exortar e esclarecer, mas não faltava a fé e a confiança no Mestre dos Mestres e Supremo Pastor. Êle supria a ausência dos ministros de Deus e amparava os seus servos.

Minha mãe, animada com o resultado financeiro obtido com o mandiocal, resolveu iniciar uma nova atividade. Ganhou de seu pai alguns leitões e colocou-os no chiqueiro para engordar. O resultado foi ainda melhor que o da plantação de mandiocas.

Mamãe sempre tomou as iniciativas mais importantes da vida. Alguns de meus irmãos herdaram êsse espírito prático e comercial, o que considero herança de minha avó. Papai era muito prático e empreendedor, mas esperava sempre a palavra da companheira quando precisava resolver seus problêmas comerciais.

Com a venda dos porcos, mamãe achou que deviam abrir uma casa comercial. Meu pai pôs as mãos na cabeça. Não era possível. Não tinham os meios para tanto. E a casa? Onde iam abrir a loja? Levaram o problêma aos pés de Deus e o resultado foi que em pouco tempo estavam reformando a humilde habitação em que viviam. A loja ia ser aberta alí mesmo, no sítio. Cuidariam de duas cousas ao mesmo tempo.

No próprio sítio tinham a madeira necessária. Meu avô materno se ofereceu para tirar e mandar lavrar os esteios, traves, linhas, etc. Quando a madeira ficou pronta, alguns irmãos de papai vieram dar-lhe, cada um, um dia de serviço. Suspenderam os esteios. Meus tios maternos vieram também ajudar e suspenderam a cumieira da casa.

Agora, no ponto em que se achava, papai podia terminar o serviço sòzinho, isto é, com a ajuda de mamãe. Ela o ajudava em tudo, com dedicação. Assim que conseguiram cobrir a casa, passaram a morar imediatamente nela e, aos poucos, foram sendo erguidas as parêdes, assentadas as portas, feita a caiação, etc. E a humilde tapera em que moravam, transformou-se numa casa ampla, clara, bem ventilada, com acomodações para família e o cômodo de «negócio» ou da loja bem arranjado e localizado no extremo direito da casa.

Em toda essa luta para melhorar a situação material, meus pais encontravam estímulo e fortaleza na leitura da Palavra de Deus e na oração. Mais na oração, pois para se dirigirem a Deus encontravam mais facilidade dessa forma do que pela leitura, que ainda faziam com alguma dificuldade.

Alguns da familia iam se aproximando cautelosamente. Já não estavam tão isolados como no princípio. Só restavam, irredutíveis, intolerantes e perseguidores, meu avô e a madrinha Lina.

Aos domingos sempre recebiam visitas dos parentes e, como no dia do Senhor, estavam constantemente com a Bíblia na mão e em atitude de reverência, essas visitas, por delicadeza, acabavam assistindo ao culto doméstico. Mas ainda acreditavam que os ministros tinham «pé de pato».

Mamãe aproveitava a presença dos amigos, vizinhos e parentes para convidá-los para o culto, quando o ministro aparecesse. Alguns se mostravam bastante curiosos pa-

ra presenciarem a cerimônia religiosa dos protestantes, com a presença do pastor.

Num fim de semana, tiveram uma supreza agradável. Havia chegado o Rev. Roberto Daffin, que viéra substituir o Rev. See.

Daffin era um homem muito accessível, atencioso, gostava muito de caçoar, brincar e contar histórias dos Estados Unidos. Com êsse temperamento tão a gosto do nosso sertanejo, atraíu logo a simpatía de todo o mundo. No dia em que êle chegou à fazenda, lá se encontravam diversos «camaradas» ou empregados nos trabalhos da roça. O ministro fez questão que papai o levasse a visitar os trabalhadores, enquanto êles estavam ainda em serviço, no «êito». Ao chegarem, todos pararam um momento, reverentes, em atitude de respeito para com o «seu» ministro. Rev. Daffin começou a conversar com êles e contou-lhes a maneira pela qual era feita a plantação do milho — que era o serviço dos empregados naquela hora — nos Estados Unidos da América do Norte. Aqueles homens rudes e simples, que nunca tinha ouvido falar de Estados Unidos, nem de America do Norte ou do Sul, ficaram maravilhados com a palavra do «estranja» — expressão esta usada e aplicada a qualquer pessôa que não fosse daquelas paragens.

Trabalhador como era, o Rev. Daffin se interessou logo pela lavoura e em tôrno de sua conversação agradável, reunia o coração daquela gente. Tomou de um rapazinho uma cúia de milho e começou a semear nas covas abertas momentos antes. Enquanto semeava, foi contando a parábola do Semeador, de maneira a captar, de forma original e proveitosa, a atenção daqueles homens. Não faz muito tempo, tive ocasião de ouvir de um deles, que já estava velhinho, a repetição da parábola do Semeador, quáse com as mesmas palavras usadas pelo Rev. Daffin, história que o levára, desde aquele dia, aos pés de Jesus Cristo.

Terminando a semeadura e a parábola, o missionário

reuniu-os mais perto e contou como, na sua terra, os agricultores aproveitavam as palhas e a cana de milho, preparadas nos silos. Isto os fez admirados, pois ignoravam essa aplicação. Para eles, a palha e a cana só serviam para ser queimadas.

Como meu pai continuava impressionado com a questão da contribuição para a igreja, abordou o novo pastor sôbre o assunto e ouviu dele explicações tão convincentes e claras, que êle e mamãe adotaram imediatamente a forma dizimista.

As reuniões durante os dias em que êsse fiél servo do Senhor esteve em casa de meus pais, foram mutíssimo proveitosas e, para usar a expressão do dr. Hardie, mais tarde pastor e missionário daquele campo, «ricamente abençoadas».

Rev. Roberto Daffin esteve uma semana na fazenda, prégando e exortando, para regressar depois a Araguarí, onde residia na ocasião. Papai prometeu ir até aquela cidade, quando o serviço da roça desse folga, mas como isto era difícil, foi se passando tempo até completar um ano, findo o qual, as economias tinham atingido a quantia de quinhentos mil réis, que era o capital esperado para começar a negociar. A casa estava pronta, o cômodo de «negócio» já em ordem e a propaganda feita. Faltava agora a mercadoria para o estoque inicial e, para isto, estava o capital junto, para comprar à vista. E não era pouca cousa. Quinhentos mil réis... Bemditos tempos!

X

A PRIMEIRA CEGONHA

A cidade de Araguarí era, naqueles tempos, como ainda hoje, um grande centro de irradiação comercial naqueles fundos de sertão. Com uma esplêndida colocação geográfica, às portas do rico Estado de Goiaz, donde provinha grande parte do seu movimento, desfrutava de uma posição vantajosa e mesmo superior a outras cidades do Triângulo Mineiro. Desde cêdo o município se distinguira como grande produtor de arroz e era um desenvolvido centro de criação de gado. De par com a pecuária e a lavoura, desenvolveu-se extraordinàriamente o comércio, com grandes casas atacadistas, que em suas transações comerciais se espandiam pelos centros vizinhos como Estrela do Sul e Monte Carmelo em Minas e varias cidades do interior goiano. Mais tarde florescia tambem a indústria, em pequena escala, especialmente de laticínios.

Meu pai aprontava sua viagem a Araguarí, onde ia fazer as compras de mercadorias para a sua loja, quando um acontecimento imprevisto veio perturbar momentaneamente os seus planos. Com quáse dez anos de casados, vinham pedindo a Deus, à maneira dos velhos patriarcas hebreus, que lhes concedesse a honra de um filho. Pois bem, isto aconteceu justamente nessa ocasião em que, chegando a se conformar, concluiram que o Senhor, por qualquer motivo que êles não poderiam compreender, não lhes daria essa benção. Rejubilaram-se ao extremo. Um filho! Sua vida, que estava recebendo bênçãos de valor inestimável, com a prosperidade material, ia ser agora muito mais cheia de encantos. Êsse filho havia de ser dedicado ao Senhor.

Foi assim que eu, sem querer, vim passar em meus

pais o maior lôgro de sua vida. Em vez de um varão, conforme esperavam, veio ao mundo uma mulher. Decepção? Talvez. Mas não foi muito grande e logo se conformaram com a situação. Deus sabia o que estava fazendo. Mesmo essa filha, porque não poderia ser também consagrada a Deus? E quem sabe o que poderia ela realizar? Em seus colóquios com mamãe, meu pai dizia: — «Deus não nos deu um filho, Êle sabe porque, mas essa filha, havemos de educá-la de tal modo que ela faça na igreja tanto ou mais que um homem. Ela há de ser o homem da família». Por êsse motivo, desde menina, acostumei-me a arcar com as responsabilidades mais pesadas e que no futuro de muito me serviram.

Papai nadava em contentamento. Agora precisava tratar de batizar a pequena. Nesse caso, o melhor seria adiar a viagem a Araguarí e providenciar tudo de uma vez, o batizado e as compras.

Arranjou um casal vizinho para fazer companhia a mamãe e partiu, recomendando antes, à companheira, que fosse convidando os parentes e conhecidos, pois queria muita gente para assistir o primeiro batizado na igreja protestante naquela região.

Chegando a Araguarí, teve a grande surpreza de não encontrar mais alí o Rev. Roberto Daffin, pois tinha havido grandes transformações na igreja daquela cidade. Não pertencia mais ao campo missionário, era agora uma igreja com govêrno próprio, dirigida por diáconos e presbíteros brasileiros e pastoreada por um brasileiro, o Rev. Palmiro Rugeri. Êste não podia acompanhar meu pai à fazenda para fazer o batizado porque seria penetrar nos domínios espirituais da West Brazil Mission.

Foi compensado, entretanto, o seu trabalho por ter encontrado alí dois crentes, que foram duas grandes e preciosas amizades em sua vida. Um foi Tertuliano Goulart, de quem já falei páginas atrás como uma das glórias do nosso evangelismo indígena. O outro foi Cherubino Santos, o Bino, como era conhecido no meio evangélico.

Êste foi um denodado batalhador da Causa do Senhor e dígno companheiro de Tertuliano Goulart. Já não pertence mais à Igreja Militante. Está ao lado do companheiro fiél, Tula, desfrutando o merecido prêmio de seus labores. Devem estar juntos no céu aqueles que na terra eram tão unidos. Bino deixou uma grande descendência e em várias igrejas evangélicas se contam como seus membros, filhos e netos do valente e consagrado servo do Senhor.

Êsses dois amigos apresentaram papai a alguns comerciantes da cidade e êle poude assim, com o seu capital de quinhentos mil réis, fazer um bom sortimento para começar. Um negociante, porém, o sr. Fróis, insistiu com êle para levar mais uma carrada de sal, para pagar quando voltasse a Araguarí. Nada de duplicatas e de Bancos. Quando êle voltasse por lá... Êsse débito foi mais ou menos de quinhentos mil réis, e meu pai fez sortimento de um conto para iniciar seu negócio.

Continuava sem solução a questão do ministro para fazer o meu batizado. Naquela época a Igreja Presbiteriana do Brasil estava ás voltas com a grande cisão que deu origem à Igreja Presbiteriana Independente, movimento êsse encabeçado pelo notável filólogo Eduardo Carlos Pereira. Essa situação refletia-se angustiosamente na Igreja de Araguarí.

Estava meu pai bastante aborrecido com o problêma, quando chegou a Araguarí, um ministro da Igreja Independente recentemente desmembrada, o Rev. Caetano Nogueira, que pretendia visitar alguns crentes no município de Estrela do Sul. Cherubino Santos aconselhou meu pai a levá-lo até a sua fazenda para fazer o batizado. Tudo foi combinado com o pastor independente e meu pai voltou para a fazenda, que distava trinta léguas da cidade de Araguarí.

Chegou todo ufano, satisfeito com os resultados. Levou muita história para contar aos vizinhos que não conheciam a cidade, comprou algumas novidades nunca vistas por alí. Meu pai era muito econômico, mas às vezes

saía fora do sério, o que lhe valia sempre um bom «sermão» da cara metade, quando adquiria alguma cousa que ela considerava dispensável.

Dando vazão ao contentamento que experimentava, comprou para o meu batizado um enxoval principesco. Pagou vinte e cinco mil réis por uma camisola e uma touca! Naquele tempo isto era uma fortuna e dava para comprar alguns alqueires de terra. Minha mãe, sempre econômica, já estava planejando tirar um pouco na roda da sáia do seu vestido de casamento e fazer um enxovalzinho em casa. Para não desapontar o marido, dispensou o «sermão» mas deu-lhe alguns conselhos, especialmente «que na próxima vez tivesse mais cuidado» .

Uma cousa, porém, que a fez perder o sono, foi a divida de quinhentos mil réis que meu pai havia feito em Araguarí. Tinham levado dez longos anos de trabalho e de paciência para juntar aquela quantia e agora, em um só dia, papai fizera uma dívida daquelas! Quando poderiam pagar um compromisso tão elevado?

Mas, como não lhe faltava fé em Deus e disposição para o trabalho, dispôs-se à luta, com ânimo forte e vontade de vencer.

Enquanto mamãe aprontava os doces, biscoitos, leitôas e bolos para a cerimônia do batismo, meu pai ia convidando os vizinhos para o próximo domingo.

Em nossa casa, salvo o tempo das vacas magras, sempre houve fartura. Por isso, qualquer reunião ou festa, era sempre acolhida com simpatia pelos vizinhos e parentes, pois sabiam que iam poder se regalar...

No domingo, tal foi a afluência à nossa fazenda, que o Rev. Caetano Nogueira teve de prégar ao ar livre para aquela gente e para que todos tivessem oportunidade de assistir ao batizado. O que muitos estranharam foi a ausência dos padrinhos, pois a Igreja Presbiteriana não segue êsse costume.

Mas, inegàvelmente, foi uma das grandes oportunidades deparadas por Deus àquela humilde gente para a levar

ao conhecimento do Cristo dos Evangelhos, o Cristo Vivo e não o Senhor Morto das tétricas cerimônias de sexta-feira da Paixão...

Muitas pessoas se interessaram em conhecer as verdades simples e puras do Evangelho, tornando-se mais tarde piedosos crentes e valorosos trabalhadores na Seára do Mestre.

O ministro independente ficou contentíssimo com o trabalho feito e despediu-se de todos muito alegre, prometendo voltar no ano seguinte. Mas Deus, em seus inexcrutáveis caminhos, assim não consentiu, pois antes de terminar êsse prazo, o Rev. Caetano Nogueira foi chamado para fazer parte da legião dos salvos em Jesus, na glória eterna!

XI

«...A TUA RECOMPENSA SERA' INFINITAMENTE GRANDE.» Gen. 15:1

A decantada casa comercial foi afinal aberta, com grande regosijo para meus pais, parentes, amigos e vizinhos. Como o arraial de Doradoquara, onde existiam comerciantes, distava uns nove quilômetros das Perdizes — região em que se achavam a nossa fazenda e outras mais situadas às margens dêsse rio — não podia deixar de ser bem recebida a notícia, pois agora todos podiam fazer suas compras, a qualquer momento, sem necessidade de cavalgar até a povoação de Doradoquara.

Meu pai continuava cuidando da lavoura. Agora já estava em condições de sustentar os «camaradas». Esta palavra, no sertão, indica simplesmente os empregados, aqueles que labutam na lavoura ganhando por dia.

Os nossos empregados nessa época não ganhavam mais de quinhentos réis (Cr$ 0,50) por dia. E meu pai era dos fazendeiros o que pagava melhor salário. Todos tinham, porém, direito à «boia», que era levada em gamelas e grandes caldeirões pelos negrinhos da fazenda até o «êito», ou local de trabalho. Alí, em tripeças armadas sôbre o fogo, a comida era requentada. A alimentação era farta e bem preparada, por isso todos se sentiam satisfeitos em trabalhar para meu pai. E' que êle tratava os empregados como criaturas humanas e não como animais.

Mamãe tomava conta do balcão. Isto não era muito difícil, pois a casa comercial na roça não precisa ficar aberta o dia todo, bastando abrir as portas quando chega o freguês. Dessa forma, podia a fiél companheira de Manuel de Melo caixeirar, cozinhar, costurar, olhar a criança e

ainda fazer doces e biscoitos. Mas, com o tempo, acabou arranjando uma preta velha para lavar roupa e tomar conta da pequena.

Meu pai era muito impertinente e não gostava que ninguém me puzesse as mãos. Tanto eu como meus irmãos fomos crianças muito admiradas, pois aquela gente, em condições mais humildes do que nós, acostumou-se a ver, em nossa criação, que era rigorosa, um exemplo para os seus filhos. Papai, sem querer e sem nunca aspirar essa posição, foi-se tornando uma espécie de guia e orientador para aquele povo.

A velha preta Belmira, quando alguém trazia para mim algum presente, para assim ter a oportunidade de tomar-me ao colo, dizia: — Vancês pode dá o «obsequio» (presente) que eu levo prá Sinhá moça, mas botá a mão na Sinhazinha, isso não, o Sinhô moço não tem medo de quebrante, mas tem muito nôjo das mãos dos outro. Hum! cruz crédo. Tomara eu pegá nargum biscoito prá dá prá essa porcariinha dos óio da cara — hum! Sinhô moço vira uma onça... Vancês pode vê a menina à vontade, mas num bote nem um dedo nela...»

*

* *

O Senhor continuava abençoando seus servos. Quando começou a prosperidade, apareceram novamente os inimigos, desta vêz numa tremenda ofensiva de língua. Quando a pobreza e a miséria rondavam a porta humilde da choupana em que meus pais moravam, diziam que estavam sendo castigados, que não podiam ir adiante, teriam que «marcar passo» e não iam prosperar como os outros da família.

Agora, que as condições melhoravam, era o «coisa ruim» que estava ajudando. Prosperar tão depressa? Quem estava quáse às esmolas não fazia muito tempo... Só podia ser obra do «capeta», pois com aquela religião maldita, ninguém ía adiante abençoado pelos santos.

Às vezes mudavam de tecla. Estavam prosperando, sim. Mas, que reparassem. Aquilo não iria longe. Imagine, a mania dos protestantes! Logo no domingo, que era o dia em que todo o mundo estava desocupado das lidas da roça e podia ter tempo para fazer suas compras, seu Néca, nesse dia não abria o «negócio» para ninguém. Bem faziam os negociantes católicos, que aos domingos estavam com as portas escancaradas.

Minha mãe, dotada de temperamento muito expansivo ía, aos poucos, desfazendo essas intrigas. Sabia agradar a todos que procuravam nossa casa. Ninguém saía de lá sem receber um agrado. Eram as crianças, que voltavam levando amarrados de «quitandas» era o adulto, o mais humilde freguês da loja, que não saía sem tomar a xícara de café, era a mãe de família que sempre levava uma dose de homeopatia para o filho doente. Ela sempre receitava a «aguinha» homeopata para aquela gente humilde, de que entendia um pouco, e era sempre feliz no tratamento dos doentinhos... Ficou mesmo afamada como «médica» da roça.

— O menino num tá bão ainda? Ora, comadre leva prá Maria Lina que ela dá vorta nele...

As amizades iam crescendo, o Evangelho ganhando simpatizantes com o testemunho daquele consagrado casal de crentes pouco ou quáse nada instruidos, mas que tinha a iluminar os seus passos a luz sempre brilhante do Evangelho de Jesus. E com essa luz, aclaravam o seu caminho e mostravam a estrada da salvação para os outros.

*

* * .

Quatro anos se passaram. Nenhum outro comerciante prosperara tão ràpidamente, em tão pouco tempo. A freguezia era enorme e o trabalho dobrara, requerendo toda a atividade de meu pai, no balcão e mais um empregado para as lidas da casa. No fim do primeiro ano tinham

sido facilmente pagos os quinhentos mil réis da dívida feita em Araguarí e papai já tinha feito outras compras mais vultosas e tödas pagas no vencimento. Não podiam ser maiores as bênçãos de Deus.

Todos os mêses meu pai fazia meticulosamente seu balanço, apurava os lucros obtidos e separava escrupulosamente o dízimo, ao qual dava o destino que julgava mais conveniente na ocasião. Assim, num mês êle mandava o dízimo para os seminaristas pobres, noutro para os orfanatos da igreja, no seguinte repartia com uma viúva paupérrima cheia de filhos que habitava as terras da fazenda e, quando o pastor aparecia por lá, entregava-lhe em mãos a décima parte, sagrada e pertencente ao Senhor.

Recuperou a saúde e trabalhava com tôda a disposição. Seu esfôrço, conjugado ao da fiél companheira, sob as bênçãos de Deus, frutificava maravilhosamente.

Em meio à prosperidade, meus pais, longe de se enfraquecerem na fé, mais ardorosos se tornavam na defesa do Evangelho Santo e promoviam reuniões em casa, onde êle mesmo prégava, na sua linguagem rude, porém ungida com o Espírito Divino, de maneira accessível e tocava os corações presentes, impregnando-os do perfume das cousas celestiais. Muitos se converteram e, aos poucos, foi se formando alí uma humilde, porém consagrada congregação de crentes.

* * *

Marta, minha segunda irmã, nasceu em meio a essa fase de desenvolvimento dos bens materiais. Dessa vez, minha mãe foi a primeira a tomar a iniciativa de encomendar um bonito enxoval para o batizado, não fazendo muita questão de economia e de aproveitar a barra da saia...

As compras eram feitas quatro vezes por ano. A lavoura se desenvolvera bastante e começava a criação de gado na fazenda.

Quando os carros de bois chiavam nas estradas vermelhas, trazendo de Araguarí as compras feitas por papai, era uma festa nas redondezas. A's vezes, dois ou três carros vinham rasgando sulcos pelos caminhos, atarracados com o pêso da carga. A vizinhança afluía à loja e era aquela lufa-lufa de mostrar as cousas novas que vinham da cidade.

Um dia correu uma notícia que encheu a todos de contentamento. O Presbitério de Minas tinha resolvido mandar um pastor novo para aquele campo. Era um moço muito preparado, saído recentemente do Seminário. E êsse pastor, que devia chegar por aqueles dias para visitar o campo e conhecer os crentes, era o Rev. Alberto Zanon.

XII

ALBERTO ZANON

O jovem pastor não se demorou muito e passou logo pela nossa fazenda. Prégou a uma grande multidão e batizou Marta.

O Rev. Zanon, como todos o chamavam, foi pastor do campo de Estrêla do Sul e adjacências, durante treze anos. Sem que, com as referências que a êle vamos fazer, tenhamos a intenção de empanar o brilho do trabalho esplêndido e abençoado realizado pelos seus antecessores, não posso deixar de mencionar de maneira especial êsse grande servo de Deus e extraordinário trabalhador. Foi êle um verdadeiro herói do Evangelismo no Triângulo Mineiro, um autêntico bandeirante da fé.

Não deixa de apresentar grandes dificuldades a tarefa de descobrir a alma dêsse homem para apreciação daqueles que o não conheceram. Espírito verdadeiramente cristão, era a bondade personificada. Sempre de bom humor, calmo, nunca apresentava motivos para se queixar da árdua tarefa que desempenhava. Moço ainda, apenas formado pelo Seminário Presbiteriano, Zanon foi destacado para a nossa zona, indo fixar residência num lugarejo distante, em todos os sentidos, quer geográficamente, quer intelectualmente, dos centros civilizados: São Francisco das Chagas do Campo Grande, hoje cidade de Rio Paranaíba. Mais tarde terei oportunidade de falar sôbre essa localidade, quando meu marido e eu tivemos de enfrentar também alí dias duros e de provação tremenda.

Fazendo um parêntesis, não posso deixar de fazer menção de dois grandes batalhadores em prol do Evangelho de Cristo, que se destacaram no cenário evangélico do

sertão mineiro, nessa época, morando os dois em localidades diferentes.

Em São Francisco, onde Rev. Zanon foi morar, encontrou êle uma figura, sob todos os pontos de vista respeitavel, um verdadeiro patriarca, que até os dias de hoje vem dando um admiravel testemunho de sua fé. Foi o sr. José Soares do Amaral. Êle e sua familia eram crentes e muitos dos seus filhos e netos são hoje membros da Igreja Presbiteriana. Zé Soares foi e continua sendo uma luz naquelas paragens. Enfrentou perseguições medonhas naqueles tempos dificeis, de ignorância e de obscurantismo religioso, quando os sacerdotes da igreja da maioria inculcavam no ânimo do povo sentimento de aversão para com os protestantes, insinuando mesmo que os crentes deviam até ser mortos. Insinuando não é bem o termo, pois conheci padres que gritavam claramente, dos pulpitos, que a perseguição aos protestantes devia ir até ao exterminio.

Zé Soares enfrentou perigos de morte, teve de mudarse com a familia para outras cidades, encontrou dificuldades de toda a sorte mas não vacilou na fé. Hoje, quáse inválido, sofrendo de uma cruciante enfermidade, ainda encontra no sofrimento motivos para dar graças a Deus. Pois bem, foi êle um companheiro digno do rev. Zanon. Tornaram-se amigos desde o primeiro instante e juntos traçaram uma luminosa estrada de consagração a Deus, nas estradas do sertão de Minas. Muitas vezes ouvi dos lábios do Rev. Zanon a narrativa dessas caminhadas perigosas e arriscadas pelas matas dos municipios de Rio Paranaiba e Carmo do Paranaiba.

Outro gigante do trabalho evangélico, homem culto e possuidor do dom da palavra, foi o sr. Candido Alvares Ferreira, residente em Serra do Salitre, no municipio de Patrocinio.

Sr. Candido foi também um destemido bandeirante que abraçou o Evangelho ainda em plena mocidade e, afrontando os preconceitos e as reservas, mesmo o odio e as perseguições existentes em sua terra contra o Protestantis-

mo, não teve dúvidas e consagrou-se definitivamente, sem nenhum esmorecimento, à difusão das boas novas de Jesus, o Salvador.

Foi a sua vida, ao abraçar o Evangelho, uma luz radiante que se acendeu no alto da serra onde está plantada a galante vila do Chapadão. Êste é um dos lugares mais lindos que tenho visto. Do alto da serra descortina-se um maravilhoso panorama que se estende por leguas e leguas até perder de vista, mesclando-se os campos e as montanas distantes, com o palor dos céus. Para qualquer lado que se olhe, para o nascente ou para o poente, para o norte ou sul, o mesmo deslumbramento, a mesma sinfonia de cores, a mesma beleza desmaiada a desaparecer distante. Do alto dessa montanha, qualquer crente em Deus, mesmo despido de qualquer ideia de misticismo, terá forçosamente que se lembrar de Moisés contemplando a Terra Prometida.

Ouvi certa vez, do Rev. James Woodson, outro grande missionario da Igreja-mãe que está dando a sua vida pelo trabalho no Brasil, que nunca tinha visto um panoramal igual àquele descortinado do alto da Serra do Salitre.

Foi êste o local que Deus escolheu para levantar bem alto, pelo instrumento e vaso escolhido que é Candido Alvares Ferreira, a luz sobre o velador. E lá está o resultado do seu trabalho. Sua familia na Igreja, seus parentes, seus amigos, uma parte daquela gente que êle ama, gente da sua terra e do seu sangue, hoje forma com êle uma das mais bem dirigidas congregações, uma das mais disciplinadas igrejas do sertão. Um dos seus filhos, que foi meu aluno, hoje é pastor de uma igreja nos Estados Unidos, o Rev. Wilson de Castro Ferreira.

Candido Alvares Ferreira forma ao lado de Zé Soares e Alberto Zanon. Cada um no seu setor, cada um se desincumbindo da missão que Deus lhe deu, todos cumpriram e cumprem ainda o seu dever obedecendo a ordem

do Mestre, que eles interpretaram em sua legitima expressão e significação: — Ide e prégai o Evangélho...

*
* *

Alberto Zanon, em tòdo o seu pastorado, jamais teve alguem que ficasse molestado contra êle por qualquer motivo. Ninguem jamais fez um queixa contra a sua pessoa. Simples, de coração grande, tudo êle olhava com os olhos da caridade e do amor de Cristo. Nunca se ofendeu com um crente, nunca mostrou ressentimento por qualquer motivo. Era um pastor de almas verdadeiramente vocacionado.

Metódico ao extremo, tudo fazia sem açodamento, sem pressa, sem aflição. Passando a morar em Araguarí tempos depois, saía daquela cidade a cavalo, passando em todas as fazendas de crentes, em cada povoado ou vila, até chegar à nossa casa. Quando apeava à porta da fazenda, muitas vezes meu pai perguntava: — Quantos dias o senhor vai ficar aqui desta vês, Rev.?

— Não sei, respondia êle. O irmão é quem marca...

Meu pai, que era muito franco, então dizia: — Então desta vez o sr. tem que se demorar uns quinze dias. Temos que visitar fulano em tal lugar, prégar em tal fazenda, visitar os crentes lá da Chapada, ir a Doradoquara...

Êle se submetia razoàvelmente, calmamente, sem discussão, sem dúvida, sem titubear em cousa alguma.

Mas acontecia que em outra viagem, meu pai, logo que êle chegava, ia dizendo: — Desta vez o sr. fica só oito dais para que possa dar mais tempo às outras igrejas lá da frente...

A grandeza de alma e a nobreza de espirito do Rev. Zanon não lhe permitiam discordar. Acatava solenemente, humildemente as ordens que as ovelhas lhe davam, a êle, pastor...

Nada se podia comparar à chegada do Rev. Zanon à nossa fazenda. Do papai ao empregado mais humilde, todos ficavam ansiosos olhando a estrada, para vê-lo apontar ao longe.

Eu, pequenina, subia e ficava encarapitada horas a fio na porteira grande do curral para ser a primeira a ver o pastor.

Bem quizera voltar àquele tempo feliz e continuar em cima da porteira, para aguardar a chegada de tão grande amigo!

Mamãe tinha tudo especialmente preparado para o Rev. Zanon. As toalhas, os lençois, os cobertores, o colchão. Ninguem os podia usar. Quando êle saía, mandava lavar tudo, passar a ferro e trancava a chave para quando voltasse novamente. E não eram demasiados êsses cuidados, pois todos sabiamos que quando êle chegava, toda a nossa casa se sentia bem.

Teve uma vida bem trabalhosa e uma carreira cheia de espinhos o Rev. Zanon. Saía de Araguarí e viajava até Paracatú a tradicional cidade dos garimpos, que data dos tempos coloniais, léguas e léguas de sertão bruto, a cavalo e gastando de três a seis mêses nessa excursão. Levava consigo um «camarada» que muitas dôres de cabeça lhe deu. Conduzia tambem um cargueiro para o transporte de Biblias e livros religiosos que ia espalhando pelas fazendas entre o povo. O cargueiro é um animal geralmente um burro, conduzindo duas canastras de couro, pendentes do lado e seguras numa sela especial.

Tôda a sorte de dificuldades enfrentava aquele dedicado pastor de almas no seu devotamento ao trabalho de Cristo. Arrostava-as porém, com animo sereno, com paciencia, certo de que Deus o havia chamado para o desempenho dêsse glorioso serviço de salvar almas. Os caminhos eram os piores possiveis, a ignorância do povo era fantástica.

Alberto Zanon era o que no sertão o nosso roceiro chama de «moço bem apessoado», isto é, apresentavel,

simpático, forte e robusto. Usava nas suas viagens um chapéu de palha coberto de pano, o que deu causa a muita correria dos sertanejos ignorantes nas estradas... Corriam de verdade, convencidos de que estavam defrontando com uma assombração. Tudo isto por causa do chapéu.

Certa vez, em nossa casa, achava-se o Rev. Zanon palestrando na sala com meu pai. pouco depois de sua chegada, quando uma das nossas vizinhas chegou esbaforida, pálida de espanto e contou para minha mãe: — Siá Maria vancê não queira sabê... Eu nunca tinha visto uma sombração e hoje eu vi, de dia, com o sol quente. Inté fiquei com a língua dura na boca... Eu ia lá prá casa do seu Elias, quando vi entrando na porteira do pasto de vancês um home a cavalo, com um chapéu esquisito na cabeça... Prá mim não era outra cousa senão o lobishome em pessoa...

Meu pai que era bastante maldoso apontou para o Rev. Zanon e exclamou: — Olhe aqui a assombração...

A mulher abriu uma boca enorme e ficou toda sem geito, desengonçada e sem graça. Saiu-se com esta:

— Uai, êle até que é bem bonito...

Papai e o rev. riram a mais não poder.

*

* *

Uma noite, o Rev. Zanon, após uma fatigante caminhada, sem descanso o dia todo, chegou a uma fazenda onde morava uma gente que êle não conhecia. Pediu «pousada» e foi recebido alegremente. Tomou café e dormiu como um justo, que de fato o era.

Na manhã seguinte viu a dona da casa e por um momento ficou horrorizado. Reconheceu logo que a mulher estava morfética, em estado bem grave. Resignadamente aprontou e seguiu viagem.

Silenciosos, êle e o «camarada» seguiram pela estrada ao compasso lento dos cascos dos animais na poeira,

quando o ajudante pensativo e tristonho lhe perguntou:

— E agora, Reverendo?

— Seja feita a vontade de Deus, respondeu êle. E a vontade de Deus para com seu servo foi de preservá-lo e guardá-lo são e salvo daquela triste enfermidade, para gloria de seu Santo Nome...

*

* *

Alberto Zanon foi o confidente e amigo de minha familia, o pastor amado, sempre perto, na alegria ou na dôr. Nenhuma resolução importante era tomada sem que primeiro se consultasse a sua opinião.

Quando êle chegava à fazenda, uma das primeiras cousas que papai fazia era reunir o gado para o reverendo separar as cabeças que seriam dadas para o dízimo, pois de cada grupo de dez bezerros que nascessem, um era marcado com o ferro virado para baixo. Todo o mundo já sabia que aquele novilho pertencia a Deus e a sua venda quáse sempre alcançava um preço maior, por êsse motivo.

Durante o longo pastorado dêsse grande servo do Senhor nasceram meus sete irmãos: Marta, já mencionada, Sara, Noé, Zaqueu, Salomé, Suzana e Jessé. Todos êles foram batizados pelo Rev. Zanon.

*

* *

Ninguém talvez tenha feito até hoje uma idéia exata sôbre o valor da obra realizada pelo Rev. Zanon nos sertões de nossa patria. Impossibilitados de aquilatar em sua grandeza, em sua expressão máxima o que foi o trabalho dêsse consagrado apóstolo do Senhor, contentemo-nos por hora com testemunhos como o que vou relatar.

Muitos anos depois do seu pastorado, numa das cidades do interior de Minas, saía eu da igreja ao terminar

uma palestra em que desenvolvi o tema: «Os ideais da vida», quando fui abordada por um senhor de idade, que estivera atentamente ouvindo minha palavra. Era um crente, antigo fazendeiro na região e que tinha aceito o Evangelho em circunstâncias que merecem ser relatadas, justamente agora, quando fazemos uma tentativa para apreciar a obra do Rev. Zanon.

Eis o que me contou aquele crente: — «Certa ocasião passou por minha fazenda, um senhor de respeito, acompanhado de um «camarada», levando alforges e um cargueiro com livros. Não sabiamos quem era mas ficámos desde logo afeiçoados a êle devido a sua maneira distinta e seu trato fino para com todos.

Sua palestra foi apreciada de tal maneira que os afazeres domésticos foram deixados de lado para que o pessoal da casa pudesse ouvi-lo. Ficámos logo sabendo que era o ministro protestante, Rev. Alberto Zanon.

Ninguem de nossa casa se interessava pela religião daquele homem bondoso. Eramos todos indiferentes, mas logicamente pensavamos que, ao contrário do que se dizia nas imediações, não podia ser má e inspirada pelo diabo uma religião que tinha como ministro um homem tão bondoso e que só falava de Deus.

Tornámo-nos, assim, seus hospedeiros. Em todas as suas viagens por aqueles lados, passava pela nossa fazenda e lá pernoitava.

Uma vez obsequiou minha velha mãe com um livro, um Novo Testamento. Ela o guardou como uma relíquia e o incidente foi esquecido.

Repentinamente, o reverendo desapareceu. Soubemos que ele havia sido mandado para outras bandas. Isto faz mais de quinze anos.

Um dia, voltava eu do povoado próximo à fazenda de minha propriedade, ao passo manso e compassado do meu cavalo, quando, ao deixar atraz as ultimas casas do povoado, ouvi três tiros. Um tanto assustado continuei para frente quando vi, numa curva da estrada, um homem caido ao

chão e dois outros revistando seus bolsos. Reconheci logo os assaltantes, que eram filhos do chefe-politico local, gente poderosa, de grande influência na região. Fiquei espantado e sem saber o que fazer, por um momento. Aliás, êles não me deram tempo para pensar, pois imediatamente, ao se verem surpreendidos, apontaram-me as armas e me intimaram, sob pena de ser morto ali mesmo, a acompanhá-los até o arraial. Levaram-me diréto à casa do subdelegado de policia denunciando-me, com o maior descaramento, como o autor da morte do outro, a quem eu não conhecia. Nada pude fazer, pois meus protestos de inocência de nada valeram. Fui imediatamente trancafiado na cadeia. Apenas me concederam o privilegio de mandar um portador a minha casa pedir para me enviarem roupa, cama, etc. e objetos de que eu ia necessitar na prisão.

A principio fui dominado por um desespêro atroz. Revoltei-me contra Deus e contra os homens. Seria possivel, que eu fosse pagar de maneira tão humilhante e tão injusta por um crime que não cometera, só porque os responsáveis eram gente poderosa e de influência política? Era demais.

Na prisão sofri horrivelmente, pois era olhado com horror pelos proprios companheiros de infortúnio. Consideravam-me, com razão, pior que muitos deles, pois o meu crime era duplo: era um latrocinio, ao passo que a maioria deles respondia apenas por assassinato ou ferimentos.

Minha familia tudo fez para me libertar, mas em vão. Perdi a esperança e conformei-me com a sorte ingrata.

Um dia, remexendo no fundo da mala que me havia sido enviada com roupas, encontrei o Novo Testamento que o Rev. Zanon tinha dado a minha mãe. Não tendo outro passatempo, comecei a ler. Um dos primeiros efeitos dessa leitura foi desistir da ideia de suicidio, que já rondava insistentemente o meu cérebro.

Continuei a ler aquelas páginas bemditas e, em breve, outros prêsos tambem se interessaram pela leitura, e me ouviam reverentemente, tendo um deles me contado que

já havia assistido prégações feitas pelo Rev. Zanon. Uma verdadeira febre de saber me devorava o coração. Tinha quáse loucura pela palavra bemdita, que me trazia confôrto ao coração, ensinando-me a esperar pela Justiça de Deus.

Um dia, recebendo a visita de um meu irmão, pedilhe para ir à casa de alguns protestantes que residiam no povoado e solicitasse deles me viessem ver na cadeia. Fui atendido logo e recebi a visita de um crente, que foi bastante proveitosa. Orou junto comigo, lemos o Evangelho e senti um conforto espiritual como nunca havia sentido em meu coração.

Logo fiquei sabendo que todos os crentes estavam orando em meu favor. Só lhe digo que estou convencido de que essas orações me salvaram: libertaram minha alma do pecado e meu corpo da prisão.

Não se haviam passado quinze dias dêsde a primeira visita do crente na cadeia, quando o chefe político, pai dos criminosos, que era tambem comerciante, faliu ruidosamente. Logo foi verificado que a falência era fraudulenta. Com isso veiu a devassa na vida daquele homem e de tôda a sua familia. Os amigos se retiraram, os inimigos apareceram, a influência politica desfez-se num instante. Os amigos de outrora, que sabiam quem eram os assassinos e tinham ficado calados deixando um inocente pagar o crime, resolveram falar. Foi enviado um delegado de fora que apurou o crime e fui posto em liberdade. Eu saí e os criminosos entraram em meu lugar.

Com o primeiro pastor que me encontrei fiz a minha profissão de fé e logo minhã mãe, minha mulher e meus filhos me acompanharam nesse passo. Somos ao todo uns vinte crentes na familia, abençoados por Deus e cheios da mais santa alegria.

Não sei se o Rev. Zanon ficou sabendo dêsse resultado da sua obra — concluiu o velho crente. Não sei tambem se vai saber algum dia aqui na terra. Eu desejo continuar na minha humildade, mas a senhora pode usar essa his-

toria como ilustração no seu trabalho como prégadora do Evangelho» . . .

*

* *

Fatos como o que foi relatado podem se contar às dezenas na vida daquele consagrado servo de Deus. Alberto Zanon semeou com suor e lágrimas, Deus deu o crescimento e outros ceifaram a sua sementeira, mas o galardão é igual para o que semeia e para o que sega.

Quando o Rev. Zanon deixou de ser pastor do campo para pastorear sòmente a igreja de Araguarí, minha família não ficou privada de sua convivência, pois papai resolveu mudar-se para aquela cidade para poder educar os filhos.

Com grande razão se diz que Deus abre as janelas dos céus para aqueles que amam e guardam os seus preceitos. Desde o dia em que meus pais se tornaram crentes em Deus, assim como outras pessoas, têm tido seus dias difíceis e suas horas de amargura, mas em tudo se tornaram «mais que vencedores por Aqueles que os amou».

XIII

REMANDO CONTRA A MARE'

Já tive oportunidade de salientar que a oração ocupava um destacado lugar na vida espiritual de meus pais. Acostumaram-se, desde o principio de sua vida como crentes evangélicos, a levar seus problemas, tanto espirituais como materiais, aos pés de Deus para serem resolvidos de acôrdo com a vontade do Alto.

Uma ocasião papai facilitou um pouco e empregou todo o dinheiro que tinha disponivel, e mais uma respeitavel soma emprestada, numa grande plantação de arroz. Tudo corria muito bem e esperava-se uma colheita abundante, com um lucro bastante compensador.

Mas, justamente nos dias da grana do arroz, sobreveiu um forte veranico. O sol queimava sem piedade, rachando a terra e torcendo a planta. Os camaradas comentavam: — Tomára que não, mas desta vez seu Neca é capaz de rodar...

Meu pai começou a ficar nervoso, de dia para dia, num crescendo impressionante. Se não fosse a sua confiança em Deus, talvez tivesse chegado até à loucura.

Num domingo, mamãe nos chamou e saimos todos, menos papai, para a lavoura. Até hoje me lembro perfeitamente da expressão de angustia que se estampou em seu rosto ao contemplar aquela enorme extensão de terra, coberta de plantas torcidas e ameaçando murchar completamente. Disfarçadamente, olhei de lado para minha mãe e vi quando ela juntou as mãos em atitude de súplica e seus lábios balbuciaram uma ardente oração.

Estivemos mais alguns instantes por ali, contemplando a roça, quando notámos uma sombra escura invadindo os campos ao longe. Erguemos os olhos aos céus e

êste se apresentava escuro e ameaçador, prenunciando chuva. Senti dentro de mim uma comoção estranha e tive uma convicção firme e inabalavel de que o Senhor estava respondendo às súplicas de mamãe.

Tratámos de nos pôr a caminho de casa, mas antes de lá chegarmos, já a chuva nos tinha alcançado. Chegámos molhadas, completamente regadas pela agua dos çéus e interiormente com a alma cheia de jubilo. Que satisfação quando, na soleira da porta, voltei-me e contemplei a plantação de arroz ao longe, encoberta pela cortina branca da chuva, que caía abençoadora, desfazendo os efeitos do sol de janeiro e salvando o trabalho de meu pai, no qual havia depositado tôda a sua esperança!

O interessante foi que essa chuva abrangeu uma área tão pequena que parecia ter sido mandada só para nós

A oração foi sempre em nossa casa uma espécie de poder que a familia guardava reservadamente para as ocasiões difíceis e que foi sempre eficaz em sua aplicação. Em casos de enfermidade vimos muitas vezes esse miraculoso poder realizar verdadeiros milagres.

*
* *

Nossa fazenda foi-se tornando aos poucos uma das melhores e mais confortaveis da região. Uma terceira casa foi construida, com mais comodidade, no mesmo local da antiga, que foi derrubada. Grandes melhoramentos eram introduzidos nos métodos da lavoura, as colheitas sempre maiores, a criação de gado aumentando, os negocios na loja sempre melhorando.

Um problêma de difícil solução começou porém a preocupar meus pais. Era o da instrução e educação dos filhos. Não havia professores nas imediações da fazenda e nem que os houvesse talvez não estivessem à altura do ensino de que precisávamos. Papai procurou ver se conseguia levar de fora, para a fazenda, uma professora competente e para isto, chegou a oferecer um ordenado fabuloso para aqueles

tempos, mas em vão. Pediu aos seus amigos de Araguarí, Tula, Bino e Rev. Zanon que o auxiliassem, mas êles também nada conseguiram, pois ninguém queria se afundar naquele sertão, numa fazenda que distava trinta léguas da cidade de Araguarí, e cujo percurso só poderia ser feito a cavalo.

Uma ocasião surgiu uma candidata, contanto que fosse colocado também o seu marido. Papai aceitou imediatamente mas... a professora não apareceu.

Nós estávamos crescendo, eu estava com nove anos e Marta com sete. Ela era muito dócil e pouco ativa, mas comigo se dava justamente o contrário. O pessoal da fazenda dizia que eu era o «demo» em figura de gente. Acrescentavam alguns que isto era um castigo, que era porque meus pais eram protestantes, que eu saí levada da bréca. O fato é que eu possuía um cartaz medonho. O que posso afirmar, em sã conciência, é que o cartaz estava ainda aquém do que eu de fato era naquela idade.

Não havia animal na fazenda que eu já não houvesse cavalgado, às escondidas, em pêlo, em disparada pelo campo afora. Das árvores mais altas eu conhecia as grimpas. Andar por cima da cerca de moirões em pé que cercava o curral, para mim era «canja». Além de tudo, estava acostumada a impôr a minha vontade e era uma tiranazinha... Caso a professora viesse, teriamos muitas dificuldades devido ao meu gênio.

Tudo isto preocupava meus velhos, que estavam indecisos sôbre a maneira de resolver a situação. Mas, como de costume, pediram ao Senhor que os orientasse e, um dia, receberam uma carta do Rev. Zanon, comunicando que em Araguarí tinha sido aberto um educandário evangélico, dirigido por um ministro da Igreja Presbiteriana Independente, o Rev. Elias José Tavares e sua esposa d. Lizzie.

Papai encontrou nessa notícia a solução esperada. Resolveu incontinente nos mandar internas para Aragua-

rí. Eu me puz muito pronta para ir, mas minha irmã quáse morreu de tanto chorar.

Chegou o dia da saída. A despedida foi bastante difícil pois era a primeira vez que íamos nos ausentar de casa e ficar longe de nossos queridos pais. A viagem foi cheia de imprevistos. Era tempo de chuva, os rios eram atravessados a váu, as estradas escorregadias. Num dos rios que devíamos atravessar, o cavalo de Marta começou a rodar e se não fosse a dedicação do empregado que ia conosco, ela teria ido água abaixo, com montaria e tudo.

O desejo de estudar era muito grande mas o colégio trouxe um tremendo choque para mim. Criada livremente nos campos da fazenda paterna, sem as pêias da disciplina do internato, acostumada a dar ordens, ao invés de obedecer, aquela transformação brusca quáse me enlouqueceu. Fiz o mesmo que a novilha brava quando é fechada num curral pequeno. Dei cabeçadas a torto e a direito, mas como a cerca não cedeu, acabei me ambientando. Foi a primeira grande lição que a vida me ensinou. Até essa quadra, eu tinha brincado com tudo o que me cercava e zombava de todos. Dando asas à minha imaginação, comecei a pensar no futuro, acabando por concluir que aquela não seria a primeira dificuldade a enfrentar. Mas concluí tambem que quem deseja e precisa vencer, não pode voltar atrás quando encontra ladeiras para subir. E, êsse propósito, eu o tenho conservado firmemente até o dia de hoje, não me deixando vencer pelas adversidades mas pelo contrário, enfrentando-as de ânimo sereno.

Meu pais sentiram um abalo muito grande com a nossa saída de casa, sendo que minha mãe, apesar de sua vigorosa constituição física e moral, chegou a adoecer. Papai ficou de tal maneira aborrecido com a nossa ausência, que começou a fazer planos para deixar a fazenda e morar na cidade onde pudesse nos educar a todos, pois daí a pouco, Sara e Noé também teriam que começar seus

estudos. Tanto pensou sôbre êsse problêma que chegou a ficar desorientado com seus negócios.

Mas como não era possível resolver de um momento para outro uma situação dessas, lá se foi o primeiro ano de colégio, a trancos e a barrancos. As férias chegaram e voltámos para a fazenda, percorrendo novamente a cavalo, em meio à chuvarada de novembro, as trinta léguas que nos separavam de nossos pais.

Novo ano de estudos se aproximava. Ainda não era possível a mudança para Araguarí ou qualquer outro centro onde pudéssemos estudar sem sair de casa. Nova separação e novo sacrifício. Eu já estava bem domada e não estranhei muito o segundo ano de internato. Marta, minha irmã — devido ao seu temperamento dócil, achava tudo bom e natural, já resignada.

No fim dêsse segundo ano, papai e mamãe tiveram que passar algum tempo na cidade de Estrela do Sul, em tratamento de saúde, para o que contrataram um bom empregado para tomar conta da casa comercial e da fazenda. Foi naquela velha e histórica cidade, a antiga Bagagem dos garimpos, com seu casarío colonial, o rio sempre de águas barrentas murmurando nas caladas da noite, que passámos às nossas segundas férias.

Como sempre acontecia, papai e mamãe continuavam a orar pedindo a Deus esclarecimento para a questão dos nossos estudos. Voltámos à fazenda, e meu pai verificou que a experiência tinha dado bom resultado. O empregado tinha cumprido fielmente o seu dever, os negócios estavam em ordem, a lavoura e o gado íam bem, e tudo indicava que poderíamos nos mudar, deixando as cousas entregues a um terceiro.

E assim a decantada e esperada transferência para Araguarí se efetuou, com júbilo para todos nós. Mas... uma grande decepção nos aguardava. O Rev. Tavares e d. Lizzie, sua dedicada esposa e colaboradora, em cuja casa nos sentiamos bem, como num segundo lar, tinha fechado o seu «Araguarí College» transferindo-se

para São Sebastião do Paraíso. Para outra localidade mais distante era impossível irmos, pois de Araguarí êle podia ainda continuar controlando seus negócios na fazenda, o que era impossível em outro local.

Havia na cidade uma escola particular, que gosava de ótimo conceito entre os crentes, dirigida pela Prof. d. Ormezinda Santos Goulart. Nessa escola concluí o curso primário, mas meus irmãos não puderam frequentá-la, pois d. Ormezinda adoeceu e teve de fechar a escola. Meu pai, embora contrariado, teve que matricular os manos menores no grupo escolar, enquanto eu continuei estudando com professores particulares.

Papai, um tanto afôito e sem esperar, como costumava fazer, pelas respostas de suas consultas a Deus, entrou muito nos negócios de arroz, o que estava fazendo a fortuna de muita gente em Araguarí e... dessa vez tomou um prejuizo grande. Tivemos que suprimir muitas despesas e passámos mesmo algumas aperturas financeiras. De outro lado, porém, a ida para Araguarí foi bastante proveitosa para êle, pois teve oportunidade de estar em contacto mais diréto com os crentes e de aceitar e desempenhar cargos na igreja.

As cousas foram sendo encaminhadas, entretanto, de tal maneira, que êle concluiu, e todos nós concordámos, que Deus não queria que continuassemos em Araguarí. Os caminhos do Senhor são inexcrutáveis e, no momento de turbação e de angústia, muita vez não podemos perceber qual a vontade do Alto a nosso respeito, o que no futuro acaba tendo uma explicação razoável, aparecendo claramente o porquê das circunstâncias que nos obrigaram a dar êsse ou aquele passo. Assim nos aconteceu naquela ocasião. No momento, não podíamos compreender porque as cousas não íam bem como quando estávamos na fazenda. No entanto, mais tarde, tudo pudemos compreender fàcilmente. Uma outra missão devia nos ser confiada e estava escrito que devíamos desempenhá-la, de acôrdo com a vontade do Altíssimo.

Os negócios andaram para trás, os colégios — motivo principal da mudança de residência — não satisfaziam e, para cúmulo, o nosso leal companheiro e conselheiro de tantos anos, Rev. Alberto Zanon acabava de ser transferido para Cabo Verde, no sul de Minas.

Também na fazenda as cousas íam mal, pois o empregado não estava mais cumprindo o seu dever como antes.

Por tôdas essas razões, foi resolvida a volta para casa, o que foi feito sem delongas. Voltámos, dispostos a enfrentar novamente o problêma da instrução, com uma resolução diferente: paralizar os estudos, se não fosse possível resolver de outra maneira.

Encontrámos tudo desorganizado. A freguezia da casa comercial tinha se retraído, não sabíamos porque, a fazenda com os serviços totalmente desmantelados. Tinhamos diante de nós uma grande tarefa. Mamãe e eu tomámos conta da loja. Papai cuidou da lavoura com tôda a sua energia e, em pouco tempo, tudo estava normalizado. Tinhamos chegado na hora propícia.

Voltou novamente a preocupação com os estudos. Todos nós tinhamos desejo intenso de aprender mais e não nos conformávamos com aquela situação. Nosso apêgo aos estudos era tal, que trazíamos os velhos num «cortado».

Estávamos novamente orando, agora todos interessados na questão, pedindo ao Pai Celeste nos guiasse, quando passou pela fazenda um viajante comercial que fez a meu pai as melhores referências sôbre o colégio evangélico de Lavras. Papai resolveu imediatamente consultar ao Rev. Zanon sôbre o caso e a resposta veio logo. A opinião do grande amigo da nossa família era de que devíamos seguir imediatamente para aquela cidade e internar-nos no colégio. Mas papai antes de decidir, quis conhecer pessoalmente o estabelecimento.

Como estivesse precisando de uma estação de águas, a conselho médico, em Caxambú, aproveitou a viagem e

chegou até Lavras, na ída, onde ficou encantado com o colégio. Foi nessa ocasião que ficou conhecendo o grande vulto da instrução da mocidade evangélica, o professor inolvidável, o educador emérito, o sábio e inesquecível dr. Samuel Gammon.

Papai, que era homem de pouca instrução, possuía, para compensar, uma intuição prática das cousas e um profundo conhecimento da natureza humana. Penetrava com agudeza de espírito na alma de todos os que se lhe acercavam e, em poucos minutos de conversação, já tinha feito uma análise perfeita do que era a pessôa.

Após alguns minutos de prosa com o dr. Gammon, tendo êste se prontificado em mostrar-lhe o colégio, êle respondeu logo: — Não é preciso, eu já sei o que é o Instituto e especialmente quem é o senhor...

Penso que o dr. Gammon deve ter se espantado com essa franqueza, que o impressionou fortemente, pois fez referências várias vezes, mais tarde, a êsse primeiro encontro que teve com papai.

Satisfeito, pediu ao dr. Gammon que mandasse extrair logo o recibo de matrícula, pois no dia 1 de julho nos mandaria e queria pagar logo as despesas. Eu devia ir para o curso normal e as outras duas para o primário.

O dr. Gammon perguntou: — Mas o senhor veio apenas para conhecer o colégio e já quer pagar a matrícula e as taxas?

— Sim, senhor, respondeu meu pai. — Não preciso conhecer mais, pois já fiquei conhecendo quem é o senhor...

XIV

COLÉGIO CARLOTA KEMPER

O Instituto Gammon, o tradicional educandário evangélico da Igreja Presbiteriana em Lavras, já era, naquele tempo, dividido em três secções distintas: o Colégio Carlota Kemper para meninas, o Ginásio de Lavras e a Escola Agrícola.

Alí passaram e continuam passando gerações e gerações de moços e moças evangélicas e também de outras religiões, que acharam no grande estabelecimento, um segundo lar e um ambiente em tudo favorável à formação de um caráter firme e a uma sólida educação.

O espírito dominante no Instituto era absolutamente liberal, embora se tratasse de um colégio norteado e orientado por uma igreja protestante. Ninguem nunca sofreu qualquer coação em Lavras por motivo de crença ou opinião religiosa. Grandes homens, hoje figuras de destaque no cenário político, social e administrativo do país, fizeram seus estudos no Instituto Gammon, um dos muitos estabelecimentos de ensino do Brasil que tudo têm feito pela educação moral, intelectual e espiritual da nossa mocidade.

Dois grandes nomes ficaram, merecidamente, ligados à história do grande educandário, para sempre: Samuel R. Gammon e Carlota Kemper.

Dr. Gammon foi o grande amigo dos estudantes e a personificação completa do educador. O passar dos anos não consegue apagar da memória de quantos estiveram em contacto com êle, aqueles preciosos momentos de intimidade que muitos dos alunos desfrutaram, conhecendo de perto aquele grande caráter e aquele nobre coração. Quem se dispõe a recordar a convivência que tenha tido a felicida-

de de manter com o Dr. Gammon, sente, sem dúvida, incontida emoção e vontade de chorar...

D. Carlota foi a outra grande bemfeitora da mocidade feminina que passou por Lavras. Portadora de uma cultura pouco comum, despida de qualquer láivo de orgulho e vaidade, não vivia para si. Vivia na alma, no coração de suas alunas, onde deixou retratado, para sempre, um modêlo imperecível de virtudes, tirado de sua própria vida, uma das mais puras e mais santas que tenho conhecido.

Êsses dois grandes nomes, repito, ficarão para sempre registrados na história do evangelismo brasileiro, no setor educacional, com uma auréola e um brilho que nunca se apagarão. Foram professores de fato, no sentido mais alto do têrmo, mas foram mais do que isto, foram dois verdadeiros cristãos que souberam viver o Evangélho...

*

* *

Quando disse, linhas atrás, que as dificuldades surgidas com a mudança para Araguarí tinham a razão de ser, estava plenamente certa de que aquele que ama a Deus pode, com confiança, entregar a Êle a direção de sua vida. Deus estava nos guiando para outro meio e êsse era Lavras, onde deviamos nos preparar melhor para o Seu Trabalho.

O Instituto Gammon foi a resolução do problêma educativo para nossa família. Alí estivemos todos, desde a mais velha, até Jessé, o caçula. Alí, aos pés dos bondosos mestres, recebemos, não só o ensino intelectual, mas também o conhecimento das cousas espirituais, que nos devia guiar pela vida em fora. Num período de dez anos, papai sustentou oito filhos na abençoada casa de ensino.

Não podíamos ir todos ao mesmo tempo porque as despesas eram pesadas. Iamos três ou quatro de cada vez e os que se formavam, aliviavam os gastos e deixavam lugar para os outros.

Levámos uma vida bem dura naqueles primeiros tempos. A viagem era ainda feita a cavalo, trinta léguas, até Patrocínio, ponto final da Estrada de Ferro Oeste de Minas, onde embarcávamos para Lavras, viajando mais dois dias. Não sòmente porque essas jornadas eram difíceis como também porque pesavam bastante para os bolsos do velho, deixámos, várias vezes, de passar as férias em casa e ficávamos no Colégio.

Meus pais sentiam muito a nossa ausência e trabalhavam com afinco para nos sustentar, pois o desejo que êles tinham de nos verem mulheres e homens que fossem alguma cousa na vida, compensava o sacrifício que estavam fazendo.

Quando as cousas estavam mais folgadas e podíamos ir em casa, era de ver a alegria de papai e mamãe quando, em nosso entusiasmo de mocinhas, eu, Marta e Sara nos entregávamos ao trabalho de evangelização de nossos vizinhos. Celebrávamos a festa de Natal com programas um tanto arrevezados, recitando poesias que nada tinham que ver com a data e com o Natal, misturadas com hinos e leituras bíblicas. Mas o povo da região, que nunca tinha assistido cousa semelhante, afluía a nossa casa e adorava assistir aquelas comemorações. E êsse trabalho era abençoado porque, naturalmente, o Pai Celestial olhava para a nossa intenção...

Repartíamos folhetos evangélicos, ensinávamos àquela gente simples as histórias que tínhamos aprendido na Escola Dominical do Colégio, enfim nos esforçávamos por cumprir a nossa missão.

Papai insistia comigo para que eu procurasse aperfeiçoar o meu curso de Educação Religiosa, que existia em Lavras, bastante eficiente, para ficar capacitada a liderar o trabalho evangélico. O seu maior desejo era que os vizinhos, amigos e conhecidos, como também os parentes, ficassem conhecendo «as riquesas incompreensíveis de Cristo» e desfrutassem de uma vida feliz, cheia das bênçãos dos céus. Juntamente ao ensino religioso, deseja-

va ardentemente proporcionar aos seus conterrâneos e aos filhos dêstes, meios para conseguirem instrução alí mesmo, privilégio que êle não tinha alcançado.

Fez mesmo um voto e uma promessa a Deus, de tudo fazer para conseguir êsse objetivo. E não foi perdido o seu esfôrço. Quando fechou os olhos para êste mundo, em 1935, já existia dentro da sua própria fazenda, uma animada igreja onde mais de duzentas pessoas se congregavam para louvar o nome de Deus.

*

* *

Mas, não precipitemos a narrativa. Embora estivéssemos num colégio evangélico e fôssemos filhos de crentes, recebendo a influência santa de professores como o dr. Gammon, d. Carlota, dr. Knight, dr. Baker, d. Ana Alvarenga, Rev. Jorge Goulart e outros dedicados obreiros da instrução e do cristianismo puro, ainda não tínhamos nos decidido completamente consagrar nossa vida a Cristo. As orações de meus pais não tinham portanto, sido atendidas completamente. Meu irmão, o quarto filho, porém o mais velho dentre os homens, de quem meu pai esperava se tornasse ministro de Deus, já declarava francamente que não seguiria a carreira pastoral, pois desejava estudar agronomia. Minhas irmãs sempre foram muito religiosas mas queriam seguir outras carreiras.

Eu fazia com muito boa vontade o meu curso de Educação Religiosa, ao par do curso normal e do ginásio, mas não sentia cláramente um chamado para o trabalho de Cristo, que eu pudesse dizer com conciência ser um apêlo imperioso. Naturalmente a hora não tinha chegado.

Havia em Lavras um médico missionário, o dr. Allin, que esteve no Brasil por muitos anos, mas nunca aprendeu bem a falar a nossa língua. Quando êle ia prégar, na Igreja de Lavras, ninguém queria ficar no internato do Colé-

gio, mas tôdas queriam assistir a prégação, exclusivamente com o intuito de criticar o português do prégador.

Levávamos lapis e papél nas bolsas, escondidos, para tomar nota das cincadas do bom servo de Deus. No dia seguinte fazíamos «roda» em baixo de umas paineiras que, por certo, ainda existem nos páteos do Colégio e alí comentávamos e ríamos a bandeiras despregadas da embrulhada que o dr. Allin fazia da linguagem. Algumas, maldosas em extremo, ainda levavam a cousa para o lado da malícia e acabavam dizendo cousas horríveis. Divertíamo-nos assim, enormemente, à custa daquele bom homem.

Uma noite, assistimos um sermão dele que, como de costume, estava cheio de êrros de linguagem. Mas essa noite tudo foi diferente, especialmente para mim. Ou fosse porque êle já tivesse percebido as nossas críticas ou por outro motivo qualquer, resolveu nessa prégação contar a história de sua vida, história cheia de trabalhos, de lutas, de sofrimento mesmo, mas cheia de inspiração, onde transpirava o desejo de servir a Deus, de se consagrar inteiramente ao trabalho do Senhor...

Senti um remorso terrível essa noite. Quáse chorei no culto, eu que era a chefe da turma de críticas, que estava acostumada a brincar com a piedade, com a espiritualidade daquele homem, cujo único desejo era servir ao seu Mestre e Senhor.

Fiquei muito impressionada e não dormi aquela noite. Pensei muito em meus pais, pensei em meus conterrâneos tão ignorantes e por isso tão infelizes, pensei no desejo que papai tinha de que um dos seus filhos se consagrasse inteiramente ao serviço de Deus, tudo isto me atormentou a noite inteira.

No dia seguinte senti um mau estar incrível, sem saber explicar porque, se o meu mal era físico ou moral. Fiquei tão acabrunhada que cheguei a ir ao médico.

Comecei a achar as companheiras aborrecidas e a afastar-me delas. Elas pilheriavam e diziam que eu estava com «paixonite». — Quem é êle? perguntavam-me, atormen-

tando-me ainda mais. Eu não lhes explicava porque elas não compreenderiam e eu mesmo não sabia o que era.

Nem as pilhérias das colegas, nem as saudades de casa, nem o ardor com que me entregava aos estudos, podiam me aliviar do pêso que sentia n'alma. E essa angústia foi-se acabando aos poucos, quando comecei a pensar no que poderia realizar em favor do Evangêlho no Brasil. Com essa idéia, atirei-me mais devotadamente aos estudos.

Nessa época passou por Lavras o Rev. Maxwell, que alí fôra para realizar seu casamento com d. Mabel, nossa professora. Êle contou-nos as dificuldades que teve de enfrentar em Mato Grosso, sua viagem entre os índios e falou sôbre a necessidade de se estabelecer trabalho missionário entre os selvícolas, para que desejava levar professores e auxiliares. Meu coração vibrou de entusiasmo, o mesmo se dando com muitas de minhas companheiras.

Antes, porém, de qualquer deliberação, resolvi consultar ao dr. Gammon.

— O que a senhorita deseja, minha filha? perguntou com aquele modo bondoso e todo seu, o velho mestre.

Expuz-lhe o meu plano, floreado e bonito, cheio de idealismo e esperei o resultado. Pensei que o meu ardor de jovem tivesse impressionado o dr. Gammon, mas como estava enganada. Como se é ingênua, quando os anos da juventude nos sorriem!

Êle aplaudiu ardorosamente a minha idéia, perguntou se não seria difícil obter o consentimento de meus pais e fez várias outras considerações.

Eu já estava perfeitamente convencida de que êle ia tomar nota do meu nome e logo mencioná-lo do púlpito, ante o espanto e admiração das colegas. Mas, geitosamente, polidamente, como era o seu feitío, dr. Gammon desviou o assunto e perguntou-me como era o lugar onde nós morávamos, qual era a situação dos nossos vizinhos, qual o padrão de vida alí seguido, etc.

Dei-lhe tôdas as informações, dizendo ser atrazadíssimo o nível intelectual e espiritual do nosso povo e que o

desejo ardente de meu pai, desde a sua conversão, era justamente fazer alguma cousa no sentido de melhorar as condições daquela gente, em todos os sentidos. Meu pai desejava que os seus vizinhos se convertessem ao Evangélho, mas a dificuldade principal era o analfabetismo que alí existia, pois raro era encontrar-se uma pessôa que assinasse o nome. Disse-lhe mais que, sendo esta a principal barreira a vencer, para que a Igreja alí prosperasse, eu tinha resolvido estudar para ser professora, pois ninguém queria ir para aquele fundo de sertão ensinar os nossos desamparados patrícios.

Depois de ouvir tudo com muita atenção, o santo homem disse: — Está muito bem, minha filha. Você já tem lá uma Escola Dominical? Já arranjou uma professora para ensinar àquela gente?

Abaixei a cabeça e não respondí. Êle também não queria resposta...

— Vou orar com você, minha filha — disse.

Dr. Gammon orou com centenas e centenas de moços e moças e tenho certeza de que até hoje ninguém se esquece das palavras ungidas de espiritualidade e de sabedoria, que saíam dos lábios daquele santo varão. Ninguém se esquece, tenho certeza, das palavras doces e meigas que êle pronunciava, aconselhando, exortando, esclarecendo.

Aquele «meu rapaz» ou «minha filha», tão característicamente seus, que soavam tão paternalmente, ainda hoje ferem os ouvidos de quantos tiveram a felicidade de privar com o mestre inolvidável, tão nítidos e tão vivos com naqueles dias saudosos e distantes...

XV

ENFRENTANDO A LUTA

Pessoas há que vêm a êste mundo, trazendo o destino de uma vida agitada, e êste parece ter sido o meu.

No fim do mês de novembro de 1925, deixava eu as lides de estudante para enfrentar a vida prática. Agora ía pôr em execução tôdas aquelas bonitas teorias aprendidas no colégio. Mas como é diferente a execução daquilo que aprendemos teòricamente.

Nesse ano fomos todos para casa, pois havia muito tempo que a família não tinha oportunidade de se reunir em conjunto. Tivemos uma boa festa de Natal e tudo se apresentava com as mais risonhas perspectivas.

Uma cousa, porém, já estava a nos preocupar. Nossa fazenda estava situada num local afastado e não era própria para se tornar um centro do trabalho evangélico. Nossos olhos estavam voltados para o arraial de Doradoquara, distante pouco mais de uma légua da fazenda, mas já sabíamos que era difícil conseguir uma casa que servisse alí.

Começámos a orar e pedir a Deus sua orientação. Desejávamos cumprir o nosso dever e sentíamos o chamado de Cristo para desempenhar uma importante missão entre os nossos conterrâneos.

Num domingo de manhã, apareceu em nossa casa um de meus primos, filho de tio Tonico, de quem já falei páginas atrás. Êsse rapaz estava apenas com dois anos quando meu tio faleceu e êle ficou entregue aos cuidados da mãe e privado da influência paterna. Sua mãe, prometeu ao marido, na hora da morte dele, fazer com que os filhos lessem a Palavra de Deus. Mas fez isto de tal maneira, ridicularizando de tal modo a crença do espôso perante os

filhos, que o resultado obtido foi justamente aquele condizente com a educação que lhes deu.

Êsse moço, um rapaz de grande inteligência, vivo e sagaz em comércio, tornou-se assassino e pessôa temida e olhada com horror em tôda aquela região.

Nessa manhã, êle veio a nossa casa, propôr a meu pai que êste pagasse algumas dívidas suas e, em troca, ficasse com a casa que estava sendo construida em Doradoquara. Papai aconselhou-o muito a que não fizesse tal cousa e disse que de fato queria comprar uma casa no arraial, mas que êle, o sobrinho, não devia vender a sua, que representava um patrimônio para os seus filhos.

O moço replicou que se papai não aceitasse a sua proposta, teria que fazer o negócio com qualquer outro, em condições menos vantajosas e que, portanto, o seu prejuizo seria maior.

Dada essa disposição do rapaz, papai fechou negócio com êle e, assim, uma grande porta se abriu para o trabalho evangélico à nossa frente.

Resolvemos transferir também a casa comercial para o povoado. Um rapaz de nome Manuel, que tinha sido adotado por meus pais, ficaria tomando conta da fazenda.

Fizemos a mudança e fomos recebidos com as maiores demonstrações de alegria pela população do lugarejo.

Nessa época já estávamos esperando a visita do novo pastor do campo, Dr. Alva Hardie, que residia em Patrocínio, centro de convergência do trabalho naquele grande campo.

Minha intenção era abrir uma escola paroquial e também uma escola dominical. A escola paroquial devia funcionar sòmente à noite, pois durante o dia eu tinha que trabalhar no balcão, auxiliando meu pai. Eu não tinha quem me substituisse na loja, pois nossa casa foi sempre uma agitada tenda de trabalho e todos os outros estavam ocupados com outras tarefas. Alí nunca houve lugar para

o preguiçoso, todos tinham sua tarefa, visando o bem da família.

Quatro dos meus irmãos estavam internos em Lavras, só as menores e eu estávamos em casa. Estas eram pequenas demais para assumir a responsabilidade do trabalho no balcão, pois o movimento diário de uma casa de comércio no sertão, onde não há especialização de artigos, mas se vende de tudo, desde o pó de arroz até a ferramenta de lavoura, desde a seda fina até o pano de colchão, grosseiro, e onde não se tem também horário de abrir e fechar, pois êste é determinado pela hora em que o freguez aparece, o recurso seria eu continuar como caixeira e, à noite, como professora.

No primeiro domingo que passámos em Doradoquara, não tínhamos idéia de fazer cousa alguma, pois a mobília não tinha chegado ainda e estávamos com as portas fechadas, todos dentro de casa, descansando, quando bateram à porta. Papai foi abrir e assustou-se, vendo um grupo de trinta pessôas reunidas à frente da casa, que lhe disseram que alí estavam porque desejavam assistir um culto dos nossos.

Papai, um pouco encabulado, atendeu os visitantes, abriu as portas do cômodo de negócio que ainda estava vasío, improvisou assentos com alguns caixotes e correu ao meu quarto.

— Você tem que fazer alguma cousa, — disse-me êle — eu não sou capaz de ler à noite e, muito menos, de falar para tanta gente...

— Mas, papai, o senhor está louco? Eu não vim aqui para prégar e sim para ensinar crianças. Como é que vou falar assim de momento, sem ter nada preparado?

— Olhe, menina — replicou — se eu tivesse estudado a metade ao menos do que você estudou, não teria dificuldade para nada. E' assim mesmo, essa gente de hoje estuda a vida inteira e qualquer têia de aranha segura...

— Por favor, papai, exclamei. Pode parar com o «sermão» que vou me vestir e daqui a pouco estarei lá fora.

Não sei o que vou falar, mas Deus me há de guiar. O senhor volta e vai conversando com o pessoal.

Papai saiu contente por se ver livre daquela apertura, pois se eu me recusasse, êle teria que aguentar a mão.

Abri minha Biblia e dei com a passagem de S. Mateus 11:29. «Vide a mim todos vós que vos achais cançados e oprimidos e eu vos aliviarei». Meditei um instante e encaminhei-me para o local onde o povo estava esperando. Meu pai já tinha improvisado um púlpito com um caixote de querozene sobre dois outros. Quáse desmaiei quando vi tanta gente. As portas, as janelas, a saleta contígua, tudo estava cheio. Uma multidão curiosa, de fisionomias serenas e respeitosas mas revelando ansiedade, ali se apinhava. Minhas mãos estavam frias, os labios tremiam e o rosto afogueava. Sómente quem já sentiu mêdo de um fracasso no início de um empreendimento como êsse, poderá avaliar o meu estado de alma. Mas ha certas circunstâncias em que o proprio mêdo se transforma em estímulo. Orei e foi a oração que fiz com mais fé durante esta vida agitada e cheia de «altos e baixos» que tenho levado. E porque Deus me ouviu naquele instante, inumeras vezes mais eu tenho me dirigido a Êle, na certeza absoluta de obter a resposta. Terminando a oração, lembrei-me da promessa divina: «Não vos preocupeis sobre o que haveis de falar».

Senti que o Espirito Santo estava comigo. Desapareceram momentaneamente tôdo o mêdo e embaraço e eu, que nunca havia falado em público, falei de modo a trazer suspenso o auditório por quáse uma hora. Quando terminei, papai que não era homem de elogios, foi o primeiro a dizer: — Bem, eu não sabia que você podia fazer um trabalho assim, agora está tudo resolvido, já temos quem prégue e quem ensine...

— Não admira que o senhor não soubesse porque eu tambem não sabia, respondi.

Quáse fiquei tonta com tantos abraços e apêrtos de mão. Todos diziam satisfeitos: — No domingo que vem,

moça, estaremos aqui outra vez e póde tratar de arranjar mais lugares que vamos trazer muita gente para ouvir essas coisas bonitas que a senhora falou...

Por essas palavras fiquei mais convencida de que aquele povo rude, mas de coração bem formado, tinha verdadeira sêde espiritual. E lembrei-me das palavras do Salmista: — «Como o cervo brama pelas correntes das aguas, assim a minh'alma suspira por ti, ò Deus».

*

* *

Durante aquela semana espalhei mais de quinhentos folhetos e, nos momentos em que estava no balcão, atendendo a freguezia, estava sempre sendo interrompida por um ou outro que chegava, indagando sobre algum tópico do sermão de domingo. Um achou bonito o texto e fez que eu o repetisse. Outro queria saber como se pode orar com tanta fé sem ter imagens perto. Outro ainda, já queria saber se todos os alunos e alunas do colégio onde eu tinha estudado sabiam falar assim. Alguem me perguntou se eu e meus irmãos tinhamos estudado no Brasil mesmo ou, se foi na «Côrte».

Palradeira como sempre fui, não tinha dificuldade em ir satisfazendo aqueles curiosos emquanto cortava a chita ou embrulhava o par de botinas. Um bom velho tinha se esquecido do texto exatamente nas palavras em que foi lido mas guardava o sentido, com bastante interesse e compreensão.

Emquanto os fregueses, pachorrentos e calmos (nas lojas da roça ninguem tem pressa) esperavam sentados nos tamboretes de couro, empinados para traz com as costas na parede, os cigarrões de palha acêsos e a chicara de café forte como timbó que mamãe fazia, segura nos dedos grossos, eu ia desenrolando à frente dêles o mapa de nosso Estado, em cima do balcão.

— Aqui está, sr. Cazéca (êste era filho do antigo che-

fe politico da localidade, já falecido e que havia escandalizado a população com os cavalos de meu pai e do Rev. See anos antes). Aqui — dizia eu — está a cidade onde estudei e onde meus irmãos se encontram. E' Lavras, quáse no Sul do Estado.

O Cazéca deu um pinote no tamborête, e todo importante, cheio de si, disse para os companheiros: — Vejam só! Mas entonce a cidade de Lavras não está no estrangeiro? Como é bom a gente saber...

Todos os presentes tomavam parte na prosa, as perguntas choviam mostrando o interesse que aquela gente tinha em aprender. Era um crime o abandono em que se encontrava aquele povo, cégo, inteiramente cégo, intelectual e espiritualmente. Só tinham de bom a educação natural da vida, que os fazia dóceis, delicados e humildes.

Ficavam admirados quando eu lhes dizia que moravamos num país chamado Brasil e por isso éramos brasileiros, que este país estava dividido em vinte Estados e que um dêsses se chamava Minas Gerais, rico e grande.

— Doradoquara, aqui onde estamos, é Minas, portanto, somos mineiros. Lavras também está em Minas, Araguarí também, onde quáse todos já foram levar arroz. Também Belo Horizonte, que é a Capital, uma cidade muito bonita... O senhor aí, onde nasceu? — perguntava eu.

— Nasci aqui mesmo, sá moça...

— Então o senhor é mineiro.

— Eu cá, — dizia outro — nasci do outro lado da P'ranaiba (assim pronunciam o nome do rio Paranaiba, que divide os Estados de Minas e Goiaz).

— Então, o senhor é goiano.

Assim, juntamente com o Evangelho, aquela gente, que vivia separada e isolada do mundo civilizado, foi aprendendo alguma cousa da nossa história, da geografia, e hoje, com apenas três lustros passados, raramente se encontrará ali uma pessoa em situação idêntica àquela que lá encontrámos. E esse beneficio ali penetrou, graças ao Evangelho.

*
* *

Durante aquela semana tivemos que providenciar um melhor local para o culto e a Escola Dominical no proximo domingo. O problema foi resolvido da seguinte maneira. Papai tinha mandado amontoar, beirando o muro da casa, uma boa quantidade de madeira que deveria ser empregada na construção do predio da escola paroquial, que também ia servir de templo. Mandou espalhar essa madeira ao longo do muro, por cima mandou pôr uma coberta com folhas de babassú e assim tivemos sombra e assentos para mais de duzentas pessoas.

Eu não tinha literatura para a Escola Dominical, apenas umas revistas velhas que tinha trazido do colégio. Escolhi uma das lições que julguei mais apropriadas para o lugar e para o povo e adaptei ao momento o que pude, para ficar ao alcance de todos.

Quando cheguei ao local da reunião, para não dizer a «sombra da igreja», fiquei assustada ao ver tanta gente, desde creancinhas de peito até velhos barbados. Eu precisava ao menos de cinco professoras para auxiliar naquele trabalho, era impossivel atender a todos de uma vez. Mas como isso não era possivel, tomei a seguinte deliberação, que transmití à assistencia: — Já que o auditorio é maior do que esperava, e não posso contar com outros auxiliares, vou combinar o seguinte com as crianças. Aquelas que acharem aborrecido ouvir uma historia para gente grande, podem voltar para casa e, logo depois do jantar, podem vir aqui que eu contarei uma historia propria para elas. Mas se não acharem difícil ficar agora e quizerem permanecer bem quietinhos, podem ficar e voltar logo também se quizerem, pois à tarde vou repartir balas e doces com vocês.

Ninguem se mexeu. Todos queriam ouvir era naquele momento mesmo. Comecei com os adultos e formei uma

classe. Os hinos foram apreciadíssimos, a leitura dos textos, a explicação e as ilustrações, tudo foi ouvido com a maior atenção. Foi verdadeiramente uma bênção, essa primeira reunião da Escola Dominical.

E' bem certo o ditado popular: Deus dá o frio conforme a cobertura. De acôrdo com as necessidades, eu fui encontrando quem me auxiliasse naquela tarefa, pessoas cheias de boa vontade, que se tornaram ótimos colaboradores.

Assim, sustentámos o trabalho evangélico naquela localidade, aos domingos, com a classe de adultos ao meio dia, a de crianças às cinco da tarde e, às sete e meia da noite, o culto de prégação.

Papai tinha guardado uns cinco ou seis contos de réis do seu dízimo e resolveu gastar êsse dinheiro, de acôrdo com o pastor, para construir uma capela.

Enquanto se fazia a construção, nós íamos aproveitando a mesma coberta de folhas de babassú para prosseguir com o Trabalho, tendo ali prégado os revs. Alva Hardie, Elias José Tavares e outros. Nessa improvisada igreja, diversas pessoas conheceram o Evangélho e fizeram sua pública profissão de fé. A primeira turma que o dr. Hardie recebeu foi de oito pessoas.

Logo que a capela ficou coberta, passámos para ela. O trabalho prosseguia muito animado, minhas irmãs tinham vindo em férias e me ajudavam nas classes, nos convites, nas visitas.

Fiquei também aliviada do balcão porque elas começaram a ajudar na lida comercial e assim pude instalar minha escola durante o dia.

Abri a escola com dois turnos e alcancei uma matricula de oitenta alunos. Tenho lecionado em muitas escolas e colégios, em várias cidades de nosso país, mas esta tem sido para mim uma das melhores e mais gratas recordações, não sei se por ter sido a primeira.

O salão de aulas era a sala da capela que papai construiu. A mobília foi improvisada com caixotes. Os alunos

eram da idade de seis até trinta anos. A maior parte deles era formada de filhos de fazendeiros das imediações. Eram rapazes crescidos, afeitos ao trabalho, humildes e muito educados mas que não conheciam nem o a. Muitos tinham que viajar duas e três léguas a cavalo ou a pé para chegar à escola. Os que vinham a cavalo, tiravam os arreios, que eram guardados na sala de aula e peavam os animais, soltando-os no largo da povoação.

Todos vinham armados de facões, revólveres, espingarda e até carabinas. Tive que improvisar um armario de tábuas de caixote para ser o «arsenal de guerra». Ali eram guardadas as armas, era o deposito de material bélico. E eles eram disciplinados. Iam chegando e guardando tudo no armário. Eram quáse todos moços e moças de inteligência agudissima e de comportamento exemplar.

Grande êrro cometem aqueles que pensam ser o nosso sertanejo um imbecil. O homem do sertão é, pelo contrário, vivo, aplicado e inteligente. Uma outra injustiça que tenho visto é considerá-lo um vencido. Se os nossos intelectuais, homens de govêrno, os politicos, vivessem lá onde vive o caboclo, com o acanhamento próprio do seu meio, com a falta de instrução, sem assistência de espécie alguma, nem material nem espiritual, completamente desamparado, sim, se os grandes homens que aparecem cercados de fama e nome nos altos postos de administração e em elevadas esferas sociais tivessem tido o mesmo sofrimento, o mesmo ambiente e a falta de instrução do caboclo, seriam porventura melhores do que o homem do sertão? Duvido.

Sob o ponto de vista moral e espiritual, então, não ha termo de comparação entre o sertanejo e o citadino. Salvo exceções, o roceiro ainda tem respeito à palavra empenhada, é pontual nos seus compromissos, não assume responsabilidades além daquelas que pode cumprir, é respeitador da familia e tem um elevado conceito sobre a moral social.

Um detalhe interessante naquele tempo era a orientação que os pais dos alunos davam ao professor. O fazen-

deiro aparecia na escola com o menino — o menino tinha sempre dezoito para dezenove anos — e dizia: — Olha, siá moça, ouvi dizer que a senhora, prá ensiná, num tem iguá. Por isso eu vim trazê êsse menino prá senhora aprontá êle prá nóis. Ele é pagão de tudo, mas não carece da senhorá puxá muito, que a cabeça dele é boa. Também, a senhora sabe, fio de pobre num precisa aprendê muito, basta sabê assiná o nome, escrevê uma carta, lê outra e fazê conta para podê levá os negocios... O menino tem de forga só êsses treis mês que a gente tá meio parada de serviço. A senhora ha de ensiná prá ele, nêsse prazo, lê, escrevê e fazê umas conta de juro. Do geito que ele tem a cabeça bôa, num precisa mais...

O fazendeiro, de fato, nunca tem tempo para pôr o filho na escola, porque aproveita o seu trabalho desde a mais tenra idade. O trabalhador da roça também não póde mandar os filhos à escola porque não ganha o suficiente para comprar o material escolar e pagar a professora.

Assim, eu tinha que me esforçar muito durante aqueles três mêses, que era o tempo bom para êles e aproveitar também o serviço de minhas irmãs, que me descansavam do balcão.

Os alunos aprendiam com tanta facilidade que eu ficava surpresa. Entravam pagãos, como se dizia, com as mãos duras e desageitadas mas com pouco tempo aprendiam a manejar o lapis. Tive alunos que aprenderam a fazer todas as letras do alfabeto num só dia.

Apezar de aprenderem com tanta facilidade, pois no primeiro mês de aula conseguiam lêr corretamente, todos tinham certa dificuldade na escrita porque estavam acostumados a manejar a enxada pesada e por isso achavam o lapis muito leve. Alguns punham tanta fôrça no lapis, que furavam o papel. Quando eu procurava corrigi-los, diziam:

— A senhora é porque tem mão de santa, por isso pode escrever direito...

Naquela escolinha humilde preparei muitos rapazes,

que hoje são ricos fazendeiros e criadores. Ali não se pensava em disciplina, o interêsse era aprender o mais que pudesse, no menor tempo possivel. Nem se pensava em recreio. Eram tão atenciosos que se algum não compreendia bem a lição e pedia para a explanar de novo, todos paravam atentos ouvindo mais uma vez a mesma explicação.

Os mapas que eu tinha na parede eram para êles uma novidade muito grande. Os pais dos alunos vinham visitar a escola e traziam seus amigos e conhecidos, só para verem os mapas.

Os meninos chegavam mais cêdo e ficavam extasiados contemplando na parede a carta do Estado. Quando eu chegava, diziam: — Sabe, dona Mariinha? Meu pai disse que, se a colheita do arroz fôr boa, ele vai me levar a Araguarí prá conhecer a cidade.

E cada um tinha o seu projeto de viagem, conforme corressem os negócios do pai. Até a Belo Horizonte, alguns projetavam ir. Assim iam todos recebendo conhecimentos em tempo relativamente curto, porque não o perdiam com brincadeiras como faz a creançada de hoje.

Os tempos se passam e de vez em quando fico espantada ao receber cumprimentos de algum fazendeiro importante da região que deixa a roda onde se falava até há pouco tempo em zebús de oitocentos mil cruzeiros.

— Oh! que alegria. A senhora não se lembra de mim? Sou o Zé Marquinho, da escola de Doradoquara...

Eu volto meu pensamento alguns anos atraz e vejo o rapazinho que levava um belo «trinta e oito» carregado de balas e montava um soberbo alazão, desses de deixar agua na boca. E me lembro também de como aquele revólver e aquele cavalo me faziam inveja! Que pena, a responsabilidade... Quantas vezes eu, que era louca por montar um cavalo e disparar pelo campo afóra, não ficava tentada a pedir emprestado um daqueles fogosos animais, passar a mão num revólver, e sair a galope dando tiros para o ar...

Mas... eu era professora e não podia fazer uma cousa dessas.

XVI

A RONDA DA MORTE

Não demoraram muito a aparecer núvens escuras no céu azul de nossas esperanças. Estava determinado que teriamos espinhos pela estrada que estavamos palmilhando com tanta alegria e entusiasmo.

Sua reverendissima, o Padre Anastácio Dalla Riva, vigário da cidade de Monte Carmelo, séde do municipio do mesmo nome a que estava sujeita a paróquia de Doradoquara e que estava acostumado a deixar seus rebanhos espirituais completamente abandonados, só se lembrando dos mesmos nas ocasiões de receber prendas e leilões e o dinheiro dos sacramentos vendidos, assustou-se com a noticia de que os protestantes estavam invadindo seus dominios e resolveu agir imediatamente.

Marcou, de inicio, uma pomposa festa na sua igreja e mandou para o arraial uma moça encarregada de ensinar o catecismo às creanças.

Como o velho templo católico estava situado no centro da praça onde morávamos e, portanto, frente a frente com a nossa capela, não lhe foi dificil iniciar a sua perseguição. Começaram as novenas na sua igreja e, com elas, tremendo xingatório contra os crentes. Gritava do pulpito, a plenos pulmões, que os protestantes eram uma gente imbecil e bronca, além de outros adjetivos de pior significação com que nos mimoseava.

O povo saía da igreja dele e vinha se esgueirando até a nossa e, então, alguns mais curiosos chegavam até onde papai estava e perguntavam a êle o que queriam dizer estas palavras: bronca e imbecil. Papai lhes explicava serenamente o significado e o resultado era que o grupo come-

çou a ficar furioso com o vigário, revoltado mesmo contra a sua atitude.

No templo católico não havia assentos para o povo, o que tinhamos de sobra em nossa capela. A multidão ficava cansada, horas e horas, as mulheres carregando creanças nos braços, esperando terminarem os batisados e as prédicas xingatórias e muitos acabavam abandonando o padre nos seus acessos de furor, vindo sentar-se dentro da nossa sala de cultos, pois deixávamos a capela aberta mesmo quando não havia trabalho, tendo antes o cuidado de colocar, em cima das mesas, grande quantidade de folhetos religiosos, que aquela gente boa e humilde ia apanhando sem nenhum receio. As festas da igreja romana eram, portanto, a nossa melhor época de propaganda.

A birra do padre, por isso mesmo, foi crescendo contra nós, de maneira assustadora. Em breve ordenou à moça do catecismo que abrisse uma escola para tirar os meus alunos. Ameaçou de excomunhão a todos que puzessem os filhos a estudar comigo.

Nunca as autoridades municipais e eclesiásticas se tinham preocupado com a situação daquele povo, que vivia no maior desprêzo e abandono. Os politicos prometiam «mundos e fundos», nas vésperas das eleições e tudo ficava no «ora, veja». O arraial estava esquecido completamente, pois nem estradas havia para pô-lo em contacto com a séde do municipio. Nós, que fizemos muitas vezes aquela viagem, podiamos falar com autoridade. Mas... no dia em que os protestantes começaram a se interessar pelo lugar e a fazer alguma cousa pelo povo, nesse dia, então, padre, politicos e presidente da Câmara se lembraram de Doradoquára. De qualquer forma, entretanto, embora por via indireta, o arraial foi beneficiado, pois devido ao nosso trabalho, o padre e seus apaniguados impuzeram ao chefe do executivo municipal a criação de uma escola e a nomeação de uma professora que eles pudessem tutelar.

O presidente da Câmara nesse tempo era muito amigo de meu pai e precisava dessa amizade, pois embora papai

não se tivesse na conta de politico, ninguem podia negar seu prestigio na região. Escreveu logo uma carta a meu pai, explicando que se vira na contingência de criar uma escola em Doradoquára, para a qual não ousava me nomear ou oferecer a cadeira porque sabia que, dada a influencia de minha família, eu não era moça para aceitar um emprêgo daqueles, mas que desejava explicar e deixar tudo bem claro para que não pensássemos ser aquela atitude uma perseguição da parte dêle...

Cantava bem o presidente da Câmara. Papai respondeu-lhe que ficava muito grato pela sua gentileza e que se rejubilava pela iniciativa tomada, pois desejava muito ver desenvolvida ali a instrução. Disse-lhe mais, na carta em resposta, que o Evangelho de Cristo costumava trazer êsses resultados, mesmo quando perseguido. Quanto à nomeação, que não se preocupasse, pois a minha estadia ali era provisoria porque pretendia mandar-me, não só a mim, como as outras filhas para fóra, a fazer curso de aperfeiçoamento. Terminou dizendo que seria êle a primeira pessoa a apoiar a professora nomeada.

Se bem o disse, melhor o fez. Poucos dias depois saiu a nomeação da moça do catecismo.

Logo papai foi fazer-lhe uma visita de cumprimentos e oferecer-lhe recursos para ela poder acomodar-se na localidade, pois sua familia estava longe e ali não havia pensão ou hotel. Depois disto papai se interessou e facilitou tudo para que a família da referida professora pudesse se instalar na arraial.

Entretanto, mesmo com todas essas gentilezas, ela não desistiu de cumprir a missão que lhe havia sido designada pelo sacerdote católico, sua reverendissima o Padre Dalla Riva. Chefiados por essa professora e pelo padre, levantaram os asseclas do romanismo uma tremenda perseguição contra nós, tão grande que houve até ameaças de morte.

Uma tarde de sábado estava eu tomando conta da loja. Era véspera de uma festa de arromba na igreja ro-

mana. Alguns crentes, moradores em um sitio distante conversavam comigo, quando um cavaleiro chegou á porta da casa, apeou e, numa atitude insólita e atrevida, entrou na loja. Estava bem vestido, calçado de polâinas, chapéu de boiadeiro e um grande lenço de seda amarrado ao pescoço.

Dirigiu-se ao balcão, no local em que me encontrava e pediu quinze caixas de balas de carabina. Naquele tèmpo os comerciantes podiam vender munições à vontade. Fiquei espantada com o estranho freguês pois era raro alguem comprar de uma vez aquela quantidade de balas, mas como tinha a mercadoria para vender, tratei de atendê-lo.

Contei as caixas, embrulhei-as e entreguei ao comprador Êle tirou da carteira uma nota de quinhentos mil réis e deu-ma em pagamento, sem dizer mais uma palavra.

Emquanto estávamos efetuando a transação, notei que um dos crentes tinha saido para fora e examinava atentamente as patas do cavalo.

Ao receber as balas, o cavaleiro, que aliás era um individuo ainda moço e de aspecto simpático, debruçou-se sôbre o balcão e perguntou-me em voz baixa, como se não quizesse ser ouvido: — Moça, você sabe quem eu sou?

— Não senhor, o dever de uma caixeira é servir o freguês sem indagar quem é, respondi serenamente, mas um pouco assustada com a atitude do homem.

— Pois Deus que te guarde, se puder, menina, disse êle. E encarou-me bem de frente, dizendo em tom enfático com voz gráve: — até amanhã...

Saíu batendo com as esporas no assoalho, montou a cavalo e desapareceu ràpidamente na esquina da praça.

Eu não tive a idéia de mirar-me num espelho para ver de que côr estava o meu rosto. Suponho que não tinha côr nenhuma.

Para disfarçar o embaraço, perguntei: — Algum dos senhores conhece aquele camarada?

— Êsse camarada faz uma fritada e não demora, dis-

se um. E «cachorro que me lamba» se não é o Ilidinho...

— E' êle mesmo, está disfarçado, mas não engana — disse outro, o tal que estivéra observando as patas do animal.

— Porque você sabe? perguntei.

— Porque aquele cavalo é o mesmo que o compadre Filogônio vendeu para o Ilidinho. Êle tem um sinal na pata trazeira, que eu conheço muito bem. Deus queira não venha acontecer alguma desgraça — concluiu, cuspindo um pedaço de cigarro.

Ilidinho era um nome que todos pronunciavam com horor naquele fundo de sertão. Assassino várias vezes, sempre escapando ileso da polícia de dois Estados, embrenhava-se nas matas do rio Paranaíba e saltava para Goiaz, quando perseguido pela polícia mineira. O mesmo fazia, quando se achava no Estado vizinho e lá cometia algum crime. Dizia-se que era o típo do criminoso nato, que matava sem piedade e não tinha medo de nada neste mundo.

Quando me refiz do susto, todos os presentes me olhavam de modo singular, que interpretei como se fôra uma pergunta muda.

O compadre Filogônio, que o outro acabava de citar como tendo vendido o cavalo para o célebre fascínora, era também um indivíduo perigoso, autor de várias mortes e que mais tarde esteve preso na cadeia de Patrocínio, de onde fugiu. Poucos dias antes dessa fuga, Filogônio disse a meu marido, que o tinha ido ver na prisão, que a única cousa de que tinha medo «era do inferno» e que por nada neste mundo ficaria naquela cadeia. Poucos dias depois fugiu.

Voltando à narrativa, sou obrigada a confessar que senti meu coração bater com fôrça, vendo clàramente o perigo que nos ameaçava. Apelar para quem? Para as autoridades? Talvez não nos acreditassem e no lugarejo só havia um inofensivo sub-delegado, sem fôrça para agir. Arranjar «jagunços» para nos defender de um possível ataque, não ficava bem a crentes evangélicos. Num minuto

de raciocínio resolvi guardar segrêdo do caso, não o contando nem a meu pai. Decidi confiar apenas em Deus e desde êsse momento, senti meu espírito inteiramente calmo e confiante. Uma doce paz e uma grande serenidade invadiram-me o coração e continuei a atender os fregueses. Alguns momentos depois da saída do «valente», chegou meu primo Manuel Joaquim de Melo, visivelmente pálido e agitado, embora fizesse esforços para ocultar sua emoção. Em sua companhia vinha uma de suas filhas, ambos a cavalo e trazendo pelo cabresto um outro animal com silhão para mulher.

Querendo aparentar calma, pois tinha compreendido num relance o motivo da chegada de meu primo, comecei a brincar com êle, perguntando-lhe se agora ía andar montado em silhão de mulher.

Meu primo era muito violento e começou a ficar zangado com a brincadeira. Percebendo que a cousa era séria, gritei para êle:— Entre lá dentro, que a mamãe tem café para você...

Momentos depois uma de minhas irmãs veio ficar em meu lugar, no balcão, dizendo-me baixinho: — Vá lá dentro, que o Manuel quar falar com você.

Entrei e, ao defrontá-lo, foi êle dizendo logo: — Vim te buscar para você passar o domingo lá em casa...

— Não é possível, Manuel, amanhã tenho uma grande conferência religiosa em resposta ao Padre Dalla Riva, que anda dizendo querer fechar-me a boca. E você sabe que eu morro mas não me calo.

— Pois você precisa calar-se — disse êle — porque o padre e algumas outras pessoâs estão combinados para atacar os crentes, matar, queimar a casa de oração e rasgar todos os livros. Eu sei isso de fonte limpa, porque fulano de tal — e deu o nome — está no meio da história e já contratou diversos companheiros ontem, lá na roça do compadre Antônio. Eu ouví tudo e vim te prevenir.

— Não, Manuel — respondí — Eu sou um tanto fatalista, mas também creio em Deus. Se fôr da vontade dele

que me aconteça alguma cousa, não me adianta querer escapar. Mas eu sei que Êle me há de guardar, porque a minha missão neste mundo não está terminada.

— Mas, você sabe — insistiu meu primo — que o padre mandou buscar o Ilidinho?

— Sei, —respondi — Não tem importância. Amanhã muitas almas vão ter oportunidade de ouvir falar em Jesus e eu não quero que elas fiquem sem essa oportunidade. Quem sabe se não terão outra? Não. Não precisa insistir porque não atendo mesmo. Ademais, não temo os que matam o corpo e não podem destruir a alma.

— E' a sua última palavra?

— E' sim. Não me tente convencer do contrário. Ainda mais, vou pedir-lhe o favor de nada dizer a papai.

Manuel saíu desapontado. Chamei alguns crentes em particular e contei-lhes o que estava se passando. Êles se mostraram firmes, embora reconhecendo o perigo, mas concordaram em que realizássemos o culto.

*

* *

No dia seguinte, o domingo fatídico, levantei-me cedo e comecei a aprontar o meu sermão. A's dez horas, de nossa casa, ouvimos o falatório violentíssimo do padre, na missa, dizendo aos seus paroquianos que os protestantes deviam ser mortos, até as crianças, para que se acabasse de uma vez aquela praga. Pediu ao povo que cooperasse com êle, que ninguém se dirigisse lá para os lados dos hereges, e acabou resmungando as mais terríveis ameaças.

Quando o vigário terminou, um caipira gritou bem alto na sua frente: — O falatório do seu vigário tá muito bonito, mais nóis matá seu Néca com a famía, isso nóis num fais não, pois na hora dos apêrto é êle quem serve a gente...

Mas a voz dêsse valente foi abafada pelo murmúrio do povo e pelo barulho que fazia a multidão ao se retirar da igreja.

Saindo da missa, o povo foi se dirigindo para os lados da nossa casa e da nossa capela, pois o sol estava de rachar e era o único lugar onde havia sombra. Minha mãe tinha mandado colocar à sombra do muro vários potes com água. Era uma cousa terrível a falta dagua no arraial em dias de festa. O câmbio negro não é cousa nova. Nesse tempo havia quem vendesse um copo de água por dez tostões.

Essa atitude de mamãe provocou uma reação medonha, embora em surdina, contra o padre. Alí estavam dúas cousas que o homem da roça precisava para si e para a família naquele instante: sombra e água.

Assim, quando nos dirigimos para a casa de oração, já todo o espaço estava super-lotado. Havia gente nas portas, alguns sentados nas janelas — esta é uma posição que o sertanejo acha muito cômoda — por todos os lados, tudo cheio.

Quando minha irmã Sara deu as primeiras notas no harmônio, fez-se um silêncio de morte e eu encarei de frente aquela enorme multidão, o maior auditório que já encontrei.

Anunciei o hino 255 que começa com as palavras:

> Um pendão real vos entregou o Rei
> A vós, soldados seus.

Enquanto lía, fui explicando à congregação o que era êsse pendão real. Ao começarem a cantar, abaixei a cabeça e me dirigí ao Pai Celestial em oração. Lí depois o texto bíblico: «E o sangue de Jesus Cristo, seu filho, nos purifica de todo o pecado». Outro hino foi cantado e lí o capítulo 20 de Exôdo, os mandamentos. Orei depois em voz alta e iniciei a minha palestra, cujo tema era: — Contrastes entre o Romanismo e o Protestantismo.

Entusiasmada com o grande auditório e enlevada pelo assunto, discorria com eloquência e ardor, alheia inteiramente ao perigo que me espreitava. Num dado momento, relanceando os olhos para o lado esquerdo ví, do lado

de fora, um grupo de pessôas apinhadas sôbre um monte de tijólos. No meio desse grupo estava, em carne e osso, o Ilidinho.

Não pude evitar um calafrío pela espinha mas não dei a mínima demonstração de medo, nem mudei o tom de voz. Continuei falando e causticando veementemente os êrros do papismo e o meu entusiasmo era cada vez maior. A palavra saía-me dos lábios com uma facilidade nunca experimentada e eu mesma estava surpresa. Encontrava-me sobretudo calma, porque tinha a certeza de que Deus estava comigo.

Relanceei novamente os olhos para o grupo e notei que o homem se achava com uma comprida capa oriental sôbre os ombros, embora estivesse fazendo um calor medonho. No sertão é máu sinal alguém se apresentar de capa quando não ha motivo para tal. E' que ha o costume de se trazer a carabina escondida por baixo...

Num dado momento, quando eu dirigia um apêlo solene ao auditório, meus olhos deram de encontro com os do temido «jagunço», que estava me fitando com um sorríso trágico nos lábios crispados. Nunca mais pude esquecer aquele sorriso macabro e aqueles ólhos que fulguravam de modo estranho.

Terminei o meu sermão certa de que tinha soado o momento fatal, o instante final da minha vida. Sentei-me, emquanto era cantado o último hino e os alunos da Escola repartiam literatura religiosa com os presentes. Dirigí-me novamente a Deus, em oração silenciosa, pedindo perdão para os meus pecados. Sentía-me absolutamente calma, uma doce e estranha paz me invadíra o coração, enquanto que em minha mente se avolumava a certeza de ter chegado o meu último instante de vida.

Levantei-me, tomei um punhado de folhetos na mão para ajudar na distribuição, quando ouví uma voz grossa atrás de mim: — Eu também quero, moça... E um braço se estendeu por sôbre os meus ombros e u'a mão ágil arrebatou um punhado de folhetos.

No mesmo instante, o homem da capa, pois era êle, saíu para a rua ante o olhar espantado de todos, montou àgilmente o seu cavalo e desapareceu a galope na esquina da praça, pelo mesmo caminho do dia anterior.

O padre, que se encontrava em casa de um vizinho nosso, mesmo em frente à casa de oração, quando viu o fracasso da sua obra, começou a gritar em altos brados e a xingar, agitando os braços como um possesso. De fato, o povo pensou que o homem estivesse dôido e, num instante, uma grande multidão se reunia curiosa em frente à casa onde se achava o vigário.

O resto do dia transcorreu calmamente. À tardinha, a procissão saíu da igreja, com os «santos» de costas voltadas para nossa casa. Era crença naquele lugar que, quando as imagens em procissão viravam as costas para alguma casa, era certo a desgraça alí penetrar imediatamente.

Quando o povo notou a intenção do padre, houve muita reprovação, pois achavam que o vigário estava sendo muito máu para com nossa família, desejando que a desgraça nos atingisse. Algumas mulheres procuraram mamãe logo depois, dizendo a ela que estavam muito tristes com o que o padre fizéra e que íam fazer penitência para não nos acontecer nada de máu. Pobre gente! Era isso o que êles, os sacerdotes de Cristo ensinavam para aqueles infelizes que desejavam saciar a sua sêde espiritual numa fonte de água límpida mas que, por culpa dêsses falsos ministros de Deus, tinham que se contentar com as águas turvas da superstição.

Papai riu-se muito quando lhe falaram do perigo da anunciada desgraça e disse que «tomara que o padre continuasse a desejar-lhe mal porque só assim os seus negócios melhorariam».

O fato é que três dias depois, papai vendeu uma partida de arroz bem grande e que estava encravada havia muito tempo e na qual obteve um lucro que nunca esperou. As costas dos «santos» trouxeram bom resultado.

Mas os ignorantes e supersticiosos propalaram que o lucro do arroz tinha sido por obra do demônio.

Tudo acalmou-se e nós continuámos a realizar o nosso trabalho metòdicamente. Quando o Rev. Alva Hardie nos visitava, tinha sempre uma pessôa para receber em profissão de fé.

*
* *

Eu já tinha dado o meu recado, concordava meu pai. O trabalho evangélico estava organizado, a escola funcionando e minha irmã Sara estava pronta para assumir a direção de ambos. As sementes lançadas na terra estavam brotando cheias de vida e eu, que parecia ter mais vocação para semear do que para colher, resolví passar à frente e aceitei um convite para ir para Patrocínio fazer um curso para obreiros leigos, que alí estava sendo iniciado sob a direção do Rev. James Woodson, um abnegado missionário recém-chegado dos Estados Unidos.

Um dia, em Patrocínio, acercou-se de mim uma pessôa e perguntou: — A senhora se lembra do famoso Ilidinho?

— Lembro-me sim, — respondí.

Pois êle morreu — disse o informante. E acho que a senhora se interessa em saber as circunstâncias de sua morte...

— Interesso-me, como foi?

— Êle estava fazendo uma pequena viagem entre Catalão e uma outra cidade goiana, em companhía de um rapazinho seu conhecido, quando de repente, quase ao término da viagem, disse para o companheiro que estava sentindo uma dôr esquisita. Pediu-lhe que parassem os animais e sentaram-se à sombra de uma árvore. Continuando a sentir-se mal, Ilidinho tirou do bolso um folheto evangélico e disse: — Se o que aquela moça disse é verdade, eu sei que Deus me perdôa... Ajoelhou-se e pediu perdão a Deus pe-

lo mal que fizéra neste mundo e, dirigindo-se ao rapaz que o acompanhava, pediu-lhe: — Quero que você conte àquela moça que eu mui matar lá em Dorodoquara como foi que eu morri... E dizendo estas palavras, cerrou os olhos e caíu para trás, morto.

— Como é que o senhor sabe disto? perguntei vivamente interessada.

— Recebí do próprio companheiro de viagem dele essa incumbência...

Perturbada, sentindo lágrimas nos olhos, estendí a mão ao informante e encaminhei-me para casa.

XVII

ALVA HARDIE, O «GENTLEMAN»

A cidade de Patrocínio, no Oeste de Minas, situada no alto de um espigão, ao pé da serra do Cruzeiro, donde se divisam, em tôdas as direções, os mais deslumbrantes panoramas, mercê dessa riqueza de aspectos topográficos, já teve a honra de ser descrita pelo grande romancista mineiro Bernardo Guimarães, que alí fez desenrolar parte do enrêdo de um das suas histórias mais populares, «O Garimpeiro».

Essa terra, com o seu florescente trabalho evangélico, está de tal maneira ligada à minha narrativa, que não posso deixar de dedicar-lhe êste capítulo, dados o entrelaçamento e união existentes entre a cidade e a missão alí desempenhada pelo admirável missionário Dr. Alva Hardie, o eminente propulsor do presbiterianismo na localidade.

Em 1923 passaram por Patrocínio três ilustres missionários da West Brazil Mission os Revs. Alva Hardie, Roberto Daffin e Eduardo Lane.

Apenas dois crentes residiam alí, mas como eram pessôas humildes e sem representação social, pode-se afirmar que era inteiramente desconhecida a Igreja Evangélica na cidade, e o campo era vírgem.

Conseguindo prégar no antigo Cinema Popular, que ficou repleto, os missionários levaram ótima impressão daquele povo bom e hospitaleiro. A multidão, apinhada dentro da casa de diversões, ouviu a primeira prégação evangélica feita, se não me engano, pelo dr. Daffin e cujo texto foi: — «Zaqueu, desce da figueira». Muita gente achou graça nessa expressão e também no nome daquele personagem bíblico, que era desconhecido na cidade.

Escolhendo Patrocínio como centro do campo missio-

nário, o dr. Alva Hardie para alí se mudou em 1924, em companhia de sua dedicada companheira d. Kate e dos filhos Helena e Carlos. Comprou uma das melhores casas, situada na antiga Praça do Rosário, em ponto magnífico.

Quando o vigário local soube da transação, ficou bastante zangado com o sr. Teodorico Machado o qual, vencendo os preconceitos existentes embora em pequenas dóses, contra os protestantes, não teve nenhuma dúvida em vender a casa. Aliás, o sr. Teodorico já estava acostumado a enfrentar a íra clerical, pois foi êle na cidade, a única pessôa que teve coragem, antes, de comprar e demolir a velha Igreja do Rosário, colocada no centro da praça mencionada.

A família Hardie logo se relacionou com a sociedade patrocinense graças ao seu trato fino e distinto. D. Kate, não só pela sua educação e cultura como também pelo seu espírito caritativo e bondoso, logo se impôs como uma pessôa de fato merecedora do mais franco apôio e simpatia por parte da população. Ela visitava os enfêrmos, pobres ou ricos, sem distinção social ou de crença, a todos levando uma pequena lembrança, um presente e uma palavra de confôrto. Tinha sempre um sorriso leal e franco para todos.

«Os Hardies prégam o Evangélho até pela maneira de se vestirem» — falou-me alguém, certa vez, aliás pessoa inimiga da religião protestante.

E é uma grande verdade, pois naquela terra, até hoje, aqueles consagrados servos de Deus são lembrados com saudade.

O Rev. Alva Hardie é um caráter franco e otimista, dotado de uma personalidade forte e atraente. Sua conversação era sempre agradável, com um tom de voz um tanto imponente e uma dicção impecável, mesmo quando cometia algum êrro de pronúncia. Quando isto acontecia, o ouvinte tinha a mesma impressão agradável, pois êle o fazia com toda a elegância pronunciando bem tôdas as sílabas, de maneira que o êrro era bem cometido.

Dr. Hardie nunca usou essas expressões tão comuns em tôdas as línguas em todos os países, como «mais ou menos» ou «assim, assim», «talvez» ou qualquer outra forma denunciadora de dúvida. Êle sabia ou não sabia alguma cousa e com êle era «sim, sim» ou «não, não». Alguns que o não conheciam bem, costumavam se ofender com as suas palavras, mas logo se convenciam de que aquela maneira de falar era natural nele e representava a expressão fiél do que pensava e sentia.

Com relação ao usual modo de cumprimentar: — «Como vai o senhor?» respondia sempre prontamente, com aquele sotáque agradável, todo seu: — «Muito bem». Êsse «muito bem» era pronunciado de maneira enfática e tão positiva, que às vezes o interlocutor se perturbava e ficava «sem geito» com a resposta.

Todos na cidade se sentiam orgulhosos quando se lhes oferecia oportunidade para «um dedo de prosa» com o ministro. As autoridades locais, os comerçiantes, fazendeiros e demais pessoas de conceito social, apreciavam a palestra instrutiva e agradável do dr. Hardie.

D. Kate era muito ciosa da linguagem que o espôso usava, especialmente do púlpito. Quando êle cometia algum engano de pronúncia, podia contar certo com a reprimenda logo que chegassem à casa. A ilustre e abnegada missionária conhecia bem o «português», pois nasceu no Brasil e cultivava com carinho o nosso idioma, fazendo questão absoluta da pureza de linguagem.

Sempre achei interessante o fato de o dr. Hardie manter a maior calma no púlpito mesmo quando, ràramente, deixava escapar uma ou outra palavra errada. Êle não se dava por achado e continuava, com a mesma elegância e aprumo, o sermão que estivesse prégando.

Tinha o hábito de levantar-se na ponta dos pés quando prégava e seus sermões eram cheios de «ilustrações». Estas eram contadas com espírito, clareza e começavam sempre pelas palavras: — «Uma ocasião...» E lá vinha a

história sempre apropriada, sempre bem intercalada no sermão.

A prégação do dr. Hardie era ouvida sempre com prazer e atenção pelos ouvintes de tôdas as categorías e mesmo no auditório mais heterogêneo acabava satisfazendo a todos. A apresentação do texto obedecia a um critério toto pessoal e inédito, pois o dr. Hardie evitava as passagens muito comuns e conhecidas, de forma que, quando êle lía passagem bíblica, todo o mundo se sentia curioso, esperando ansiosamente o que poderia sair dalí. Mesmo com os textos muitos conhecidos, desenvolvia o sermão de modo tão original e com aplicação homilética tão interessante, que ninguém se cansava ou perdia o interesse.

Um dos seus sermões, ouvido em Patrocínio com o maior agrado, tinha como texto: «O que farás na enchente do Jordão?» — Jer. 12:5 em cujo desenvolvimento descreveu a angústia das féras que habitavam e buscavam refúgio nas barrancas do rio Jordão e que, de um momento para outro, se viam frente aos maiores perigos devido a enchente que descia, avolumando as águas e ameaçando tudo sossobrar. Aplicada ao plano espiritual, foi extraordinária a lição tirada do texto.

Outra prégação muito apreciada foi a do Rico Louco. O dr. Hardie, com uma facilidade extraordinária, atualizou a história, contando como o rico entrára para o seu escritório e, depois de abrir os livros de escrituração, déra uma rápido balanço em sua vida, conferindo as contas dos Bancos, após o que, estirou-se para trás na cadeira de molas do seu «bureau», exclamando: «Alma, recreia-te. Tens muito com que regalar-te...»

Eram felizes os seus sermões e, para usar uma expressão muito sua, «ricamente abençoados». Não me esqueço de um deles, que me ficou gravado na memória, acho que devido ao sentido confortador de que se revestia, cujo texto foi tirado de I Coríntios 3:22: «... ou seja Paulo ou Apolo, ou Cefas, ou o mundo, ou a vida, ou a morte, ou as

cousas presentes, ou as futuras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus».

Estupendas prégações a dêsse consagrado servo de Deus. Iam diretamente ao coração dos ouvintes, de maneira tão enfática e persuasiva, que todos saíam dizendo: — Parece que o homem falou especialmente para mim...

Trabalhadores e otimistas, os Hardies não mediram sacrifícios para implantar, nos corações dos patrocinenses, as boas novas de salvação. Dr. Hardie viajava muito e d. Kate, que era o tipo ideal da espôsa do pastor, substituía-o até no trabalho do púlpito, lendo sermões apropriados e bem escolhidos. Aliás, duas outras irmãs de d. Kate foram também consagradas espôsas de missionários, as senhoras dos Revs. Carlos Morton e Roberto Daffin.

Dr. Hardie viajava num «Ford» que fazia milagres nas estradas do sertão. Em muitos lugares, a estrada «se acabava» de repente, mas o «Ford» seguia assim mesmo. Quando tinha que se emprenhar nas matas e ir a lugares inteiramente inaccessíveis ao carro, êle montava 'a bêsta «América», que se achava sempre à espera naquelas paragens distantes e difíceis.

Seu «campo» era enorme e, conforme êle costumava dizer, em suas orações, pedindo a bênção do Senhor sôbre o seu trabalho, o mesmo «se prolongava desde Araxá até Paracatú, desde Arapuá até as mais altas montanhas do Oeste...»

Em tôda a sua carreira, penso, o dr. Hardie nunca deixou de cumprir a palavra quando marcava o dia de chegar a algum lugar.

Certa vez, conforme estava acostumado a fazer, êle escreveu ao dr. Otoniel Ribeiro, lider da igreja de Lagôa Formosa, marcando dia e hora de chegada àquela localidade.

Mas, na data marcada, sobreveio uma chuvarada medonha que durou o dia todo. As estradas ficaram encharcadas, tudo se paralizou e ninguém se atrevia a sair de casa. A chegada do dr. Hardie estava marcada para as cin-

co horas da tarde e os crentes estavam reunidos em casa do sr. Eurípedes Ribeiro, pai do dr. Otoniel, aguardando o pastor para o jantar. A's quatro e meia, o dr. Otoniel olhou o relógio e disse: — Hoje o dr. Hardie não vai cumprir a sua palavra...

Todos olharam desanimados para o temporal que caía lá fora e concordaram ser fato impossível viajar naquelas condições.

Quando o relógio começou a badalar as dezessete horas, o sr. Otoniel exclamou para os outros: — Eu não disse?

Nesse momento a buzina do carro do dr. Hardie sôou lá na rua, em meio ao rugido do vento que soprava furioso ao desabar da tempestade. Êle estava chegando.

*

* *

Metódico ao extremo, o Rev. Hardie organizava antecipadamente o itinerário que devia seguir na visita às igrejas, e dalí não fugía. Estava sempre «no trato», como diz o nosso caipira.

Quando encontrava algum pedestre pela estrada, oferecia passagem no «Ford» e não perdia oportunidade para auxiliar os caminhantes com que deparava pelas estradas batidas do sertão.

Certa ocasião êle se dirigia para uma cidade, se não me engano, Carmo do Paranaíba, quando encontrou na estrada um homem montado a cavalo seguido pela mulher, que o acompanhava a pé. E' um costume interessante êsse, muito comum no interior de nossa terra. E a pobre mulher ainda ía carregando alguns pequenos volumes nas costas. Dr. Hardie, estranhou muito aquilo e, parando o carro, ofereceu-se para levá-la até a cidade. Ambos, marido e mulher, receberam de bom grado o convite e lá se foi o dr. Hardie, fazendo poeira na estrada e levando dentro do seu «Ford» a mulher do próximo.

Mais tarde, já na cidade, o homem procurou-o no ho-

tel para agradecer-lhe o favor e, nesta ocasião, perguntou-lhe à queima-roupa: — O senhor sabe porque foi que eu deixei minha mulher vir em sua companhia?

— Não, senhor — disse o Rev. Hardie.

— Foi porque eu sabia que o senhor era o «ministro» — disse o cabôclo, olhando-o significativamente...

*

* *

Outro incidente interessante, que revela um aspecto extraordinário da personalidade do dr. Alva Hardie, deu-se em Rio Paranaíba, localidade já citada páginas atrás, e onde a igreja evangélica tem passado por grandes tribulações. Havia alí uma grande animosidade contra os crentes devido ao assassinato do vigário local, tempos atrás, crime êsse praticado por um dos membros de uma família na qual se encontravam muitos crentes evangélicos.

Êsse crime, que retardou e prejudicou enormemente o trabalho evangélico na cidade, embora os crentes nada tivessem com o caso, será narrado mais adiante.

O fato é que Rio Paranaíba apresentou sempre um ambiente hostíl aos evangélicos, chegando a haver mesmo perseguições terríveis com ameaças de morte para os principais da igreja e visando também os pastores que ali trabalhavam.

Uma noite o Rev. Hardie prégava no templo da vilazinha, que estava literalmente cheio, quando uma bomba, atirada da rua, explodiu no telhado. Um grande alvorôço se seguiu, com gritos de mulheres e crianças, homens que saíam correndo para alcançar o criminoso, uma balbúrdia medonha.

Dr. Hardie parou um momento com o sermão, contemplou calmamente o auditório e disse: — Já passou o perigo, podemos continuar.

Efetivamente, o ato criminoso apenas causou alguns estragos no telhado.

*

* *

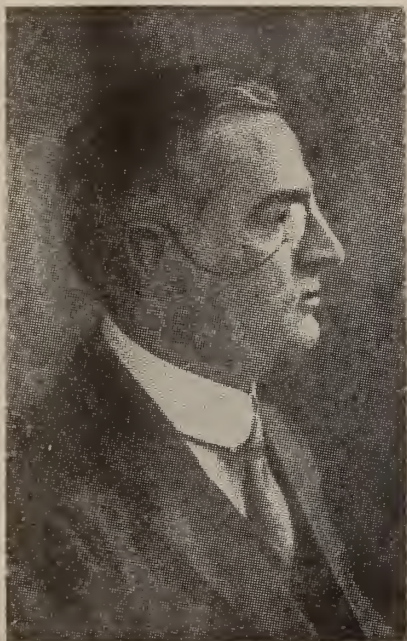
De uma feita, ía o dr. Alva Hardie viajando sòzinho, cavalgando pachorrentamente a «América», em direção ao povoado de Quintinos, situado a algumas léguas da cidade de Carmo do Paranaíba, onde devia visitar um grupo de crentes. A perseguição aos evangélicos em tôda aquela zona, como um refléxo mesmo dos acontecimentos de Rio Paranaíba que trágicamente haviam culminado com a morte do Pe. Francisco Goulart, atingia a um gráu nunca visto, tal a excitação e exacerbação de ânimos.

Não encontrando, como sempre acontecia, um dos crentes que devia servir-lhe de guia e companheiro durante a viagem, o abnegado missionário resolveu empreender a viagem sòzinho, pois não era do seu feitío voltar atrás ao dar de frente com qualquer impecílho.

Calmamente seguia êle pela estrada vermelha ao compasso viajeiro da cavalgadura quando, repentinamente, viu agitar-se uma môita alguns metros adiante, ao lado direito da estrada, como se alguém alí estivesse de tocáia.

Chegando mais perto e observando atentamente, percebeu um vulto de homem agachado atrás do arbusto e, sobrando por cima da copa do mesmo, uma cousa que se lhe afigurou fosse o cano de uma espingarda.

Não posso fazer uma idéia exata do que se passou no espírito do denodado prégador dos nossos sertões naquele instante supremo. Sejam porém quais forem os estados de alma que tenha sentido, estou certa de que encarou as circunstâncias com a maior coragem e sangue frio. Talvez tivesse mesmo pensado ter chegado o seu último instante de vida sôbre a terra. Que fazer? Retroceder, nunca. Chamar por socôrro naquele êrmo, seria em vão e nem o assassino lhe daria tempo para tal. Será o que Deus quizer, pensou.

Açulou a besta e continuou a marcha. Ao defrontar com a môita, um homem saltou à sua frente, com um ím-

DR. ALVA HARDIE

peto medonho, gritando: — Bendito aquele que vem em nome do Senhor...

Era um dos crentes da congregação para onde se dirigia o dr. Hardie, que resolvêra passar-lhe uma supresa e depois acompanhá-lo durante o resto da viagem. Aquilo que o missionário vira, sobrando por cima do arbusto e que lhe déra a impressão de um cano de carabina, nada mais era que uma dessas varas ou bengalas rústicas que o nosso sertanejo usa, em viagem a pé, para afugentar cães danados, cobras ou quaisquer outros animais perigosos, tão comuns nas estradas do sertão...

*

*   *

Foi êsse o extraordinário trabalhador que, por muitos anos, fazendo de Patrocínio o centro de suas atividades pastorais, realizou em tôda aquela zona uma série memorável de feitos heróicos, que honram o trabalho evangélico missionário no Brasil.

Não era homem que desanimasse com qualquer dificuldade. Muitas vezes saía, êle mesmo, pelas ruas da cidade, distribuindo folhetos de propaganda, de casa em casa. O povo de Patrocínio tem a seu favor um elevado crédito de educação natural, mas sempre acontecia surgir uma pessôa ou outra que via com maus ólhos o progresso da Igreja Evangélica e não trepidava em acolher com uma desfeita o gesto do dr. Hardie. Êle agradecia e passava adiante.

Gostava de usar, e usou por muito tempo, um métoto de prégação objetiva, com o auxílio de uma «lanterna mágica», o que atraía sempre grande número de curiosos, os quais desejavam ver «o cinema do ministro».

Projetadas as figuras na parede, dr. Hardie, em pé atrás ou de lado do aparelho projetor, começava a explicação, com aquele rompante e aquela linguagem tão sua, tão característica e tão do agrado do povo: — Lá está o homem que descia de Jerusalem para Jericó...

E todos ouviam atentamente, ólhos fixos na parede, os sermões pregados de maneira tão original e convincente.

*
* *

O dr. Alva Hardie e família residiram em Patrocínio sete anos, de 1924 a 1931. Encontrou na cidade apenas três crentes: o sr. Miguel Guimarães e sua espôsa d. Roberta, êle já falecido e ela crente fiél e zelosa até os dias de hoje, e d. Maria, espôsa do sr. Antônio Camilo, também falecida.

Pastoreava treze cidades, muitas delas com várias congregações rurais e o seu «campo» se estendia de Araxá até Paracatú. Construiu templos em quase tôdas as cidades, deu grande impulso à propaganda evangélica, recebeu à comunhão da igreja centenas de crentes, conseguiu que a maioria adotasse a forma dizimista de contribuição e foi um grande instrumento nas mãos de Deus para o desenvolvimento de Seu Reino aqui na terra.

XVIII

ESTUDOS, MUITO TRABALHO E... CASAMENTO

O progresso da Igreja Evangélica Presbiteriana em Patrocínio foi tão rápido que, em pouco tempo, dado o desenvolvimento observado também em todo o «campo» missionário, a West Brasil Mission foi obrigada a enviar mais um casal para auxiliar o dr. Alva Hardie.

Assim, em 1937, chegava o Rev. James Woodson e família. Sua espôsa, d. Jessie, prestou eficiente concurso ao trabalho, não só em várias atividades da Igreja, como também cantando córos sacros, portadora que era, de uma voz maravilhosa, que encantava todos os que transitavam pela rua, na hora do culto.

O Rev. Jaime — como o chamavam os crentes — tornou-se pastor da Igreja de Patrocínio e tomou conta de mais algumas congregações vizinhas, ficando o dr. Hardie com o resto do «campo».

Uma grande luta teve que enfrentar o novo missionário desde logo, pois ninguém queria alugar nem vender casa para os protestantes. Já havia franca oposição aos crentes. E' preciso que se diga, com justiça, que se não fôra a perseguição movida pelos incríveis sacerdotes católico-romanos, procurando, por todos os meios, indispôr suas ovelhas e atirá-las contra os crentes evangélicos, tôdas as lutas religiosas, prevenções e campanhas odiosas que se seguiram, não só naquele setor como em vários outros pontos do interior do país, tudo seria evitado, pois o nosso povo é bom e acolhedor, por índole. Os padres são sempre os insufladores.

Em Patrocínio estava, nessa ocasião, como vigário, o pe. Joaquim Tiago dos Santos, um homem portador de vasta cultura, orador primoroso mas intolerante ao extre-

mo. Foi êle o iniciador da batalha contra os protestantes, a qual foi terrível.

Os missionários souberam que o sr. Sérvulo Veloso, pertencente a uma tradicional família da cidade, tinha resolvido vender uma casa que construíra para sua residência. Êsse era um fervoroso católico, aferrado aos princípios e dógmas da igreja romana, mas sincero em suas convicções, o mesmo acontecendo à sua dígna espôsa, d. Alice Epifânio Veloso, também descendente de família tradicionalmente católica.

Quando o padre soube da transação, pois a casa foi comprada, ficou furioso e censurou atrevidamente tanto os compradores como o vendedor.

O efeito foi contraproducente, pois o sr. Sérvulo, revoltado contra a atitude do vigário, começou tambem «a indagar, diàriamente, nas Escrituras, se estas cousas eram assim...»

Apaixonando-se mesmo, pela questão religiosa, atirou-se ao estudo das doutrinas do cristianismo evangélico, lendo livros de polêmica e outros como «O Problema Religioso na América Latina», de autoria do saudoso Rev. Eduardo Carlos Pereira. Leu também Miguel Tôrres, Álvaro Reis e outros campeões do evangelismo brasileiro.

A intolerância do padre deu êsse resultado. Em pouco tempo a igreja de Patrocínio contava com dois novos crentes, aquisição valiosíssima e de grande repercussão na cidade — o sr. Sérvulo Veloso e sua senhora.

Até hoje são crentes firmes e sinceros, seus filhos são educados no temor do Senhor e estudam em colégios evangélicos, sendo que a filha mais velha, que foi minha aluna em Patrocínio, já está formada e trabalhando num dos nossos melhores educandários, na Capital do Estado.

Deus usou a intolerância de um homem que, como sacerdote devera ter dado exemplos de paciência às suas ovelhas procurando resolver tudo com paciência e amor cristão, para converter aquela família às doutrinas puras do Evangélho.

A entrada dêsse casal para a Igreja teve marcante repercussão na cidade e foi o inicio de uma nova éra de atividades e progresso. Outros bons elementos foram depois se agregando e se encaminhando para o Evangelho, de maneira que em breve se formou alí um promissor núcleo de crentes.

*

* *

O Rev. James Woodson tinha aberto um curso para obreiros leigos, que por falta de acomodações apropriadas, funcionava na própria residência do pastor. Êsse curso, que comecei logo a frequentar, iniciou-se apenas com seis alunos e foi o princípio do que é hoje o Instituto Bíblico.

Éramos quatro moças e dois rapazes. Alí eram ministradas as matérias essenciais ao preparo de um prégador leigo, como teologia, história da igreja, homilética e trabalho pessoal. As aulas eram agradáveis e proveitosas, pois o Rev. James possuía o dom de ensinar.

Infelizmente êsse curso teve pouca duração devido ter sido o Rev. Woodson mandado para a cidade de Araguarí, em substituição ao pastor daquela igreja, que estava doente.

Eu já estava disposta a seguir para Belo Horizonte, para lecionar no Colégio Izabela Hendrix, atendendo a uma carta de Miss Putnam, reitora daquele grande estabelecimento de ensino, a quem eu havia escrito, quando d. Kate Hardie me chamou para dizer que era desejo deles abrir em Patrocínio um colégio evangélico e, se eu quizesse tomar a peito essa iniciativa, poderíamos começar imediatamente. Eu, d. Kate e dr. Hardie nos reunimos e encarámos de frente o assunto, pensando bem as responsabilidades e as dificuldades, que eram muitas.

Mas, como faz parte do meu temperamento enfrentar dificuldades e para ser esta a minha especialidade, resolvi «topar a parada».

O primeiro problêma a resolver seria o do prédio para o colégio. Já conhecíamos as experiências anteriores nesse sentido. Não podíamos comprar um prédio e era difícil alugar um, devido a campanha clerical em franco progresso e cada vez mais forte.

Soube um dia que um comerciante da cidade, com quem meu pai matinha transações, tinha uma casa 'para alugar. Dirigí-me a êle, e tudo foi combinado, até mesmo o dia da entrega das chaves.

Fiquei tranquila e iniciei a propaganda. Atendi diversos pedidos para o internato e mandei fazer o mobiliário. Quando faltavam apenas três dias para a abertura das aulas, o dono da casa, desculpando-se esfarrapadamente, mandou dizer que não poderia mais alugá-la.

Ficámos em situação difícil. A matrícula subia a mais de cinquenta alunos, esperávamos quinze internos e... estávamos na rua.

Mas, a solução para os nossos problêmas aparece às vezes quando menos a esperamos. O sr. Cristóvão Amaral, capitalista residente na cidade e que se mostrava amigo dos evangélicos, mandou chamar-me e disse que fazia absoluta questão que as aulas começassem no dia marcado e, para isto, estava disposto a ceder-nos até a sua casa de residência ou parte dela. Êle mesmo providenciou uma casa modesta perto da sua, onde improvisámos as instalações do internato e as aulas foram iniciadas nas salas da frente da residência do sr. Amaral. Foi isto no dia 15 de fevereiro de 1928.

Em Patrocínio existia já um colégio para o sexo masculino, dirigido por padres holandeses. Mas, como o nosso colégio aceitava também meninas, com isto o pe. Tiago se alvoroçou e arrepiou-se todo. Era necessária uma providência urgente. E o acérrimo inimigo dos protestantes convocou logo o seu grupo e fundou às pressas um colégio de freiras para meninas.

Até essa ocasião ninguém se lembrára da educação das moças patrocinenses. Mas, agora, era preciso tomar

uma providência, senão os protestantes passariam à frente. Hoje, êsse colégio, que nasceu dentro de uma original competição e brotou da birra do pe. Tiago, tem prestado um grande benefício à mocidade feminina de Patrocínio e eu, causadora desse empreendimento, muito me orgulho com os resultados...

Muitas vezes, ao passar em frente à Escola Normal de Patrocínio, dirigida por dedicadas irmãs, eu me lembrava da orígem daquele educandário, que vem prestando bom serviço à instrução naquela terra, orígem essa em que eu tenho a minha parte a alegar.

Enquanto os clericais se dispunham com todo o ardor a matar o nosso coleginho por meio de sua iniciativa em criar o colégio para moças — e isto lhes era fácil, porque não lhes faltavam recursos, inclusive o da municipalidade — nós íamos lutando com o nosso humilde «Patrocínio Colégio».

Um mês depois de iniciadas as aulas, com a mudança do Rev. James Woodson para Araguarí, ficou desocupada a casa onde êle residia. Para lá transferimos o colégio, que pôde funcionar melhor, com acomodações relativamente confortáveis.

Entrementes, a perseguição movida pelo pe. Tiago, pela imprensa e pelo púlpito, redobrava de furor. Certa ocasião escreveu um artigo criticando a minha voz e ao dr. Hardie, por permitir que eu ocupasse o púlpito na sua ausência.

O jornal era espalhado aos domingos, pela manhã. Pois nunca tivemos um domingo com as reuniões da igreja tão concorridas como aquele. O artigo serviu para despertar a curiosidade do público. Na escola dominical nunca tivemos um número tão elevado de visitantes e no culto à noite quando préguei, foi tão grande a assistência, que muitas pessôas ficaram em pé durante as solenidades. Entre estas lá se achava o Juiz de Direito da Comarca, o Promotor de Justiça, advogados, médicos e outras pessôas de realce na sociedade.

*
* *

Não posso deixar de consignar aqui o meu reconhecimento à Maçonaria em Patrocínio, pelo grande e eficaz auxílio que nos prestou, não só com o seu apôio moral como também porque foram os maçons os primeiros a matricular os filhos no colégio. Foi alí, em contacto com êsse elemento liberal e prestigioso, que pude avaliar bem o grande papél que tem sido reservado àquela Ordem, nos destinos do mundo.

A Loja Capitular «Luz e Humanidade» que contava em seu quadro homens de rija têmpera foi, naqueles dias tão distantes já, um baluarte forte em que o nosso humilde colégio pôde se apoiar com confiança, certo de que venceria a batalha travada contra o clericalismo dominante.

Embora modesto, lutando com tôda a sorte de dificuldades, o «Patrocínio Colégio» deixou sua influência na mocidade daquela terra. Dalí saíram muitos moços, hoje formados, que talvez não conseguissem levar avante o seu ideal de instrução, se não fosse a oportunidade que se lhes deparou com o funcionamento, embora por pouco tempo, do educandário evangélico levantado por nossas mãos.

Dentre os meninos que estudaram no «coléginho dos protestantes» podemos apontar hoje vários que estão formados, dentro e fora da igreja, salientando-se entre êles o Rev. Oscar Chaves, meu cunhado, ministro presbiteriano e missionário da Junta Mixta de Missões, hoje trabalhando no campo de Marialva, no Estado do Paraná, moço consagrado, espiritual e que tem dado as mais sobejas provas da sua vocação; o Rev. Zaqueu de Melo, meu irmão, que tem pastoreado diversas igrejas de grande responsabilidade e é o atual diretor do Instituto Filadélfia, de Londrina, no Paraná; o dr. Mauro Chaves, também meu cunhado, engenheiro-agrônomo e topógrafo, ex-diretor da Usina Inconfidência, de Pará de Minas, cargo que ocupou com efi-

ciência, estando atualmente no Serviço de Águas e Energia Elétrica da Secretaria da Viação do Estado de Minas; o Rev. Wilson de Castro Ferreira, filho do consagrado crente que de quem já falei páginas atrás, o sr. Cândido Álvares Ferreira, rapaz inteligente e também muitíssimo consagrado ao trabalho evangélico, atualmente pastor de uma igreja nos Estados Unidos da America do Norte; o dr. Euclides Gonçalves Martins, que vem prestando seu concurso ao Ginásio de Lavras; o dr. Altair Amaral, farmacêutico em Patrocínio e seus irmãos, dr. Altamiro Amaral, advogado e Armando Amaral, da Escola Militar do Realengo; o dr. Virgílio de Melo, dentista em Monte Carmelo; o dr. Palmiro Rocha, conceituado médico em S. Paulo e muitos outros não teriam tido na vida oportunidade de estudar se não tivessem passado pelo «Patrocínio-Colégio», onde encontraram estímulo e apôio aos seus ideais, onde tiveram uma visão mais objetiva da vida e onde puderam descobrir a sua verdadeira vocação.

Sempre fui grata à West Brazil Mission por tudo quanto tem feito pelos meus patrícios. Mas não posso deixar de me queixar dos componentes da Missão quando resolveram acabar com o «Patrocínio-Colégio». O meu ideal era vê-lo transformado em ginásio e, possívelmente, em escola superior. Mas eu não podia faezr tudo nem também aqueles que me ajudavam. Desapareceu o colégio e ficou em seu lugar o «Instituto Bíblico» destinado exclusivamente ao preparo do elemento leigo da igreja para o trabalho evangélico. E' uma finalidade digna de todos os elogios, mas que está longe de atingir o resultado prático, mesmo para a Igreja, que produziria um ginásio para a educação da mocidade, num sentido mais amplo. Os frutos colhidos pelo Instituto Bíblico são bons mas não são ótimos Isto porque a própria natureza da instituição não justifica sua existência.

A experiência tem demonstrado que, dos rapazes e moças que fazem aquele curso, apenas uma porcentagem muito reduzida se entrega ao trabalho evangélico numa consagração completa enquanto outros falham pela falta de uma base cultural mais sólida.

Mas, como não é meu intúito criticar, nestas páginas, embora com elevação e critério construtivo aquelas realizações da West Brazil Mission que apresentem falhas, mesmo porque parece ter existido, na origem das mesmas uma intenção honesta, vamos deixar de lado as divagações, retornado ao curso da narrativa.

*

* *

Conforme deixei relatado atrás, quando cheguei a Patrocinio, para fazer o Curso de Obreiro, ali inaugurado pelo Rev. Woodson, encontrei já matriculados três moças e dois rapazes. Um dêsses estava destinado a ser meu companheiro de lutas na vida.

Carlos era um crente novo, tendo feito profissão de fé pouco tempo antes de se matricular naquele curso. Era uma rapaz acanhado, tímido mesmo, mas seja-me permitido dizer, possuidor de inteligência pouco comum. Os missionarios depositavam nele grande esperança e desejavam vê-lo prégando o Evangélho.

A principio, apezar de nossa convivência diária nas aulas, nenhuma atração senti por êle, mesmo porque não queria pensar em casamento, pois havia nascido novamente em meu coração o desejo de trabalhar entre os índios. Ademais, eu estava muito acostumada a conviver entre rapazes, desde os dias do ginásio de Lavras e não fazia muito caso dos problemas sentimentais. Êle também, a principio, não simpatizou comigo, devido ao meu temperamento ex-

pansivo e afôito. Nossos dias juntos ao excelente professor que é o Rev. Woodson, escoaram-se naturalmente, sem que nada de anormal sucedesse.

Tendo o Rev. Jaime sido transferido para Araguarí e, consequentemente, obrigado a encerrar as aulas, como deixei relatado linha atrás, resolvi abrir o coléginho evangélico, que a minha pobre — ou rica, não sei — imaginação estava contemplando com óculos de gráu, apresentando-se no futuro de minhas esperanças, como um grande educandário.

Quando abrimos as aulas do colégio, foi êle, o meu colléga de classe e hoje meu marido, o primeiro voluntário que se apresentou disposto a auxiliar-me, aliás com grande desprendimento, sem fazer caso do ordenado que podiamos pagar.

Assim trabalhámos por alguns mêses, unidos por uma sólida e crescente amizade que foi se transformando aos poucos em um sentimento mais profundo e, quando menos esperavamos, vimos que Cupido nos tinha enleado bárbaramente.

Foi a fiel serva do Senhor, d. Maria Raposo, já falecida, quem primeiro «buliu» no assunto. Estava eu em visita àquela crente quando, sorrindo maliciosamente, ela me disse:

— Você e o Carlos estão apaixonados...

Fiz um gesto de revolta e neguei terminantemente. Ela não se deu por vencida.

— Não precisa negar, eu tenho muita experiência da vida. Êle gosta de você e acho que está sendo correspondido!

Não sei porque, mas continuei a negar para, no fim, acabar concordando. No dia seguinte êle foi também á casa de d. Maria e ficou sabendo da conversa. Veiu incontinenti ao colégio, num contentamento sem igual, abrimos o coração um ao outro, e tudo ficou ajustado. Nosso noivado durou poucos mêses, apezar de termos combinado que êle iria primeiramente fazer o curso teológico em Campi-

nas. Entretanto, êle achava difícil a nossa separação e, por êsse motivo, acabei concordando em que nos casariamos no fim do ano, o que se deu no dia 26 de dezembro de 1928.

A principio tivemos, como é natural na união de duas pessoas de temperamento diferente e criadas em ambiente diverso, nossas rusgas e briguinhas. Que casal não as tem? Em uma cousa, especialmente, sempre estivemos de acôrdo: nossa comum vocação para as cousas do espirito e para a vida intelectual.

Trabalhámos no colégio mais dois anos e então resolvemos rumar para Campinas, para que êle se matriculasse no Seminário Presbiteriano. Ia ser difícil, pois meu marido não conseguira auxilio financeiro nem do Presbitério de Minas — que já estava mantendo no curso teológico três candidatos — nem da Missão. Nossa filha Hulda estava com dois mêses de idade. Mas tudo já estava resolvido. Tivemos uma luta tremenda, tão grande, com tantos impecilhos que surgiram, que num dia de desânimo cheguei a escrever à reitora do Colégio Izabela Hendrix, em Belo Horizonte, pedindo um lugar para lecionar, pois já achavamos dificil, senão impossivel, a ida para Campinas. Miss Lela Putnam que era a diretora do grande colégio naquela época, respondeu-me atenciosamente que me arranjaria o lugar pleiteado.

Mas, quando a resposta chegou, tinhamos resolvido enfrentar firmemente a luta que nos aguardava em Campinas e agradeci a atenção da reitora do Izabela. Longe estava eu de pensar, nêsse tempo, que mais tarde iria dar uma parte da minha vida àquele colégio, onde minhas filhas iriam também ter oportunidade de estudar... Inexcrutáveis são os caminhos do Senhor!

XIX

NA CASA DOS PROFÉTAS

As aulas do Seminário Presbiteriano, em Campinas, deviam ter inicio a 1º de fevereiro. Cinco dias antes dessa data, ainda nos achávamos em Patrocínio, sem dinheiro, com as malas prontas e com o lugar dispensado no Colégio. Uma despesa imprevista nos tinha levado toda a economia feita durante o ano. Não desejavamos também pedir auxílio de ninguem, nem mesmo das nossas famílias, ambas em condições de nos auxiliarem durante aqueles primeiros tempos.

Meu marido procurou então aquele que tinha demonstrado simpatia para com a nossa causa, o sr. Cristovão Amaral, e conseguiu dele um conto de réis emprestados. Em um dia acabámos de aprontar as cousas e embarcámos. Foi uma viagem acidentada, com muita chuva, barreiras desmoronadas no leito da estrada de ferro, a Oéste de Minas, o que nos obrigou a fazer o trajeto de Ibiá a Araxá, em automovel, altas horas da noite, debaixo de tremendo temporal.

Finalmente chegámos a Campinas, com três dias de atrazo. Eramos três pessoas e não tinhamos nenhum dinheiro. Mas Deus estava conosco.

Fomos morar em companhia de d. Emilia Omegna, viuva do saudoso e consagrado servo de Deus, Rev. Constancio Homero Omegna, que residia junto ao Seminário, com as filhas, e fornecia pensão a alguns seminaristas. Ela nos cobrou trezentos mil réis por mês pelo quarto e refeições (saudosos tempos)! Mas, como não tinhamos nenenhuma fonte de renda nem mesada, mesmo por êsse preço não poderiamos continuar como hóspedes de d. Lili.

Surgiu então, em cena, o coração boníssimo do Rev.

José Carlos Nogueira, um dos mais expressivos valores do ministério evangélico nacional. Êsse dedicado servo de Deus nos arranjou outra casa, também dentro dos terrenos do Seminário e alí nos foi possivel instalar melhor nosso modesto lar. Eu tive que tomar conta da cozinha, pela primeira vez na vida. Mas o meu desejo de ajudar meu marido a fazer o curso suplantava tôdas as dificuldades e não medi fôrças para vencer a enorme aversão que sempre tive por tarefa tão ingrata.

A nossa Hulda nos dava muito trabalho, pois ainda não andava e gostava muito do colo. Para que eu pudesse trabalhar, meu marido tinha que tomar conta da creança, passeando com ela nos braços, entre os arvoredos e bambuais, pelas alamêdas que rodeavam o prédio do Seminário. Foi assim que êle preparou a maioria de suas lições, inclusive o estudo do hebrraico, matéria pela qual tinha predileção: a menina no braço esquerdo e o livro na mão direita. E eu cozinhava.

Não éramos nós os únicos casados, no Seminário. Havia outros estudantes, entre os quais o sr. Augusto Araújo, atual pastor da Igreja Presbiteriana de Cuiabá, cuja espôsa, d. Raquel, tornou-se minha amiga e companheira. Êsse casal tinha três filhos mas não os preocupava a questão financeira porque recebiam boa mesada de seu Presbitério.

D. Emília Omegna, cuja saúde estava bem delicada, resolveu transferir-se para São Paulo, deixando livre a moradia que ocupava. Foi então que o rev. Williamo Kerr, outro consagrado servo de Deus, reitor do Seminário, sugeriu que nos transferissemos para o local antes ocupado por d. Lilí Omegna, para eu tomar conta do telefone ali instalado. Percebí que o bondoso rev. Kerr estava apenas procurando um pretexto para nos ajudar.

Aceitámos, dando graças a Deus pelo auxílio que íamos ter com essa mudança, pois assim eu poderia tambem aceitar alguns pensionistas dentre os rapazes. Todos ocupam hoje posições de destaque no ministério evangélico

nacional. São êles: Rev. Antônio Pacitti, que tinha sido meu colega no ginásio de Lavras, ingressando depois na Igreja Metodista e que, posteriormente, fazia o curso teológico no Seminário Presbiteriano. O Pacitti era um tanto formalista, num sentido elevado e não dispensava o pão à mesa, o que às vezes me punha em apertura. Mas era um grande coração e um grande amigo. Êle era considerado o estudante capitalista, pois já podia contar com o seu ordenado de pastor e sempre foi muito cuidadoso e metódico com as despesas. O fato é que estava sempre com dinheiro no bôlso.

Outro, a quem muito ficámos devendo, foi Joaquim Machado, môço inteligente e que tem feito um brilhante trabalho nas igrejas que tem pastoreado. O Machado recebia com muita pontualidade a sua mesada do Presbitério de Minas. E, tão logo a recebia, sabendo de nossos apuros, corria imediatamente a nossa casa para levar o dinheiro de sua pensão.

Lá se achava tambem, como pensionista, o Djalma Maingué, sempre muito apreciado pelos colegas devido à sua pronúncia sulista, cortando as sílabas no meio das palavras e sempre com um «caso» passado em Curitiba, na ponta da língua. Ótima pessôa, serviçal, singelo em tudo, nunca fez uma reclamação, e tinha prazer em ajudar-nos. Gostava muito de fazer festas à minha garota, que estava começando a ensaiar os primeiros passos. Abençoados e belos tempos aqueles! Os trabalhos e angústias por que saudosos tempos aqueles! Os trabalhos e angústias por que passavamos eram nada diante da amizade verdadeiramente te cristã que desfrutávamos entre aqueles moços idealistas, nobres e de coração bem formado. Saudosos dias de luta que, embora grande, era sustentada com firmeza pela elevação do ideal que nos acalentava!

Todos êsses moços sofreram resignadamente minha incapacidade culinária, sem queixas ou reclamações. Até hoje, quando me lembro da nossa epopéia no Seminário, não posso deixar de exaltar o espírito cristão daqueles rapazes, suportando tão resignadamente as refeições pobres

que eu fazia e, à mesa, ainda baixavam as frontes e fechavam os olhos, piedosamente, agradecendo a Deus...

*
* *

As dificuldades eram cada vez maiores, pois se os pensionistas resolviam a situação econômica, pagando uma mensalidade que dava para cobrir as despesas, por outro lado eu me via apertada financeiramente devido ter que fazer as compras a dinheiro.

Portanto, mesmo contando com a boa vontade daqueles moços, ainda passávamos aperturas. Mas, a mão de Deus vinha nos socorrer justamente no momento preciso, quando pareciam esgotados todos os recursos. Foi assim que aprendi mais a confiar no Senhor, em lições inesquecíveis, que ficaram para sempre gravadas em minha vida.

Uma tarde vimos, de maneira tão positiva a intervenção divina, que não posso deixar de relatar o incidente. Nossos pensionistas estavam aguardando a remessa de seu numerário, que se achava um pouco atrazada. O mês estava vencido, e a senhora que nos fornecia, do seu armazem — dos fornecedores, a única que vendia a prazo — os mantimentos de que eu precisava em minha improvisada pensão, era muitíssimo exigente. Tinha marcado o dia três seguinte ao vencido para eu fazer os pagamentos, sob pena de suspender o fornecimento. Fui procurá-la e expliquei o motivo do atrazo, mas não quis atender. Como ainda tinha alguma cousa em casa, conformei-me com a situação, esperançosa de que o dinheiro entrasse no dia seguinte. Mas, tal não se deu. Estávamos sem um níquel e fazia três dias que a minha menina não tomava leite porque eu não podia comprá-lo.

Naquela tarde eu me encontrava quase desesperada «com a alma abatida até o pó». Fiz um jantarzinho magro com o resto do mantimento que estava na dispensa e nada ficou para o dia seguinte.

Após o jantar, enquanto a Hulda brincava alegrezinha, correndo pelo alpendre, eu e meu marido nos sentámos acabrunhados a meditar na angústia sem nome que nos consumia. Em contraste com o nosso estado de espírito, uma tarde radiosa como são as tardes de Campinas, esmorecia aos poucos. O céu estava límpido, ao longe começava a brilhar uma estrêla e as flores perfumavam o ambiente em volta. Como seria bela a vida, se não existissem as preocupações de ordem utilitária!

— Parece que, desta vez, minhas orações não foram ouvidas — exclamei desalentada. Os rapazes virão para o café da noite e não temos pão, nem manteiga, nem açúcar...

Meu marido gostava de experimentar a minha fé e retrucou:

— Você está perdendo o prestígio lá no Alto...

Quedámo-nos em silêncio. Tive idéia de buscar emprestado o que precisava, com d. Raquel, esposa do sr. Augusto Araújo, mas não me veio coragem bastante. Êles tambem tinham suas dificuldades e três crianças. Lembrei-me então do grande amigo que sempre se esforçou em ajudar-nos, o sr. Bento, zelador das propriedades do Seminário, que morava pertinho, mas fiquei acanhada. Tantas vezes já eu tinha abusado da bondade daquele bom crente em Deus e de sua família, que não deixei tomar vulto a decisão.

Entrámos para a sala de jantar, cabisbaixos, completamente aniquilados. Estendi a toalha na mesa, por formalidade, e coloquei as chávenas nos lugares. Nêsse momento Carlos olhou para mim, enquanto dava a mão à Hulda, que serpenteava pela sala, e exclamou:

— «Se tiverdes fé como um grão de mostarda...»

No instante preciso em que êle pronunciava essas palavras, bateram palmas à porta. Tive vontade de me esconder, mas era tarde. Lá estavam três senhoras que já me haviam visto. Eram d. Eduarda Vogel, sua filha Eduardinha e madame Brochado, tôdas da Sociedade de Senhoras da Igreja de Campinas.

As dedicadas servas do Altíssimo vinham nos visitar. Tivemos que recebê-las alegremente e, num outro dia qualquer, aquela visita seria uma honra ou um elevado privilégio, mas na situação em que nos encontrávamos, era até constrangedora.

Sorríamos para as visitantes mas no íntimo estávamos exasperados, arquitetando planos para resolver a situação delicada em que nos encontrávamos. Nessa noite aprendi que, muitas vezes, quando estamos fazendo planos para nossa vida, Deus já se adiantou e executou os seus...

As senhoras entraram e a conversa começou animada. Indagações sôbre os estudos de meu marido, saúde da pequenina, se eu estava gostando dos trabalhos da Sociedade de Senhoras, onde moravam nossos parentes, etc. e tal e, assim, a palestra se prolongava.

Eu esboçava de quando em vez um sorriso amarelo e «rabiscava» os olhos no relógio. Eram quase oito horas e, às nove, os rapazes deviam chegar para o café.

Conversa vai, conversa vem, eu já estava «sem geito» mas procurava sustentar até o fim, sem esmorecer...

Num dado momento, d. Eduarda abriu a bôlsa, tirou de dentro um envelope fechado e entregou-o a meu marido, dizendo:

— O nosso departamento costuma, todos os mêses, fazer um presentinho aos seminaristas. Desta vez escolhemos o senhor, apesar de não ser muito conhecido na nossa igreja, por ser novato no Seminário. Mas, como sabemos que está fazendo suas despezas por conta própria, achamos que lhe podíamos ser úteis, devido ser casado e ter uma filhinha...

E a veneranda senhora esboçou um sorriso bom, francamente evangélico. Meu coração começou a bater com fôrça e suspirei profundamente.

— Não vá reparar a insignificância — acrescentou modestamente d. Eduarda.

A palestra ainda continou por algum tempo e eu tive que usar de uma forte dose de força de vontade para não

arrebatar o envelope das mãos do Carlos para ver quanto estava lá dentro, mesmo na presença das visitantes.

Êle percebeu minha ansiedade e, maldosamente, começou a me fazer «figa» com o envelope, sem que as senhoras percebessem e a prolongar propositalmente a conversação.

Afinal, elas se levantaram, depois do nosso «eterno agradecimento» e se encaminharam para a porta. Acompanhámo-las até o alpendre.

— Abra isso logo, — exclamei aflita, logo que voltámos, correndo, para dentro. — Ande depressa, homem, devem ser uns dez mil réis e já é o bastante para eu correr ao botequim e comprar o que necessito para o café.

Meu marido rasgou o envelope e arrancou lá de dentro uma soberba nota de... cinquenta mil réis.

— Céus! Mas o que é isto? — exclamei, delirando de alegria.

Cinquenta mil réis naqueles tempos valiam dez vezes mais do que hoje e davam para comprar tudo o que eu precisava e sortir a dispensa, por uma semana, pelo menos. Perdi então tôda a compostura e gritei acaipiradamente:

— Óia os oião da bicha...

A seguir, quase que instintivamente, nossos joelhos se dobraram e agradecemos a Deus pela sua oportuna intervenção.

Não sei se d. Eduarda Vogel, aquele boníssimo coração de crente fiél a Deus, sempre dedicada à Causa do Evangelho, ficou sabendo do grande benefício que nos prestou. De qualquer forma espero que ela tenha recebido dos Céus o galardão que merece, já que a nós não foi possível retribuir aquela bênção de tão grande valor...

Tenho contado, inúmeras vezes, em palestras nas Sociedades de Senhoras, êsse fato, para mim uma prova autêntica do socôrro divino. Ao relembrar mais uma vez, o incidente, com o meu coração cheio de gratidão, rogo a Deus estenda Sua Misericórdia sôbre aquelas que foram

usadas naquele dia como perfeito instrumento de Sua Bondade para conosco.

*
* *

Foram tempos de provação os que passámos no Seminário, mas guardamos, mesmo assim, doces recordações e saudades. Ainda hoje posso ver, nìtidamente na tela da minha memória, tudo quanto se passou naquela abençoada Casa dos Profetas. Não é possível esquecer, por exemplo, a figura respeitável do dr. Thomas Porter. Tôdas as manhãs eu o via entrando, em demanda do prédio de aulas, com o seu lenço muito alvo na mão, cumprimentando cordialmente os rapazes que sempre alí se achavam, aos grupos, com o seu característico:

— Bom dia, amigos...

Tenho a impressão de que ainda hoje, na Glória Eterna, êle continúa repetindo essa frase, sua habitual maneira de cumprimentar os moços.

O rev. William Kerr, reitor e professor, dentre outras matérias, de hebráico, apesar do seu modo circunspecto e um tanto reservado, sempre foi um amigo leal dos estudantes e costumava parar à entrada do prédio, palestrando com os jovens, muita vez discutindo com êles suas dificuldades pessoais, quando não estivesse esclarecendo algum intrincado problêma de teologia. Meu marido recebeu muitos favores e atenções do rev. Kerr e apreciava-o extraordinàriamente, não só como amigo, mas tambem como professor eficiente de uma das mais difíceis cadeiras do Seminário. Anos depois tivemos o grato privilégio de encontrar êsse piedoso servo de Deus em Araguarí, o que nos trouxe satisfação imensa. Que Deus continue abençoando o rev. Kerr em seu estupendo trabalho em favor da mocidade presbiteriana, para grandeza do Reino de Deus e expansão de Seu Evangelho, é a minha fervorosa oração.

O rev. José Carlos Nogueira era deão do Seminário e

professor. Êsse piedoso e consagrado ministro de Deus transmitia a todos, pelo seu modo de agir, a impressão segura da santidade cristã, da discreção e da prudência. Era um autêntico «gentleman» sempre delicado na maneira de tratar, como a personificação completa da distinção e do cavalheirismo.

O rev. Herculano de Gouvêa Júnior, herdeiro do «sense of humour» que caracterizava, entre outras qualidades de espírito, seu progenitor, o saudoso batalhador que foi o rev. Herculano de Gouvêa, era ótimo professor, sempre amigo dos estudantes e não deixava escapar ocasião para encaixar em suas palestras uma piadinha de arrancar gargalhadas.

O professor de português para os estudantes do pré-teológico, era o rev. José Borges dos Santos Júnior, uma inteligência privilegiada portadora de invejável cultura. Conhecedor profundo da língua, suas aulas confirmavam o conceito de que desfrutava como exímio manejador e manipulador perfeito de todos os segrêdos da «Última flôr do Lácio, inculta e bela...»

Rev. Borges era, também, nessa época, o pastor amado da igreja de Campinas. Também nêsse setor, foi admirável o seu trabalho, pois além de orador primoroso, era verdadeiramente vocacionado para o trabalho pastoral.

*

*   *

Dos colegas e contemporâneos de meu marido, componentes daquela vasta irmandade risonha e amiga, posso lembrar-me, particularmente, de quáse todos, hoje, ministros austeros e respeitáveis.

Lá se encontravam alguns que tinham sido meus colegas no Ginásio de Lavras, como o Jacob Silva, ainda perfeito declamador de Guerra Junqueiro. Benedito Alves, que tambem conheci em Lavras, já estava pastoreando a igreja de Limeira e concluía o curso teológico. Gutenberg

Campos, seguindo a vocação paterna, preparava-se para o belo trabalho que hoje realiza, mas trazia sempre um sorriso irônico nos lábios meio franzidos e era muito chamado ao telefone por vozes femininas... Silvino Figueiredo, sempre muito crente, agarrado á ortodoxia. Amantino Vassão, hoje pastor da Igreja Presbiteriana do Rio, onde ocupa o mesmo púlpito de Alvaro Reis e Matatias Gomes dos Santos, era tambem muito admirado pelo belo sexo e, talvez por isso, estava sempre às voltas com uma Kodak. Guardo ainda uma fotografia de minha filha, tirada por êle. Norivaldo Nicácio e Sebastião Machado, do Presbitério de Minas, tinham fama de inteligentes e o primeiro, já nessa época, estudava apaixonadamente o Espiritismo. Sebastião Machado e Moisés Martins de Aguiar formavam a dupla irresístivel, a cidadela inexpugnável, que desfez a lenda corrente de que os seminaristas não tinham fôrças para resistir aos encantos das pequenas de Campinas pois conseguiram conservar-se fiéis às noivas que os esperavam distantes. Luiz Topan era sempre atencioso e possuia grande vocação para a música. Era o organista do Seminário. Marcelo Ataíde, muito inteligente, talvez um pouco irrequieto, apreciava especialmente as discussões em tôrno das questões linguísticas. Cecílio Rodrigues, seguindo o exemplo dos irmãos mais velhos, tambem fazia o curso teológico e se conservava incólume aos encantos das garotas da cidade, guardando absoluta fidelidade ao grande amor ausente...

Muitos dêsses moços encontrámos mis tarde, mas de outros nunca mais tivemos notícias. Há pouco fiquei sabendo, com tristeza, da morte prematura de dois deles: Silvino Figueiredo e Luiz Topan.

*

* *

Terminado o ano letivo, preparávamos viagem de volta, pois meu marido desejava rever a mãe e os irmãos e, assim, resolvemos passar as férias juntos com as nossas fa-

mílias, que as saudades eram demasiadas. Esperávamos que o ano seguinte fosse mais suave, pois o Carlos tinha conseguido ser recebido como candidato oficial do Presbitério de Minas e íamos ter o necessário para o nosso sustento. Nessa ocasião estavámos bastante ressentidos com os nossos amigos da Missão que não nos tinham dado o apôio financeiro que deles esperávamos, ao menos em parte, pois tanto eu como Carlos tínhamos dado bastante do nosso trabalho e do nosso esfôrço nos campos missionários, sem nenhuma remuneração. Entretanto, êsse ressentimento durou pouco pois, em breve, compreendemos que o coração crente do verdadeiro discípulo de Cristo não deve abrigar outros sentimentos que não sejam aqueles derivados do amor a Deus e do amor ao próximo...

Na noite de nosso embarque em Campinas, encontrámos na estação o dr. Eduardo Lane, que pastoreava a igreja de Patrocínio. Êsse piedoso missionário mostrou-se interessado em ajudar-nos e, de fato, ali mesmo, desembolsou uma pequena importância, que de muito nos serviu na viagem.

Quando chegámos a Patrocínio, ficámos conhecendo de perto dr. Lane e sua esposa d. Mary. Esta serva do Altíssimo bem merece o nome de «santa» que lhe davam os crentes daquela igreja. Era uma dígna continuadora da obra ali realizada por d. Kate Hardie. O casal era estimadíssimo de todos e fazia jús a essa estima. D. Mary, apesar de doente, estava sempre preocupada com todos aqueles que se lhe acercavam. Perguntava por todos com um interêsse verdadeiramente maternal, acudia os enfêrmos e os pobres e tinha constantemente nos lábios uma palavra de confôrto para os sofredores, esquecida de que era ela própria, talvez, quem mais estivesse precisando de conforto moral. D. Mary Lane é, na verdade, uma «santa», no sentido que nosso povo dá a essa palavra, como a personificação da mulher cristã, verdadeiramente dígna dêsse nome...

XX

O HOMEM DA PORTEIRA

O título dêsse capítulo é apenas um símbolo de mais uma vigorosa arrancada que tivemos de dar em demanda do nosso ideal, de que tirámos uma das mais proveitosas lições para nossa vida.

Em Patrocínio, dr. Lane propôs a meu marido desse seus três mêses de férias ao trabalho da Missão, para assim «descansar, carregando pedras». Para tanto, devia êle seguir para Rio Paranaíba, localidade já mencionada no desenrolar desta narrativa. Consultámo-nos mùtuamente e tambem a Deus, e resolvemos que êle iria imediatamente para o local de trabalho, emquanto eu demandava a fazenda de meus pais, com a pequenina. Assim foi feito.

*

* *

Em Rio Paranaíba, antiga São Francisco das Chagas do Campo Grande, florescia uma igreja admirável. Os crentes eram as pessôas mais influentes do lugar, os maiores comerciantes e fazendeiros, entre êsses os srs. Abner Borja, Trajano Silva e o cunhado dêste último, Hilarino Rocha, tambem chefe-político local. Tudo o que existia de vital importância em Rio Paranaíba, como máquina de beneficiar arroz, serraria, estradas de rodagem, tudo pertencia aos crentes presbiterianos.

Conta-se que ali chegou, certa vez, um frade, o qual, logo à entrada da localidade, indagou:

— A quem pertence aquela casa bonita da esquina?

— Aquela casa é de um protestante — respondeu um dos que o tinham ido encontrar na chegada.

— E aquela loja grande? — teria perguntado o frade.
— E' de um outro protestante...
— Ah! sim. E a máquina de beneficiar arroz, que está fazendo tanto barulho?
— Tambem é de um protestante.
— Hum! hum! E essa estrada tão bem conservada pela qual viajei, é particular, ou do Estado?
— Não, senhor. A estrada é propriedade do Hilarino, o chefe dos protestantes...

Nêsse ponto o frade enrubesceu e perguntou à queima-roupa:

— Afinal, o que é que vocês fazem aqui?

*

* *

Não obstante, entretanto, essa aparência de grandeza e prosperidade, a igreja de Rio Paranaíba passava por grande provações naquele tempo e ainda teria no futuro dias angustiosos. O ambiente era hostíl aos evangélicos e essa hostilidade tinha adquirido um caráter sério desde a morte de um padre, que ali findou seus dias de maneira trágica.

Não é meu intúito rememorar um incidente doloroso que o tempo vai apagando, nem tampouco reviver os detalhes que culminaram com o desfecho fatal que ali teve a campanha movida contra os protestantes, não sòmente para respeitar o silêncio de um túmulo como tambem porque não desejo ferir melindres daqueles que, sem querer, se viram envolvidos na tragédia.

Se faço referências ao acontecimento, é porque o mesmo se acha no curso da minha narração. O autor da morte do padre não pertencia à Igreja Evangélica, embora fosse filho e irmão de crentes. Nem estava mesmo residindo na localidade, pois havia muito se radicara em Goiaz, onde se dedicava aos serviços de mineração. Entretanto, quis a fatalidade que aquele homem em visita ao velho pai e aos irmãos, ouvisse dos próprios lábios do sacerdote uma ofensa e uma ameaça ao seu progenitor, que reputou gráves.

Temperamento fórte, criado num ambiente desfavorável ao desenvolvimento de um perfeito caráter cristão, embora pudesse contar com a influência da família, que era crente, tanto bastou para que o moço se atirasse à tentação de um desfôrço pessoal. E foi o que aconteceu, lamentavelmente.

*
* *

Na ocasião em que meu marido aceitou a incumbência de pastorear a igreja de Rio Paranaíba, o fogo lavrava assustadoramente. Havia até ameaças de extermínio dos protestantes e de seus ministros, que se avolumavam dia a dia.

Quando o Carlos chegou a Ibiá, de onde devia seguir por estrada de rodagem para Rio Paranaíba, uma senhora conhecida e amiga de sua família mandou chamá-lo à sua casa para aconselhá-lo a desistir. Disse que era loucura, se êle não tinha juízo, se queria me deixar viúva e moça e a filhinha órfã, tanta cousa falou que êle ficou um tanto ou quanto desorientado, mas acabou dizendo que não podia atendê-la, pois tinha dado sua palavra, e não podia voltar atrás. Além disso, respondeu que confiava em Deus.

Aquela senhora viu-o partir quáse desesperada, depois de ter feito todo o esfôrço para que êle desistisse. Meu marido tomou a boléia do primeiro caminhão que apareceu e lá se foi.

Deu-se, então o incidente que vou relatar. Logo que a cidade surgiu à frente de seus olhos, êle, que não estava lá muito calmo, soltou um suspiro de alívio, pois fizera a viagem tôda esperando um ataque de tocáia.

O caminhão parou em frente a uma porteira, na entrada da cidade. Tôdas as estradas particulares cobram «pedagem» dos veículos que por elas transitam e, para êsse fim, há sempre um encarregado vigiando as porteiras.

Ao lado daquela, erguia-se um rancho de páu a pique

e sentado á porta estava um homem de máu aspecto, barba negra, mal encarado, com um grande revólver na cinta.

Logo que o caminhão parou, o homem levantou-se e, manquejando sinistramente, aproximou-se do veículo, examinou a «guia» que o chôfér lhe entregava, passando a seguir, a fazer um exame severo em todos os passageiros, os quais mirava com olhar feroz.

O último a ser examinado, mais atentamente que os outros, foi meu marido, que suportou contrafeito a incomodativa inspecção.

— Hum! — fez o homem deixando escapar uma espécie de úivo gutural.

Sempre mancando, dirigiu-se à porteira e abriu o cadeado, mostrando, a seguir, o caminho livre ao motorista.

— Boa recepção — pensou o Carlos de si para si — êsse indivíduo deve ser um malfeitor da pior espécie e já deve estar contratado para me «liquidar...»

O caminhão entrou na cidade e, em pouco, meu marido descia à porta da casa do sr. Hilarino Rocha, onde devia ficar hospedado.

Todos ficaram alegres com a sua chegada pelo fato de contarem, embora por pouco tempo, com um pastor residente.

Êle, dentro em pouco, esquecia «o homem da porteira» e a ninguem falou sôbre o incidente e sôbre o receio que tivera.

À noite devia haver culto. Os crentes foram avisados e o templo se encheu. No meio do sermão, Carlos viu um indivíduo em pé, encostado à parede, que o encarava com um olhar máu. Era «o homem da porteira».

Terminado o culto, conforme costume nas igrejas evangélicas, o novo pastor dirigiu-se para a porta, antes da saída dos fiéis, para poder cumprimentar a todos. O templo foi-se esvasiando até que restou uma única pessôa: «o homem da porteira», o qual se dirigia à saída, sempre manquejando, com o mesmo olhar feroz brilhando por cima da barba negra.

— E' agora! — pensou o pobre pastor de almas.

O homem aproximou-se dêle, abraçou-o com estouvamento e exclamou em voz alta, escandalosamente:

— Eu bem que tava desconfiado dês que vi o senhor na boléia do caminhão. Eu sabia, arguma coisa me contava que era o irmão pastor... Dá cá um abraço, irmão!

Era um crente da igreja batista, homem piedoso e bom, que o sr. Hilarino tinha pôsto como vigia da porteira.

*
* *

Quinze dias depois chegava eu tambem a Rio Paranaíba, pois o Carlos não suportou ficar longe de mim e da menina, e foi buscar-nos. Lá estivemos três mêses. Fomos recebidos com muita alegria pelos crentes. O pastor responsável pela igreja de Rio Paranaíba, da qual fazia parte a congregação de Arapuá, era o grande amigo nosso o Rev. Johnston, e tudo fez para suavizar nossa situação.

O trabalho ia muito bem e estávamos satisfeitos. Fomos morar em frente à casa do sr. José Soares do Amaral com quem fizemos uma sólida amizade. Os crentes, na maioria abastados, não deixavam faltar nada em nossa casa, suprindo-nos de víveres e até de utensílios domésticos.

*
* *

Meu marido viajava a cavalo pelas matas de Arapuá, onde existia um núcleo de crentes bondosos, simples e consagrados.

A orígem dessa congregação merece um registo especial e vou relatá-la, como uma homenagem ao grande bandeirante da fé, José Soares do Amaral.

Muitos anos atrás, houve um casamento importante em Rio Paranaíba, onde já residia o mencionado Zé Soares, em cuja casa se hospedaram vários convidados vindos de

Arapuá. Foi um dia de festa na vila. Todo o mundo estava alegre. As moças, catitas, vestidas com fazendas de côres vivas, fita no cabelo, procuravam chamar a atenção da rapaziada e davam uma nota alegre na festança. Os rapazes, aprumados, lenço no pescoço, faziam saracotear os cavalos pelas ruas, em exibição ingênua, buscando, por sua vez, captar a simpatía das «morenas».

Após a cerimônia, dirigiu-se à casa de Zé Soares o chefe da delegação de Arapuá, sr. Miguel Martins, para agradecer-lhe a hospedagem dada aos companheiros.

Aproveitando o ensêjo, Zé Soares, como bom crente que era e sempre foi, pediu a Miguel Martins lhe désse licença para oferecer-lhe um Novo Testamento.

Miguel respondeu:

— Olhe, Zé Soares, eu não gosto muito desssas coisas, mas pode botar o livro aqui na algibeira...

E com a mão, abriu o bôlso do lado direito do palitó, sem ao menos pegar no livrinho.

Chegando à sua casa, após a pagodeira da noite, Miguel Martins despiu o terno de brim caqui, que só usava em ocasiões de festa, e não mais se lembrou do Novo Testamento, o qual permaneceu durante mêses no bolso do palitó, que ficára dependurado num cabide.

Houve, mais tarde, uma outra cerimônia qualquer e Miguel Martins teve que vestir novamente a mesma roupa. No local, encontravam-se tambem vários irmãos de Miguel, entre êles, o sr. Antônio Martins, um dos mais fervorosos crentes que tenho conhecido.

Num dado momento, Miguel levou a mão ao bôlso e encontrou o Novo Testamento. Virou-se para o irmão, Antônio, que se achava perto e disse:

— Tome aqui, Antônio, você que gosta de lêr, veja o que diz êsse livro...

Antônio Martins começou a lêr e, em breve, sentia seu coração cheio da luz do Evangelho. Num contentamento sem igual, lia para sua mulher, d. Auta, que tambem se tornou crente. Juntou-se depois, ao grupo, um sobrinho do

sr. Antônio Martins, de nome Marciano, que era professor naquela redondezas.

Os Martins formavam uma grande família. Em pouco tempo, aquela sementinha, jogada quáse à força por Zé Soares no bôlso do palitó de Miguel Martins, germinou, e cresceu, formando uma árvore frondosa.

O interessante é que Miguel Martins, que fôra o primeiro a receber a semente, foi o último a fazer profissão de fé.

Em nosso tempo ali, a congregação de Arapuá era uma das maiores em tôdo o «campo» da West Brazil Mission.

Terras fertilíssimas são aquelas das matas do Arapuá, mas ainda mais fértil é o coração de seu povo!

*

* *

Um crente da igreja de Araquá, certa vez, referindo-se a uma determinada pessôa, que se mostrava fria e indiferente para com o Evangelho, usou uma expressão muito interessante, porém profunda em sua significação. Respondendo a meu marido, que havia perguntado se não seria bom convidar para o culto um vizinho do referido crente, êste respondeu:

— Não adianta, «seu» Rev. Êle não tem «dor de religião».

Nunca esqueci essas palavras. De fato, o interêsse pelas cousas espirituais começa pela dôr do arrependimento, pelo desejo intenso de comunhão com o Pai Celestial, pela sublime intenção de uma vida sem mancha. Não sentimos, todos nós, essa mesma dôr?

*

* *

Era uma igreja animada. Os cultos e Escola Dominical enchiam literalmente o templo rústico, porém grande,

bem maior que a capela da igreja católica romana. Meu marido apreciava extraordinàriamente aquela gente de corção bondoso e tinha prazer em estar naquele meio.

No dia em que êle se despediu da igreja — já estávamos de malas prontas para rumar a Patos, onde íamos tomar conta da igreja e lecionar no Instituto Sul Americano, estabelecimento de ensino ali fundo e mantido pelo dr. Antônio Dias Maciel — todos na igreja choraram. Não me esqueço e sinto lágrimas nos olhos quando revejo, em minha imaginação, aquela gente bondosa, todos em pranto, homens, mulheres e crianças, por causa da partida de um guia espiritual cuja convivência na igreja tinha sido apenas de três mêses!

Bemaventurados os limpos de coração...

*

* *

Como referi atrás, devíamos ir para a cidade de Patos. O Carlos ia exercer as funções de evangelista e diretor do estabelecimento, a convite do dr. Antônio Maciel.

Resolvemos acceder, de acôrdo com o Rev. Jonhston, que era tambem pastor da igreja de Patos. Meu marido falharia do Seminário aquele ano, mas poderia continuar os estudos mais tarde.

Antes de sairmos de Rio Paranaíba, tivemos que passar por uma grande aflição com a nossa Hulda, que adoeceu gravemente. Os farmacêuticos do lugar desenganaram-na. Não havia médico senão em São Gotardo, localidade próxima, porém tínhamos informações que o mesmo não se achava naquela cidade, no momento.

A menina piorava a cada minuto que se escoava. Mais uma vez nos valemos da oração. Zé Soares e sua bondosa esposa, d. Ana, estavam sempre conôsco, nos confortando, bem assim os demais crentes de Rio Paranaíba.

Resolvemos arranjar o único automóvel existente alí, de propriedade do sr. Jerônimo Gabriel da Silva, para le-

varmos a menina até Patrocinio. Estávamos num atrós desespêro, pois o estado da doentinha era gravíssimo e talvez não resistisse a viagem de vinte léguas.

Orámos a Deus como deve orar o náufrago que sente faltar-lhe a respiração.

Providenciávamos a viagem quando, inesperadamente, chegou à nossa casa o sr. Cassiano, dono do hotel, o único da localidade. Êle costumava aplicar homeopatia. Um pouco receioso de não ser bem recebido com a sua «agüinha», disse-nos timidamente:

— Muita gente não acredita, mas se quizerem experimentar...

Quem não experimentaria, em tal situação?

O fato é que a menina começou a melhorar e três ou quatro dias depois, brincava alegremente pela casa.

Mais uma vez vimos claro e positivo o poder da fé. Talvez não existam hoje milagres como os do tempo de Jesus, porque hoje os milagres se fazem, seguindo o curso das leis naturais. O sr. Cassiano foi usado pela mão de Deus para a realização daquele grande e indiscutível sinal de sua intervenção na moléstia da menina. Bendito seja o Nome do Senhor!

*

* *

Alguns dias depois deixávamos Rio Paranaiba, descendo a Serra da Mata da Corda, em busca de novo campo de trabalho, novas lutas e novas experiências...

XXI

A IGREJA DOS DOUTORES

O Evangelho, levado aos mais distantes rincões de nossa Pátria pelos abnegados prégoeiros dos ensinamentos de Jesus, cedo chegou também a uma das mais prosperas cidades do Oéste mineiro: Patos.

Município riquíssimo, grande centro produtor de cereais, coberto em grande parte por matas abundantes, com extensas áreas de terras apropriadas à lavoura, Patos é, até hoje, um desenvolvido centro produtor, um autêntico celeiro supridor das zonas menos favorecidas do Estado.

Um dos pioneiros do trabalho evangélico ali, foi o Rev. André Jensen, que prégou também em Carmo do Paranaíba, onde teve início uma grande controvérsia religiosa que se travou entre o ministro e um padre católico.

Essa discussão, ferida pela imprensa, com elevação de idéias, pelo menos por parte do pastor, provocou enorme celêuma na região, alcançando extraordinária repercussão nos municípios vizinhos.

O fato é que produziu bons resultados, pois foram muitos os que abriram os olhos à luz da Verdade, ingressando nas igrejas evangélicas. Muitos crentes, veteranos daqueles tempos, relembram com saudade essa abençoada controvérsia, testemunhas que foram do heroismo do Rev. Jensen que, num meio adverso e estranho, não teve dúvidas em terçar armas com um adversário temível, para poder levantar bem alto a bandeira do Evangelho de Cristo, sem fazer caso dos perigos a que se expunha, assumindo uma atitude tão desassombrada.

O Rev. André Jensen foi um bravo bandeirante da fé evangélica e seus feitos bem merecem um registo especial

como genuino pioneiro, intemerato implantador dos ensinamentos de Jesus nos rincões de Minas.

*

* *

O continuador do excelente trabalho do Rev. Jensen foi justamente o Rev. Alberto Zanon, de quem falei em páginas anteriores.

Em suas excursões pelos municipios de Rio Paranaíba, Carmo, Patrocínio, Monte Carmelo, Estrela do Sul, e Paracatú, êle visitava também Patos onde ficaram marcados os traços luminosos de sua passagem.

Não possúo no momento detalhes para dizer sôbre o início do envagelismo na zona de Patos, o que espero fazer mais tarde. Sei que um dos primeiros crentes na cidade foi o sr. João de Barros, que aceitou as doutrinas bíblicas ainda na sua mocidade, fazendo profissão de fé. Logo sua família o acompanhou nêsse passo.

Não havia, a principio, igreja organizada e os cultos eram realizados na própria residencia do sr. João de Barros, dirigidos por êle, por algum dos filhos ou pelo pastor quando êsse aparecia. João de Barros foi o homem que conservou acêsa a luz do Evangélho em Patos, por muitos anos.

A cidade foi sempre considerada um reduto forte do catolicismo, do qual uma das familias tradicionais no município, os Borges, representavam a principal coluna.

Os Borges eram, e são até os dias de hoje, irreconciliáveis inimigos politicos dos Macieis, a facção que sempre dominou. Dada a influência dos Borges no município e na sociedade local, com o seu apêgo ao catolicismo, o ambiente sempre foi desfavorável à implantação do protestantismo, embora do lado da politica dominante, a dos Macieis, houvesse mais liberdade e tolerância.

João de Barros, que era um homem de atitudes decididas, enfrentou o ambiente contrário e não se envergonhou do Evangelho.

Depois dele surge Emidio Silva, também um denodado batalhador, que fez sua profissão de fé com o Rev. Zanon no dia 14 de julho de 1921. O ministro, no sermão da noite, fez referência à significação daquela data, dizendo que o novo crente «tinha quebrado a bastilha de Satanás».

Emidio Silva, também chefe de numerosa familia, mudou-se mais tarde para Patrocínio, onde ainda reside, firme na fé, com todos de sua casa servindo ao Senhor.

*
* *

Novo impulso, porém, tomou o trabalho evangélico em Patos, quando um jovem estudante, que fazia o seu curso de ginásio em Lavras, começou a externar para os parentes e amigos as idéias religiosas que já estavam sendo implantadas em seu coração, como fruto da convivência sadia que desfrutava ao lado de professores crentes, especialmente daquele santo varão que se chamou Samuel Gammon.

As novas idéias do estudante provocaram grande reboliço na sociedade patense, pois o moço era Antonio Dias Maciel, filho do Cel. Farnece Dias Maciel e sobrinho do dr. Olegário Dias Maciel, que na ocasião em que nos mudámos para a cidade de Patos, era Presidente do Estado.

O jovem não escondia suas convicções e começou a tomar parte no trabalho evangélico, que se realizava em casa de João de Barros. Sua atitude era olhada com desagrado pelos proprios parentes, devido ao receio de que a questão religiosa prejudicasse o prestígio político da familia. Êle, porém, sómente cuidou de atender aos reclamos de sua conciência, enfrentando com coragem os preconceitos e as perseguições que começavam a surgir.

Concluido o curso de Ciências Jurídicas e Sociais, instalou o escritório de advocacia na cidade natal, continuan-

do, ao mesmo tempo, a tomar parte ativa nos trabalhos da igreja evangélica.

Quando chegámos a Patos, em março de 1932, encontrámos já uma promissora igreja funcionando numa casa adaptada e destinada exclusivamente ao culto de Deus.

Fomos residir no prédio onde funcionava o Instituto Sul-Americano, pegado à Casa de Oração. Isto era resultado do esfôrço do dr. Antônio Maciel que desejava também dotar sua terra com um eficiente educandário evangélico. Tudo mudou para nós. Desfrutávamos de confôrto e tinhamos outra representação social, pois além de evangelista da igreja, meu marido era também diretor do colégio.

Após o primeiro culto, celebrado depois de nossa chegada, ao encerrar-se a reunião, dr. Antônio começou a apresentar-nos aos crentes. Fiquei assustada, pois a igreja era composta, na maior parte, de homens formados e de destaque na sociedade local. Eram tantos os doutores, que comecei a ficar tonta. Ao regressarmos à nossa casa, isto é, ao Colégio, exclamei para o meu companheiro:

— Estamos bem arranjados. Você está agora dirigindo uma igreja de doutores. E' preciso muito esfôrço, muita espiritualidade e muita dedicação para não fracassarmos...

— O Senhor nos ajudará — replicou êle.

*

* *

De fato, o Senhor nos ajudou. A igreja estava satisfeita e prosperava. Em suas visitas o Rev. Johnston encontrava quáse sempre um candidato que o estava esperando para fazer a profissão de fé. A's vezes Carlos e Rev. Johnston viajavam até Paracatú, onde permaneciam dias e dias. Foram êles que abriram o trabalho evangélico na distante cidade de João Pinheiro, onde meu marido teve

oportunidade de prégar a uma compacta multidão que se agrupou em frente à Escola Municipal, notando-se entre os presentes, o Juiz, delegado, escrivães e as principais familias da localidade.

No Instituto Sul-Americano também as cousas corriam normalmente. A êsse estabelecimento, que nasceu do idealismo do dr. Antonio Maciel, aconteceu quáse o mesmo que se deu com o colégio que fundei em Patrocínio, apenas com uma variante. O de Patrocínio deu origem a uma Escola Normal, desaparecendo depois. Mas já havia prestado o seu serviço, de grande valía para aquela terra. O colégio de Patos, cujo curso normal se transformou na Escola Normal Oficial, ainda continuou por muito tempo a sua trajetória para o bem da juventude patense. Prestou também o seu grande e inestimavel serviço àquela cidade, dotando-a de um estabelecimento que obedece a todos os requisitos da moderna pedagogia, com eficiente corpo de professores e que tem sido uma bênção para a mocidade de toda aquela zona.

O colégio tinha ótimo conceito e boa frequência. Eu era diretora do internato e ali tive ensejo, mais uma vez, de prestar minha modesta colaboração em favor da instrução em nosso Estado. Tivemos bons alunos que relembramos com saudade.

Em Patos, forçoso é reconhecer, deparou-se-nos a maior oportunidade da nossa vida. Ali, «grandes causas fez o Senhor por nós, pelas quais estamos alegres».

*

* *

D. Ordália Maciel, digna esposa e cooperadora do dr. Antônio Maciel, foi sempre um braço forte no trabalho evangélico. Oriunda de familia católico-romana, ao lado do marido começou a estudar as Escrituras, tornando-se em pouco uma crente fiel e consagrada. Organista, dirigia o côro da Igreja com tal eficiência, que tornou o conjunto

afamado nas igrejas das cidades vizinhas. Além de diretora do côro, d. Ordália auxiliava eficazmente como professora da Escola Dominical e na Sociedade de Senhoras, onde um grupo de dedicadas e fervorosas crentes desenvolvia suas atividades em favor do Evangélho.

O casal transferiu-se, mais tarde, para o Rio de Janeiro, mas o trabalho realizado por suas mãos na igreja de Patos, ficará para sempre registrado como um marco imperecivel de consagração e amor a Deus.

Dr. Antônio Maciel, que era um orador eloquente, ocupava sempre o púlpito, não só em Patos, como também em várias outras congregações daquela região, como Patrocínio, Carmo do Paranaíba, Araguarí, Uberlândia e outras.

Não tenho noticias recentes sôbre a igreja de Patos, mas desejo ardentemente que continue desenvolvendo o mesmo ritmo de trabalho, em constante crescendo espiritual, como acontecia naqueles dias felizes e saudosos.

Naquele ano, várias séries de conferências foram promovidas na Igreja, tendo ali prégado os revs. Hipólito de Oliveira Campos, Ricardo Maiorga, Jorge Goulart, Valério Silva e outros, que deixaram cair naquela bôa terra a semente abençoada da Palavra de Deus, numa expressão de fé e de beleza espiritual digna dêsses abençoados prégoeiros e luminares do evangelismo nacional. Foram dias áureos em que vimos claramente «chuvas de bênçãos dos céus» derramadas sôbre a Igreja!

*

*   *

Em Patos, nasceu nossa segunda filha, Júnia. Nessa ocasião todos nós gosávamos saúde, desfrutávamos de uma situação econômica relativamente boa e a paz de espirito e a alegria de viver enchiam nossos corações.

No fim daquele ano tencionávamos voltar a Campinas onde o Carlos desejava prosseguir nos seus estudos, quando rebentou a revolução paulista. Não sendo possível vol-

tar aquele ano, êle continuou a estudar sózinho pretendendo prestar os exames depois. Assim, tivemos que continuar em Patos por algum tempo mais, crendo que essa era a vontade de Deus a nosso respeito.

*
* *

Em Lagôa Formosa, município de Patos, existia, havia muitos anos, uma animada congregação, sendo um dos líderes da mesma o dr. Otoniel Ribeiro, que fizera seus estudos na Escola de Agronomia de Lavras. Voltando á sua terra, ali sempre desenvolveu um extraordinário esfôrço em favor de sua terra, sua igreja e sua gente.

A familia Justiniano Ribeiro, bastante numerosa, cujo chefe é o sr. Euripedes Justinano Ribeiro, sempre foi um forte baluarte do trabalho presbiteriano na localidade. Eurípedes Ribeiro tem sido também um grande lutador em favor do Evangelho e da instrução. Mandou todos os filhos e filhas estudar em Lavras e hoje desfruta da satisfação de ver ao seu redor, como um genuino patriarca do Velho Testamento, uma prole numerosa, crente, culta e abençoada pelo seu Deus, que êle escolheu nos dias da sua mocidade. Êste é de fato o caminho dos justos!

*
* *

Durante nossa permanência em Patos tivemos ensejo de fazer amizade com um dos homens de mais puro coração que nos foi dado conhecer nêste mundo: o dr. Noé Ferreira da Silva.

Sua residência era em frente à nossa casa e logo uma forte e salutar convivência se estabeleceu entre êle e meu marido, e assim se tornaram íntimos. O Carlos vivia impressionado com a bondade, a pureza de intenções daquele bom coração. Não era muito assíduo aos trabalhos da igreja

mas era, sem duvida, um crente zeloso e fiel. Seu lugar, na hora do culto, era sempre o mesmo, no mesmo banco, onde assistia aos serviços religiosos com reverencia, sempre modesto, singelo, inimigo de exibições e de vaidades.

Carlos, que era grande inimigo de caçadas e pescarias, uma tarde, com grande espanto da minha parte, comunicou-me que ia a uma pescaria com o dr. Noé. Fiquei abismada, pois nunca êle me falara em semelhante esporte e eu sabia que detestava êsse genero de divertimento. Mas não teve coragem de dizer não ao dr. Noé, que o convidára, e lá se foram os dois, de caniço em punho, pela rua afóra.

Tôdas as tardes, após o jantar, o dr. Noé vinha conversar conôsco e mantinhamos sempre uma agradavel palestra, ouvindo a sua voz mansa e delicada, a sua maneira cortês de se referir aos homens, e o seu tôdo cordato e inimigo de discussão e teimozias. Era um santo.

Pois não demorou muito e tivemos que passar por um rude golpe perdendo êsse amigo. Uma insidiosa enfermidade tomou de assalto seu débil organismo e não houve meios de salvá-lo. Êle pediu-nos, muitas vezes, que orássemos a seu favor e assim fizemos, mas a vontade de Deus era outra. Êle desejava levar para si aquela alma pura, aquele coração profundamente humano, aquele espirito quáse perfeito. Não havia mais lugar nêste mundo máu e enganoso, para Noé Ferreira.

Guardamos muitas recordações da cidade de Patos, da igreja, dos crentes e mesmo daqueles que não eram da nossa religião. Ali vimos nascer ainda a terceira filhinha. Sônia e ali vimos crescer com saude, alegrando nossa casa com o cristalino som de suas gargalhadas, as duas maiores. Ali passámos os melhores tempos de nossa vida. Tivemos experiências inesquecíveis, de natureza espiritual. Fizemos amizades sinceras e valiosas, das quais nos honramos. Tivemos dias de luta e de dôr, mas tivemos também dias de alegria e sadio contentamento. E como o viajor cansado que, ao caír da tarde, depondo aos pés o fardo que lhe ver-

ga os ombros, olha para trás e contempla o caminho percorrido, assim, eu, com saudade, volto meus olhos para o passado para demora-los no clarão do sol posto, que continua renitente, parado no horizonte das minhas recordações! Quanta cousa aconteceu e quanta cousa ainda acontecerá! O que nos estará reservando o futuro? Só o Senhor o sabe... E que seja feita a Vontade do Senhor!

XXII

OS TÊRMOS DAS TRIBUS DE ISRAEL

«... e disse-lhe o Senhor: — Já estás velho, entrado em dias; e ainda muitíssima terra ficou por possuir». Josué 12:1.

Em junho de 1934, quando estávamos ainda residindo na cidade de Patos, vivemos dias de grande regosijo com a visita que nos fizeram papai, mamãe e minha irmã Salomé.

Êles tinham estado em Patrocínio naqueles dias onde, pela primeira vez, puderam assistir e tomar parte numa das convenções evangélicas que ali se realizavam anualmente.

Essas convenções reuniam os crentes de tôdas as igrejas e congregações do campo missionário numa convivência alegre, fraternal e sadía. Todos se sentiam verdadeiramente como irmãos naqueles dias de regosijo espiritual.

O idealizador dessa proveitosa inovação foi o dr. Eduardo Lane, que era auxiliado eficazmente pela sua bondosa cooperadora, d. Mary Lane e por Miss Frances Hesser, outra dedicada missionária, na ocasião diretora do Instituto Bíblico, que também dedicou sua vida e seus preciosos dons de educadora ao trabalho no Brasil.

Eram convidados pastores e crentes experimentados, aos quais era confiada a realização de palestras utilíssimas à vida dos crentes, em que desenvolviam temas de grande proveito moral e espiritual.

A convenção daquele ano representou para meu pai a escalada das planícies verdes de Moab ao cume do monte Nebo, de onde pôde contemplar a «terra prometida» que fôra o supremo ideal de sua vida. Ali êle sentiu, em sua

plenitude, o quanto vale uma existência dedicada ao serviço do Senhor. Ali êle teve uma nova e luminosa visão do Evangelho de Cristo na esfera social, no congraçamento dos crentes, no refinamento da espiritualidade!

Como a figura respeitável do grande legislador do povo de Israel, contemplando do cimo da montanha o horizonte que delimitava os termos da Canaan de seus sonhos, Manuel de Melo teve, naquelas horas de santa comunhão com os irmãos de outras plagas, a oportunidade de encontrar um refrigério para sua alma dentro daquele oásis espiritual de água límpida e borbulhante.

Volvendo os ólhos para o passado, rememorou a luta em favor de sua terra e da sua gente. Seu coração sentía-se em paz pois o dever fôra cumprido. A família estava educada. O segundo filho varão, resistindo às tentações que, por muito tempo, lhe acenaram, com as possibilidades de vitória de uma carreira secular, já se encontrava no Seminário de nossa igreja, preparando-se para ser um prégador do abençoado Evangelho de Jesús Cristo. Que maiores bênçãos poderia desejar?

Viu seus irmãos convertidos tambem ao Evangelho. Depois de tio David e êle, vieram ter com o Salvador do Mundo, tio Tonico, que morreu crente. Um outro irmão, Virgílio manifestou desejo de ler a Palavra de Deus, mas disse a meu pai que sòmente leria a Bíblia aprovada pela Igreja Católica Romana. Meu pai mandou então adquirir, por duzentos mil réis, um belo exemplar das Escrituras. Com a leitura dessa Bíblia, converteram-se meus tios Virgílio, Francisco, Daniel, Modesto e Paulo, no que foram acompanhados pelas respectivas famílias.

Tornou-se, então, a família Melo, uma das maiores agremiações de crentes evangélicos nos sertões de Minas, hoje espalhados tambem pelos Estados de Goiaz, Mato Grosso e Paraná.

Com a conversão de meus tios, surgiram várias igrejas e congregações animadas, como as Doradoquara, Água Limpa, Monte Carmelo, Abadia dos Dourados e Perdizes.

Esta última foi a caçula das igrejas, dentre aquelas de que meu pai foi fundador, direta ou indiretamente. O templo dessa última filha espiritual, sòmente foi construido depois de sua morte, numa área de terreno doado para êsse fim, por minha mãe, dentro da sua própria fazenda. Dei o nome de «templo» mas, na verdade, inicialmente, não era mais que um rancho humilde onde se reuniam homens, mulheres e crianças humildes, mas todos tementes a Deus e consagrados ao Seu Evangelho Santo. Essa singela Casa de Oração teve o privilégio de receber, certa vez, a honrosa visita do dr. C. Darby Fulton, Secretario Geral de Missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, o qual faz questão de ser retratado à porta, em companhia de todos os crentes, escrevendo depois um belíssimo artigo a respeito, numa revista norte-americana, logo que regressou a Nova York, onde residia.

Nessa crônica sôbre a igreja de Perdizes, salientou que já tinha viajado por todos os recantos do mundo, conhecia até mesmo os mais distantes rincões da India, mas em nenhuma parte encontrara uma igreja tão original, com seu templo coberto de fôlhas de babassú, os bancos feitos de bambú, tudo rústico, mas tambem nunca vira uma dirigente tão consagrada como a moça que ali dirigia o trabalho — minha irmã Salomé — e uma congregação de crentes tão espirituais e tão dedicados...

*

* *

Durante os dias da Convenção de 1934, meu pai mostrou-se muito alegre para com todos. Embora fosse muito franco e de temperamento impulsivo, nunca deixou de mostrar exteriormente que o seu coração se encontrava cheio da paz e do amor de Deus. Seus modos um tanto rudes de responder aos outros não eram sinal de máus sentimentos, que não os tinha, mas eram apenas o reflexo do ambiente quáse selvagem em que formára o seu caráter. Até na maneira de prégar o Evangelho, às vezes se excedia em

franqueza e costumava falar muito positivamente aquilo que demandava mais tacto e prudência. A um velho que costumava frequentar nossa loja, onde permanecia horas à fio, ouvindo a conversação dos presentes, meu pai dizia, de vez em quando, estas palavras:

— Fulano, você já está perto de morrer, precisa aceitar Jesús Cristo...

*
* *

Quando esteve nos visitando em Patos, um amigo nosso, corretor de seguros de vida, resolveu um dia abordá-lo a respeito. Meu pai deixou-o falar à vontade. Quando o homem parou, a espectativa dansando ansiosa no seu rosto, êle respondeu:

— Muito bem! Eu não posso fazer seguro porque já tenho um...

— Ah! sim... — replicou o agente já preparando para despejar uma nova carga de argumentação — em que companhia o senhor fez seu seguro?

— Eu fiz com Jesús Cristo — respondeu meu pai.

O homem levantou-se e estendeu a mão em despedida.

* *
*

Os crentes de Patos ficaram entusiasmados com a maneira original de contribuição que meu pai usava por ocasião do seu aniversário, maneira essa relatada por êle na Escola Dominical daquela igreja, que era a de contar os mêses de vida, dando na coleta um tostão para cada mês e não computando apenas os anos, como era o costume de muitos. De fato êle observou essa forma de contribuir durante tôda a sua vida de crente...

*

* *

Uma das convivências que mais impressionaram meu pai naqueles dias da Convenção de Patrocínio foi a que manteve com o zeloso e dedicado servidor de Cristo, o sr. Antônio Martins, (não o seu homónimo de Arapuá), um dos pioneiros e destacados líderes da igreja evangélica de Araxá.

Na verdade, Antônio Martins, que em sua mocidade deu o melhor de seus esforços à Causa de Cristo, em São Paulo, junto à Igreja Unida, de que era pastor o grande orador sacro que é o Rev. Miguel Rizzo, tem sido um trabalhador incansável. Sua espiritualidade, sua filosofia tôda cristã e resignada de encarar os acontecimentos e problêmas da vida, encontrando para tudo uma explicação razoável dentro dos ensinos de Jesús, sem nunca abandonar as esperanças de uma solução vinda do próprio Deus, são as principais qualidades que se destacam logo à primeira vista, no contacto que qualquer crente tenha com a personalidade inconfundível dêsse dedicado discípulo do Senhor. O trabalho que tem sido realizado por Antônio Martins, o coloca entre um dos muitos bandeirantes da fé, cujos feitos merecem ser relatados especialmente quando se tratar do histórico da igreja de Araxá onde há muitos anos se acha radicado.

Meu pai e o sr. Martins tornaram-se ainda mais amigos, depois daqueles dias de comunhão espiritual que deram realce à Convenção de Patrocínio.

*

* *

Voltando à fazenda, em Perdizes, meu pai escreveu algumas regras de conduta para o crente, que foram publicadas em boletim por iniciativa do dr. Eduardo Lane, que as apreciou muitíssimo. Êsses conselhos e praxes, conforme êle denominou, não apresentam nenhuma originalidade

e não têm maior mérito senão o de mostrar o quanto êle era zeloso para com as cousas santas. Entretanto, produziram bom resultado na Congregação de Perdizes e muitas outras onde os boletins foram espalhados. A título de curiosidade, vou transcrever os conselhos, que foram impressos como uma lembrança da inauguração do novo templo de Perdizes, já depois da morte do meu pai:

LEMBRANÇA DA INAUGURAÇÃO DO TEMPLO EVANGÉLICO PRESBITERIANO DA CHAPADA DAS PERDIZES

15 DE SETEMBRO DE 1940

O sr. Manuel de Melo, o fundador da Congregação de Perdizes, antes de seu falecimento, preparou os seguintes princípios, para a orientação dos crentes e de suas famílias, os quais são aqui publicados em homenagem à sua memória, no dia em que a Congregação de Perdizes consagra o seu templo, no terreno doado pela espôsa daquele consagrado servo de Deus.

CONSELHOS E PRAXES

1 — O crente não pode andar atôa, nem uma hora da semana. Se o crente anda atôa, rouba o tempo e fica tentado a roubar para sustentar a família.
2 — O crente deve trazer a sua morada bem asseada, mesmo que seja um rancho. Êle mesmo deve andar limpo, ainda que a sua roupa seja muito humilde, porque Jesús ama a pobreza, mas condena a preguiça.
3 — O crente não pode mentir, é condenado.
4 — O crente não deve contrair dívidas. Não pagar é roubar.
5 — O crente não deve andar triste, êle é o templo de Deus.

6 — O crente não deve ser fanático, antes com amor chamará os pecadores aos pés de Jesús.
7 — O crente não pode tomar tempo, falando da vida alheia ou tecendo intrigas.
8 — O crente não pode deixar de pagar o imposto, ainda que êle seja pesado.
9 — O crente não deve chegar tarde ao culto ou a qualquer outra reunião religiosa. Correrá o perigo de chegar tarde no céu.
10 — O crente não pode dormir no culto.
11 — O crente não pode levar armas ao culto.
12 — O verdadeiro crente tem amor à Causa de Cristo e ajuda-a com as suas ofertas: dá o dízimo.
13 — O crente não deve aproveitar as reuniões de oração para tratar de negócios seculares. Pode e deve antes tratar dos negócios do Reino do Filho de Deus.
14 — O crente não deve cumprimentar aos irmãos, ao entrar na Casa de Oração, mas sim baixar os olhos e fazer uma breve oração. Terminando o culto, deve orar assim: «Prepara o meu espírito para cumprir os teus mandamentos, ó Deus». Ao sair deve cumprimentar os outros crentes e estranhos. A casa de Deus é a «Casa de Oração», é o lugar designado para o crente conversar com seu Pai celestial e pedir-Lhe o alimento espiritual para sua alma.
15 — O CRENTE DEVE DAR VALOR A ÊSSE DIPLOMA DE HONRA QUE CUSTOU O SANGUE DE CRISTO NA CRUZ DO CALVÁRIO.

*
* *

Meu pai esteve alegre, extraordinàriamente satisfeito, naqueles últimos dias de sua vida. Sentia a satisfação do dever cumprido e aquela transbordante alegria de colher os frutos da árvore que plantou na Vinha do Senhor. Mas... não se cansava de dizer constantemente aos filhos,

aos amigos e aos crentes que mais de perto privavam com êle, que «muita cousa ainda precisava ser feita». O senso de responsabilidade daquele homem era grande e por isso achava que, apesar de excelente como o demonstravam os resultados, sua obra não estava completa. Sentia que seus dias estavam prestes a findar, mas não se entregava ao descanso. Continuava a lutar, certo de que era êsse o objetivo principal do homem em sua posição perante o Criador, especialmente do verdadeiro cristão. E como crente zeloso e fiél, tinha conciência de que «muitíssima terra ficou por possuir».

*
* *

No dia 2 de máio de 1935, aprouve a Deus chamar para si, para «viver» com Cristo e com os velhos amigos que já haviam partido dêste mundo, o seu fiél servo Manuel de Melo.

Antes de partir, chamou os filhos que se achavam em casa, deu-lhes instruções sôbre os negócios e exortou a todos a permanecerem fiéis a Cristo e à sua Igreja. Pediu a presença de alguns crentes, orou com êles e por êles. Despediu-se de todos e pediu que cantassem seu hino predileto, o 468 dos Salmos e Hinos:

Pátria minha, por ti suspiro
Quando, no teu bom descanso, eu entrarei?
Os patriarcas, de Deus amigos
E os bons profetas, fiéis, antigos
Já entraram na tua glória
Onde vêm em esplendor o Grande Rei.

Assim cerrou os olhos a esta vida para abrí-los dentro dos «muros de jaspe luzente», na Cidade Santa edificada além do «rio da Morte» e «juncada de áureos troféus...»

*

* *

No dia 15 de setembro de 1940, o Rev. Zaqueu de Melo, meu irmão e pastor da Igreja Presbiteriana de São João da Boa Vista, no Estado de São Paulo, prégou o sermão inaugural da capela das Perdizes, nas terras doadas por minha mãe, bem próximo do mesmo local se ergue até hoje a cruz de madeira onde a madrinha Lina fazia sua ardente invocação aos santos, pedindo o castigo do céu para os hereges.

Essa tocante cerimônia foi assistida por todos os filhos e netos de Manuel de Melo, com exceção de minha irmã Salomé, que se achava em Mato Grosso.

E lá estão hoje o templo, a casa pastoral e a escola paroquial, confirmando, num atestado vivo, o que foi o trabalho, o devotamento e a dedicação de Manuel de Melo para com o Evangelho de N.S. Jesús Cristo.

Bemdito seja o Nome do Senhor!

*

* *

E não sòmente no setor religioso suas atividades produziram benéficos resultados para aquele pedaço de terra que êle tanto amou. Até a estrada de ferro, que êle tanto desejava e para o que fez os maiores esforços junto aos políticos e á administração do município e do Estado, apenas quatro anos após sua morte, lá entrava rasgando as matas e sulcando aquelas plagas distantes em demanda do coração de Goiaz...

* *

*

No mesmo ano do falecimento de meu pai, nós estávamos tambem deixando a cidade de Patos e voltávamos

novamente a Patrocínio, onde meu marido estava sendo atraido pela miragem da política. Felizmente, em pouco tempo, começou a lecionar no Instituto Bíblico, fugindo a essa forma de tentações e se integrava novamente no meio e ambiente evangélicos.

Na terra natal de meu marido, nasceu nosso caçula, Carlos Márcio, o varão da família. Nossa luta continuava. Os encargos de família cada vez mais pesados, as responsabilidades cada vez maiores. Com as lutas, os sofrimentos, especialmente morais, pois Deus muito nos tem abençoado com relação à saúde.

Mas não tenho ilusões quanto a outras formas de sofrimento. Ninguém está isento. Nosso Mestre e Salvador nunca iludiu a êsse respeito: «No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu vencí o mundo».

Interrompo aqui esta narrativa. O que nos estará reservando o futuro? Não sabemos. Só sabemos é que as experiências do passado terão de nos servir no futuro e elas não foram poucas. Além das experiências, tenho fé. E tendo fé, tenho aquela cousa que é a última a bruxulear no coração humano: a esperança. Esperança em Deus nesta vida e esperança em Deus na outra vida.

E' possível que ainda tenhamos de enfrentar tempestade e vendavais. Nosso barco pode querer sossobrar. O céu pode se escurecer. Mas Deus estará por cima de tudo isto. «Seja Paulo, ou Apolo, ou Cefas, ou o mundo, ou a vida, ou a morte, ou o presente, ou o futuro, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus».

— FIM —

(A EDIÇÃO DÊSTE LIVRO É PROPRIEDADE DA ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA BENEFICENTE DE MINAS GERAIS. O LUCRO DESTINA-SE ÀS OBRAS DO HOSPITAL EVANGÉLICO MINEIRO, EM BELO HORIZONTE).

AO LEITOR BENÉVOLO

A precipitação dos últimos dias na impressão dêste livro, devida em parte ao grande atrazo de sua publicação, que há mais de um ano vem sendo anunciada, é a causa dos êrros de revisão que, infelizmente, não foi possível evitar.

Anotamos aqui os seguintes, além de outros «cochilos» que o leitor inteligente já terá observado, especialmente na acentuação de alguns vocábulos:

Na pág. 7 *linha* 22, *onde se lê: relaciam, lêia-se: relacionam.*

Na pág. 8 *linha* 1, *onde se lê: tampouco, lea-se: tãopouco.*

Na pág. 10, *linha* 33 *onde se lê: morejando, leia-se mourejando.*

Na pág. 17 *onde se lê: a cavalo, leia-se: o cavalo.*

Na pág. 27, *linha* 28, *onde se lê: eram feitas, leia-se era feita.*

Na pág. 159, *suprimir a linha* 28.

Na pág. 168, *linha* 1, *onde se lê: dêsse, leia-se: dêste.*